

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

MÁRCIO HEBER ANDRADE MENDONÇA

**Linguística e Topologia em Jacques Lacan: princípios de uma continuidade
epistemológica na formalização do sujeito**

Belo Horizonte

2021

MÁRCIO HEBER ANDRADE MENDONÇA

Linguística e Topologia em Jacques Lacan: princípios de uma continuidade epistemológica na formalização do sujeito

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Prof. Dr. Gilson de Paulo Moreira Iannini

Belo Horizonte

2021

150 Mendonça, Márcio Heber Andrade.
M5391 Linguística e topologia em Jacques Lacan [manuscrito] :
2021 princípios de uma continuidade epistemológica na
formalização do sujeito / Márcio Heber Andrade
Mendonça. - 2021.
107 f.
Orientador: Gilson de Paulo Moreira Iannini.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise - Teses. 3. Linguística
- Teses. 4. Topologia - Teses. 5. Lacan. Jacques, 1901-1981.
I. Iannini, Gilson . II. Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO MÁRCIO HEBER ANDRADE MENDONÇA

Realizou-se, no dia 28 de junho de 2021, às 10:00 horas, Online, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *Linguística e Topologia em Jacques Lacan: princípios de uma continuidade epistemológica na formalização do sujeito*, apresentada por MÁRCIO HEBER ANDRADE MENDONÇA, número de registro 2019659772, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Gilson de Paulo Moreira Iannini - Orientador (UFMG), Prof(a). Antônio Márcio Ribeiro Teixeira (UFMG), Prof(a). Paulo Marcos Rona (usp).

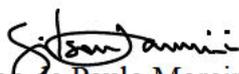
A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 28 de junho de 2021.


Prof(a). Gilson de Paulo Moreira Iannini (Doutor)


Prof(a). Antônio Márcio Ribeiro Teixeira (Doutor)


Prof(a). Paulo Marcos Rona (Doutor)

C'est le feu qui me fait votre immortel amant.

(Jacques Lacan)

Agradecimentos

A meu orientador, Gilson Iannini, por ter acolhido esta pesquisa e, desde o início, ter defendido o espaço para a sua realização. Realização esta que, além contar com as indicações fundamentais de apostar no inconsciente e de ter uma mesa grande para estudar, se valeu de muitas leituras finas e de diversas contribuições preciosas, pelas quais sou grato.

A Antônio Teixeira, pelas leituras e pontuações precisas que acompanharam esta pesquisa desde a banca de qualificação até o momento de sua conclusão. A Paulo Rona, não só pelas conversas que tive com suas referências ao longo da pesquisa, mas também por ter gentilmente aceitado o convite de compor a banca de defesa.

A Luís Couto. Um mestre, no melhor sentido da palavra.

A meus familiares, tanto das serras belo-horizontinas quanto dos cerrados goianos.

Aos amigos queridos, principalmente Débora, Mateus, Gabriel e André.

Ao grupo de orientação, colegas e professores(as) da UFMG com que encontrei no meio do caminho, essenciais para o amadurecimento desta pesquisa.

Agradeço imensamente pelo apoio financeiro e institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

MENDONÇA, M. H. A. (2021). *Linguística e Topologia em Jacques Lacan: princípios de uma continuidade epistemológica na formalização do sujeito* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

RESUMO

Esta pesquisa propõe verificar a hipótese de que há uma continuidade entre os campos da Linguística e da Topologia meio à formalização do conceito de sujeito feita pelo psicanalista francês Jacques Lacan. Para isso, inicialmente investigamos como Lacan se vale da linguística estrutural fundada por Ferdinand de Saussure, subvertendo-a, para propor uma releitura da psicanálise a partir da lógica significante. Perpassando pelas propriedades dessa lógica, vemos que uma de suas condições fundamentais é a relação diferencial entre os elementos que a estruturam, ou seja, os próprios significantes. Estes elementos, que são a base da retomada do programa freudiano por parte de Lacan para mostrar a importância da fala e da linguagem na psicanálise, são essencialmente articulados de forma espacial, como, por exemplo, nos mecanismos de metáfora e de metonímia. Adentrando propriamente às articulações de Lacan com a topologia, verificamos como alguns princípios dessa epistemologia já se encontram presentes desde o contato inicial com o movimento estrutural. Ao propor sua ideia de estrutura e, como efeito, o sujeito, Lacan se vê influenciado pela matemática para expor modelos de uma lógica que reconhece em si mesma limites, furos e deformações correlatas às que se apresentam também meio a prática clínica. Dentre esses modelos, elegemos a Banda de Moebius para averiguar as consequências dessa articulação epistemológica no que se refere ao ato analítico. Concluímos afirmativamente nossa hipótese, já que a estrutura do sujeito, conforme propõe Lacan, ao se valer da linguística, exige ser pensada também por uma perspectiva topológica, uma vez notada sua disposição a deformações espaciais – exemplarmente empregadas também no campo artístico.

Palavras-chave: Psicanálise; Lacan, Jacques; Linguística; Topologia; Sujeito.

ABSTRACT

This research proposes to verify the hypothesis that there is a continuity between the fields of Linguistics and Topology through the formalization of the concept of subject made by the French psychoanalyst Jacques Lacan. For this, we initially investigated how Lacan uses the structural linguistics founded by Ferdinand de Saussure, subverting it, in order to propose a reinterpretation of psychoanalysis from the significant logic. Going through the properties of this logic, we see that one of its fundamental conditions is the differential relationship between the elements that structure it: the signifiers themselves. These elements, which are the basis of Lacan's resumption of the Freudian program to show the importance of speech and language in psychoanalysis, are essentially articulated in a spatial way, as, for example, in the mechanisms of metaphor and metonymy. Going specifically into Lacan's articulations with topology, we verify how some principles of this epistemology are already present since the initial contact with the structural movement. When proposing his idea of structure and, as an effect, the subject, Lacan finds himself influenced by mathematics to expose models of a logic that recognizes in itself limits, holes and deformations related to those also presented as part of clinical practice. Among these models, we elected the Moebius Band to investigate the consequences of this epistemological articulation with regard to the analytical act. We conclude our hypothesis in an affirmative way, since the structure of the subject, as proposed by Lacan, using linguistics, requires to be thought also from a topological perspective, once its disposition to spatial deformations is noticed - exemplarily employed also in the artistic field.

Key-words: Psychoanalysis; Lacan, Jacques; Linguistics; Topology; Subject.

SUMÁRIO

0.0 INTRODUÇÃO	9
0.1 Estrutura da pesquisa	12
PARTE I	15
1.1 Estruturalismo, Saussure e a ciência.....	17
1.2 Destruição do sistema	22
1.3 Hiperestruturalismo e as propriedades mínimas da estrutura	29
1.4 Dois mecanismos essenciais: Metáfora e Metonímia	32
1.5 Aptidão do significante à localização	36
1.6 Subversões da estrutura por ela mesma	41
1.7 Uma volta a mais, aos princípios	43
1.8 Limites, desvios e novos caminhos.....	49
PARTE II	54
2.0 Topologia da obra lacaniana	55
2.1 Indicações genealógicas.....	58
2.3 A topologia desde o movimento estrutural	60
2.3 Algumas definições e localizações da <i>analysis situs</i> na psicanálise.....	67
2.4 Meio-dito, bem cortado.....	71
2.5 Não é metáfora?	73
2.6 Refração à integralização.....	76
2.7 Banda de Moebius	80
2.8 Interpretar: cortar e colar	82
2.9 <i>Sartor Resartus</i>	87
3.0 Considerações finais	94
3.1 Bellmer para a linguística	95
3.2 Clark para a topologia.....	97
4.0 REFERÊNCIAS.....	100
ANEXO - Recenseamento de referências à topologia nos Escritos e Outros Escritos de J. Lacan.....	103

0.0 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é uma investigação fundamentalmente teórica a respeito da noção de sujeito conforme proposta pelo psicanalista francês Jacques Lacan. Trata-se de verificar como ocorre tal formalização conceitual, principalmente nas décadas iniciais de seu ensino, a partir da apropriação e modificação que este autor realiza de elementos oriundos dos campos epistemológicos da linguística estrutural e da topologia para, assim, sustentar novos modelos operadores de uma clínica fundada nos terrenos da fala e da linguagem. Desde o início do programa de pesquisa lacaniano observam-se marcas que serão determinantes até o seu fim. Dentre estas, podemos situar a dialética de Hegel, pela via de Kojève; a linguística de Saussure, ao lado de Jakobson e Benveniste; e a indispensável antropologia de Lévi-Strauss. Deter-nos-emos, a princípio, neste segundo elemento para desenvolver a linha de percurso junto a qual este projeto se vê vertebrado.

Uma das principais contribuições que a linguística estrutural oferece a Lacan, se não a principal, é a diferença enquanto método elementar de combinatórias produtoras de sentido. Operando sobre este método uma redução à sua condição mínima, Lacan chega à fórmula *princeps* de seu ensino que propõe uma produção de significado sob a condição de um significante (S2) incidir de forma retroativa sobre um outro primeiro significante (S1). O que nos chama a atenção é que esta álgebra lacaniana já se encontra de alguma maneira fundada em princípios topológicos, uma vez que ela opera a partir de um jogo com as diferenças em função dos lugares de cada significante. Trata-se de uma estrutura topológica que aponta para o efeito de linguagem enquanto um efeito de posição (significante). Posteriormente Lacan (1973, p. 485) irá extrair maiores consequências dessa relação, deixando-a evidente, por exemplo, em *O aturdido* ao dizer que “a topologia não foi ‘feita para nos guiar’ na estrutura. Ela é a estrutura – como retroação da ordem de cadeia em que consiste a linguagem”. Desse modo, não se trata de uma metáfora dizer que a psicanálise opera com uma topologia significante, já que, é na estrutura da articulação linguageira e em suas transformações que ela pode colher as leis e os efeitos que regem as formações do que Lacan propôs como inconsciente.

Se Lacan em um determinado momento recorre à ciência da linguagem para privilegiar de forma incontestada essas tensões com a perspectiva significante, situado no centro do movimento estruturalista; em outro instante ele irá deixar clara a dissidência entre este campo recorrido e o da psicanálise, chegando ao ponto de forjar uma nova

palavra para dizer deste seu uso peculiar em relação a tal domínio – a saber, a *linguisteria*. Podemos nos questionar, por que Lacan deixou de dialogar com a linguística e recorreu a outros domínios como, por exemplo, o da matemática? O que Lacan nos diz, já em *Radiofonia*, é que, apesar de a linguística nos oferecer o aparelho com o qual uma análise opera, ela deixa de considerar o inconsciente – efeito deste aparelho (estrutura) enquanto combinatórias de significantes. Fica denotada sua decepção ao dizer, sobre a solicitação à Benveniste de um artigo para a revista *La psychanalyse*, que “essa carência do linguista, pude verificá-la por uma contribuição que pedi ao maior que existiu entre os franceses, para ilustrar o lançamento de uma revista de minha criação” (Lacan, 1970, p. 408).

Até aqui podemos nos assegurar em dois pontos para em seguida passar à nossa questão: (i) Lacan apropria-se de uma teoria do significante, a partir de Saussure, ao subverter o funcionamento do signo linguístico para dar uma ascendência ao significante sobre o significado e, dessa maneira, demonstrar o processo de significação como funcionamento de apreensão retroativa, também conhecido como *après-coup*, bem como suas relações de combinatórias diferenciais; e (ii) de maneira distinta à dificuldade apresentada pelo linguista, como citado anteriormente, Lacan formaliza e insere sua noção de inconsciente como efeito no próprio seio dessa estrutura de combinatórias significantes, meio aos tropos de linguagem. Ele insere o que denomina de sujeito lá onde este estava ausente, nos próprios limites do modelo em questão. Esses dois pontos, na verdade, são indissociáveis e indicam para um mesmo movimento no pensamento de Lacan. O que podemos constatar de maneira clara, a partir deles, é que nesse movimento trata-se de trabalhar com uma estrutura objetivável porém não totalizante, já que, se fosse o caso de Lacan tomá-la como fechada em uma completude absoluta, tal fato seria equivalente ao de rechaçar o próprio inconsciente. Afinal, seria um contrassenso pagar o preço da eliminação do inconsciente em favor de uma aquisição instrumental do pensamento estrutural, sendo que este conceito em si é um dos alvos basais de suas elaborações pautadas na valorização (ou revalorização) da fala e da linguagem no campo da psicanálise.

Se Lacan realiza em seu ensino a construção de espaços que podem ser tomados como paradigmáticos a certas relações fundamentais do interesse psicanalítico, em seu breve texto *Talvez em Vincennes* ele nomeia quatro destes aos quais os analistas devem levar em conta para encontrar a oportunidade de renovar sua experiência: a linguística, a lógica, a topologia e a antifilosofia. Concentramos o nosso olhar especialmente em dois

desses espaços, bem como em suas relações, ao notar que Lacan apresenta a estrutura na qual se fundamenta a noção de inconsciente por meio da linguística ao mesmo tempo em que traça caminhos pelo âmbito da topologia.

Talvez possamos acrescentar, agora, algumas considerações a respeito desse campo da matemática que trabalha com as propriedades não métricas do espaço e seus aspectos qualitativos como os de deformação, continuidade, corte, ruptura, entre outros. Por que motivo este campo teria interessado a Lacan? O que temos para oferecer como indício de uma reflexão inicial, certamente sucinta e insuficiente, é que trata-se da presença de tais propriedades de transformação nas próprias operações com a estrutura da linguagem com que a psicanálise lida em seu trabalho. Se Lacan passa pela linguística para definir a estrutura como articulação significativa, é para logo em seguida nos dizer que esta exige ser pensada em uma topologia. Ou seja, pensar em um substrato topológico que nos mostre de maneira clara o que implica para o sujeito falante ser radicalmente dependente da cadeia significativa que se encadeia como anéis, que se deixa furar e redobrar de diversas formas como a superfície de um papel ou que se pode cortar como uma fita unilateral para produzir novas configurações.

Levando em consideração tanto que a linguística utilizada por Lacan está imersa em princípios topológicos quanto que, de forma inversa, há a presença de uma base significativa implicada na experiência topológica articulada ao campo da teoria psicanalítica lacaniana, a qual comporta um fundamento estrutural; investigamos as consequências de proposições que, por exemplo, nos levam a apreender a interpretação como operações de corte e de colagem, ao significativo enquanto o que promove este corte que tem como fecho a significação e ao sujeito que possui sua estrutura como uma banda de Moebius na qual incidem tais operações.

Dessa maneira, apostando na ideia de que a linguística foi um apoio necessário ao posterior passo mais explícito que Lacan efetua em direção à topologia, uma vez que é deste campo primeiro de onde será retirada a noção mesma de estrutura, investigamos como o psicanalista francês realiza tais incursões para efetuar sua releitura da psicanálise criada por Freud, mais especificamente no que tange ao conceito de inconsciente. Enfim, o que buscamos fundamentar e esclarecer é a ideia de que há uma compatibilidade entre o recurso metodológico que Lacan faz à linguística e à topologia no que se refere ao trabalho de formalização do que se concebeu como o Inconsciente – ponto este que

curiosamente se apresenta como pouco explorado meio às investigações teóricas lacanianas, sendo abundante a produção feita sobre um campo ou outro, mas pouco colocada em evidência esta relação de continuidade entre ambos a qual, desta forma, elegemos como uma hipótese a ser verificada nesta pesquisa.

0.1 Estrutura da pesquisa

Propomos apresentar esta pesquisa em duas seções. Na primeira, Parte I, nos detemos principalmente no recurso que Lacan faz ao campo da linguística estrutural, fundado por Ferdinand de Saussure, bem como no posterior curso dado pelo psicanalista francês às articulações fomentadas pela conversa com tal domínio. Percorremos, assim, pela apropriação que Lacan realiza de uma teoria do valor em Saussure e sua subsequente subversão, incluindo tanto os elementos quanto as propriedades em jogo nesta teoria – a saber, do Signo conforme proposto por Saussure às combinatórias Significantes e suas consequências conforme nos propõe Lacan. Neste momento, notamos como o psicanalista irá trabalhar, a sua maneira, com a noção de estrutura, utilizando-se para isto o que chamamos de restos da linguística estrutural. Consequentemente, para além das continuidades e diálogos possíveis entre a psicanálise e a linguística, chegamos aos limites e cortes entre ambos os campos que, a nosso ver, se devem ao escopo laciano que se orienta pela prática clínica e, nesse sentido, pelos campos fundamentais da fala e da linguagem (para além da língua).

Um dos objetivos desta seção é mostrar que, neste uso laciano singular do conceito de estrutura, temos não só a inclusão da noção de sujeito (tanto aquele que fala quanto o campo em que Isso fala) mas também a passagem de uma certa estática à movimentação nas propriedades de funcionamento da linguagem. Ou seja, investigamos como Lacan coloca a sua máquina em movimento – este último termo nos será precioso uma vez que ele pôde nos auxiliar no teste de nossa hipótese que postula a presença de uma topologia desde o início do ensino laciano, mais especificamente, desde suas formulações a respeito desta estrutura, do funcionamento significante, enfim, de tal máquina que coloca em cena o sujeito.

Nesse sentido, apresentamos como Saussure formula sua concepção de Sistema, pautada no funcionamento de relações entre Signos e como Lacan opera com a Estrutura

baseada no funcionamento de encadeamentos Significantes. Em seguida, localizamos duas operações básicas e fundamentais da estrutura na obra lacaniana (metáfora e metonímia) para demonstrar que a questão capital destas operações, bem como da própria estrutura pelas quais elas se realizam, é um jogo de lugares – seja na metáfora, quando um significante ocupa o lugar de outro significante, ou na metonímia quando um significante se desliza para o lugar de outro significante.

O que buscamos nessa primeira parte então é apresentar o modo de funcionamento desta estrutura elaborada por Lacan que, como veremos, possui a condição de se sustentar em relações de locais ou de posições e por isso podemos dizer que ela é dotada de um substrato topológico. Nos apoiando no próprio Lacan (1960, p. 655), podemos dizer que “a questão é justamente abrir o pensamento para uma topologia, exigida pela simples estrutura”. Além disso, essa primeira parte da pesquisa abre caminhos e conflui com uma afirmativa de Mafra (2000, p. 179) que nos é de grande interesse: “O pensamento de Lacan possui em seu estilo uma ordenação topológica e isso é claramente apontado aos que o acompanham, muito antes que ele venha a utilizar a ciência da Topologia em suas construções”.

Assim seguimos à seção seguinte, Parte II, em que exploramos o campo dos estudos de superfícies, das relações espaciais e das articulações com lugares. Investigamos agora o recurso que Lacan faz à *analysis situs* para prosseguir com suas elaborações psicanalíticas. Perpassando inicialmente pelas confluências entre o movimento estrutural e a topologia, voltamos nosso olhar cartograficamente ao modo como Lacan se vale de tais confluências para propor uma estrita equivalência entre topologia e estrutura. Para isso, elegemos um único objeto topológico dentre vários trabalhados pelo psicanalista, sendo este a Banda de Moebius. Meio a diversas operações de cortes e colagem possíveis, elegemos articular nossa investigação com aquelas que mais dizem respeito à metodologia clínica psicanalítica, mais especificamente, ao ato analítico. Com efeito, colocamos em primeiro plano o argumento de que a lógica significante, conforme propõe Lacan, ao mesmo tempo em que recusa qualquer tipo de totalização por via de um pensamento esférico, exige ser pensada por uma outra via que abarque em si todos os limites internos próprios, todas as falhas, todas as deformações permitidas pela estrutura que coloca em cena o sujeito, sendo esta via em questão a própria topologia.

Relembrando que Freud nunca abandonou a pretensão de alocar a psicanálise ao campo da ciência da natureza, Milner (2010) nos diz que foi preciso elaborar os conceitos da psicanálise sobre um número de proposições empíricas elementares, tratadas a partir de dados da observação. Estes dados que são coletados de sonhos, de casos clínicos e da vida cotidiana, não são independentes da suposição conceitual da psicanálise na medida em que apoiam a sua validade na própria prática analítica. Mas para o autor “essa é a situação habitual” e podemos tomar como exemplo o campo da física, que se baseia em experimentos; contudo, todos os experimentos supõem uma física mínima. Aqui há uma circularidade, não há experimento sem um mínimo de teoria e não há teoria válida sem dados de experiência. Agora vem o que consideramos de interessante nessa argumentação de Milner: pode-se escapar dessa circularidade na medida em que se estabelecem independências locais. Ainda dentro da física, o exemplo dado agora é o da astronomia, que se baseia no telescópio, que por sua vez é baseado na ótica (um campo que, apesar de se enquadrar dentro da física, não depende da astronomia). O autor nos diz que essa independência local define uma instância de observatório e acrescenta ainda que:

É claro que Freud procurou incansavelmente tais observatórios; os dados de língua, entre outros, fornecem-nos para ele. O lapso e o chiste são testemunhas disso, mas também os sentidos antitéticos nas palavras primitivas, tais como descritos pelo linguista e egiptólogo Karl Abel (Milner, 2010, p. 8).

Nos arriscamos a dizer que Lacan também procurou incansavelmente essas independências locais, instâncias de observatório; exceto que não eram de fato independentes, se por isso também entendemos como desarticuladas. Bem como Freud recorreu à dados da etimologia para esclarecer algo dos processos inconscientes, Lacan recorreu à topologia para mostrar algo de sua estrutura.

PARTE I

A máquina rege o próprio regente.

(Lacan, 1957, p. 523)

1.0 Contato inicial com a linguística

No início dos anos 50 Jacques Lacan propõe uma nova reflexão na qual conduzirá a experiência psicanalítica pelos caminhos da fala e da linguagem. Retomando fundamentos freudianos que perdiam sua força meio a prática da época, Lacan realiza sua releitura de Freud por meio de uma nova perspectiva: a do significante. A partir de um encontro com o campo da linguística estrutural, Lacan apropria e subverte elementos que se tornam basais e indispensáveis a seu programa de pesquisa, deixando de lado, assim, os eixos biológicos nos quais a psicanálise fora criada para propor uma nova articulação com aquilo que é do âmbito da linguagem, ou seja, do campo simbólico.

Utilizando-se desse novo óculos para ler Freud, Lacan se desloca de um momento inicial em que há uma certa predominância do trabalho com o imaginário para o que ficou comumente conhecido como a supremacia do simbólico. Notamos esse deslocamento, por exemplo, ao levarmos em conta a passagem de um inconsciente como depositário de representações para uma outra noção que o caracteriza como pulsações temporais. Este segundo encontra-se intimamente ligado a um saber, ainda desconhecido pelo sujeito, advindo por rupturas nas conexões significantes e nos jogos de linguagem.

Nesse momento, nos deparamos com a tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Ou seja, Lacan propõe a concepção de um inconsciente que emerge no dizer e possui parentesco com a função simbólica, suas leis e propriedades. Assim, o analista trabalha com pontuações no dizer para que, por meio de aberturas na cadeia significante, o sujeito possa escutar suas próprias produções articuladas com algo da verdade de seu desejo. É um trabalho sustentado pela transferência, tomada como uma suposição de saber dirigida ao analista pelo analisante, que permite a este primeiro pontuar os ditos se encontram previamente estabelecidos em certas significações. Dessa maneira, pontuando um dizer que vacila, o analisante vai ao encontro com algo de um outro sujeito, do inconsciente. Este encontro se dá por meio da mensagem que o analista retorna, constituída a partir da fala do próprio analisante que, pela interpretação, a receberá de uma maneira invertida, alterada.

É por meio da alteridade, do Outro enquanto estrutura e tropos de linguagem, que o sujeito sabe o que ele mesmo diz. Nesse sentido, Lacan nos diz que “a presença do inconsciente, por se situar no lugar do Outro, deve ser procurada, em todo discurso, na sua enunciação” (Lacan, 1964, p. 848), isto é, neste ato mesmo de pronunciamento no qual o sujeito falante possui sua participação subjetiva.

Para discorrermos um pouco mais em relação a este inconsciente estruturado como uma linguagem, enquanto discurso do Outro, podemos passar por algumas considerações a respeito deste encontro com a linguística estrutural, que foi um dos campos decisivos a Lacan para o desenvolvimento de suas proposições e, dessa forma, esclarecer do que se trata dizer de uma perspectiva significativa.

Como ponto de partida podemos eleger o *Curso de Linguística Geral*, ministrado pelo linguista genebrino Ferdinand de Saussure entre os anos de 1907 e 1911. Considerado como o “pai da linguística” por Roman Jakobson¹, o que Saussure promove com seu curso é uma nova definição de objeto não empírico investigado pela ciência linguística – a língua – por via de uma construção epistêmica que incumbe em seu seio a noção de estrutura. Da mesma forma que Freud criou o Inconsciente enquanto conceito e objeto da investigação psicanalítica – apesar de esta palavra já estar presente na cultura antes de Freud – Saussure cria a Língua enquanto matéria da investigação linguística, em um novo estatuto teórico, apresentando como este objeto se encontra encarnado puramente em um funcionamento determinado, um sistema estruturado e operado com elementos fundados no princípio de relações diferenciais. Vejamos maiores consequências do contato de Lacan com este campo.

1.1 Estruturalismo, Saussure e a ciência

De acordo com Jean-Claude Milner (1980, p. 32) podemos dizer que “o estruturalismo, tal como é entendido aqui, volta a afirmar isto: toda linguística é por definição saussuriana”. Se podemos afirmar que Saussure era estruturalista, é porque reconhecemos que o conceito de estrutura opera em seu pensamento, seja ela enquanto um Sistema de Signos. Ao oferecer seu *Curso*, posteriormente publicado por seus alunos, o que Saussure fazia era elevar a linguística ao campo das ciências elegendo a língua enquanto seu objeto bem como definindo seu funcionamento a partir de um sistema de signos fundado em jogos diferenciais.

¹ Linguista russo, R. Jakobson (1896-1982) foi um dos pensadores mais influentes no desenvolvimento do estruturalismo. Toma conhecimento do Curso de Linguística Geral em 1920 e torna-se responsável por difundir o termo estrutura a partir de um encontro profícuo com o antropólogo Lévi-Strauss a partir de 1942. Seu contato com Lacan se deu em 1950. Cf. *História do estruturalismo*, Volume I, cap. 8, de F. Dosse (1993).

No entanto, o preço que Saussure paga para a inclusão da linguística no campo da ciência é a exclusão de uma parte da linguagem, a verbal. A língua, como um elemento regular e delimitável, trata-se apenas de um dos elementos inclusos em um todo heteróclito da linguagem que pode abarcar, ainda, a fala definida como o uso individual da língua. O que Saussure realiza então é a eleição de um objeto concreto operador para a sua teoria, que se desdobra no axioma da língua como um Sistema de Signos bem como suas consequências relativas, por exemplo, aos jogos relacionais e a dupla face constituinte deste elemento base fundamental. O que nos interessa aqui é notar que elementos excluídos desse recorte feito por Saussure serão fundamentais para Lacan e suas proposições referentes ao funcionamento da linguagem e, conseqüentemente, do inconsciente. Talvez não por coincidência o texto conhecido como fundador de seu ensino, *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, elege justamente isto que podemos chamar de restos da linguística estrutural em sua admissão científica. A respeito deste gesto de Saussure, Mafra (2000) nos diz:

Então, temos que o advento da Linguística enquanto ciência edifica-se ao distanciar-se dessa especulação sobre o Ser [...] Foi diante disso que Saussure afirmou a necessidade, para a Linguística, de elidir a fala do campo de suas investigações e demarcar o estudo da língua como paradigma que circunscreve, com seus princípios, sua ordem própria, erigindo a assunção da ciência. O olhar de Lacan detém-se em cada ponto dessas construções, constituindo uma relação entre elas e inserindo a Psicanálise nessa cartografia (Mafra, 2000, p. 180).

Se como nos diz Milner (1980, p. 61) “a língua como objeto da ciência se sustenta justamente no fato de não ser falada por ninguém cujo ser seja especificável”, trata-se de localizar aí precisamente a exclusão do sujeito que, em Saussure, faz fundar e sustentar o próprio conjunto de sua obra. O que está sendo deixado de lado nesta operação, em outras palavras, é o sujeito que toma a palavra e junto com isso a possibilidade de que ele se equivoque, ou que ocorra algum tropeço homofônico, ou ainda, que neologismos e encadeamentos com diversos sentidos sejam realizados. Estes elementos, que ficam de fora do jogo frente ao alinhamento à “demanda de que a língua não seja equívoca (Milner, 1980, p. 13), como sabemos, são caros à psicanálise lacaniana.

Não obstante, é claro que Lacan realiza a construção de sua lógica significante a partir dessa base criada por Saussure. Nesse sentido, talvez possamos até pensar que essas permutações entre a linguística e a psicanálise tenham se dado de forma moebiana, mesmo apesar da posterior dissidência resultante no que Lacan denominou de linguisteria. Milner (1995, p. 2) reconhece que o interesse da psicanálise se volta justamente às

dimensões da linguagem “que a linguística não trata” e ressalta que a importância da linguagem para a psicanálise se constitui propriamente nos limites da linguística. Nesse ponto o autor nos chama a atenção e fornece-nos um certo sustento à ideia de relações de borda entre a psicanálise e a linguística ao afirmar, no entanto, “que ao dizer limite, diz-se também contato constante” sendo que “Lacan forjou a palavra *linguisteria* para designar essa relação de proximidade e de heterogeneidade absoluta”.

Nesse movimento podemos nos lembrar, inclusive, que Lacan coloca Freud como o precursor de Saussure, chegando a afirmar que o inconsciente foi a condição da linguística. Na mesma página dessa afirmação, em *Radiofonia*, Lacan (1970) nos diz:

Vê-se como o formalismo foi precioso para sustentar os primeiros passos da linguística. Mas, ainda assim, foi pelos tropeços nos passos da linguagem, na fala, em outras palavras, que ela foi “antecipada”. Que o sujeito não seja aquele que sabe o que diz, quando efetivamente alguma coisa é dita pela palavra que lhe falta, bem como ímpar de uma conduta que ele julga ser sua [...] é essa, evidentemente, a ordem de fatos que Freud chama de inconsciente (Lacan, 1970, p. 403).

E ainda, como nos indica Mafra (2000) recorrendo a uma entrevista dada por Lacan a Paolo Caruso, logo após a publicação dos *Escritos*, em 1966:

Quando realiza uma análise do inconsciente, a qualquer nível, Freud sempre faz uma análise do tipo linguístico. Freud havia inventado a nova Linguística, antes que esta nascesse. O senhor me perguntava em que me distinguia de Freud: nisto, no fato de que eu conheço a Linguística. Ele não a conhecia e, portanto, não podia saber que o que fazia era Linguística, e a única diferença entre sua posição e a minha se baseia no fato de que eu, abrindo um livro seu, em seguida posso dizer: isto é Linguística. Posso dizê-lo porque a Linguística apareceu alguns anos depois da Psicanálise. Saussure a começou pouco depois de que Freud, na “Interpretação dos Sonhos”, tivesse escrito um verdadeiro tratado de Linguística. Esta é a minha distância de Freud (Caruso apud Mafra, 2000 p. 173).

O que nos é importante, e Mafra (2000) segue nos dando algumas indicações, é o fato de que a fala, em sua singularidade, é constituída por significantes que levam a marca tanto de um Real inapreensível quanto de efeitos enigmáticos que podem ser localizados em equívocos, duplos sentidos, neologismos, lapsos e outros tropos de linguagem já mencionados anteriormente. Assim sendo, vemos que o interesse e os fundamentos da psicanálise se reportam constantemente a uma “linguagem de um sujeito produzido pela fala. Sujeito que Freud propõe reintroduzir na ciência elaborando uma espécie de Linguística que, como Lacan nos aponta, ele próprio desconhecia” (p. 182).

Nas palavras de Lacan, a psicanálise não é uma filosofia com pretensões de dar a chave do universo e nem uma visão de mundo [*Wesltanschauung*]. Para o autor, a

psicanálise “é comandada por uma visão particular, que é historicamente definida pela elaboração da noção de sujeito. Ela coloca essa noção de modo novo, reconduzindo o sujeito à sua dependência significante” (Lacan, 1964b, p. 78). De acordo com Iannini (2013, p. 44), a operação que Lacan realiza a partir da década de 50 consistia em discutir os campos da teoria psicanalítica, do aparelho psíquico, da vida mental e da representação a partir dos campos da linguagem, do sujeito e do significante. Para o autor, em certa medida tal projeto “poderia ser visto como uma espécie de *linguistic-turn* aplicada à psicanálise”, sendo representada neste movimento a “passagem do paradigma da consciência, que domina a cena da filosofia moderna a partir de Descartes, ao paradigma da linguagem, do qual o século XX é, a um tempo, agente e testemunha”. No entanto, essa virada não seria algo como uma “superação da subjetividade moderna, mas sua plena realização” na medida em que o sujeito do cogito é subvertido a partir da linguagem, bem como é feito com o conceito de verdade por meio da leitura de Hegel e Heidegger.

Ainda com Iannini (2013, p. 43), o objetivo de Lacan ao inserir Freud na história da razão seria justamente o de mostrar a ruptura ali engendrada, sendo que temos assim, “não por acaso, o provocante slogan: a razão desde Freud”. Prosseguindo a respeito deste retorno ao sentido das descobertas freudianas, Lacan dá alguns passos além ao importar e utilizar de referências de forma transversal em relação às que já se situavam ali na criação da psicanálise. No entanto essas articulações e importações, da linguística à matemática (entre tantas outras), não são realizadas sem deformações:

[...] a linguagem incidirá, enquanto limite, na própria elaboração conceitual da psicanálise, implicando uma mudança decisiva em seu quadro de referências: não mais a biologia, a física ou a economia, que emprestam a Freud modelos de inteligibilidade, mas a linguística, a matemática, a etnologia, etc. Nem é preciso dizer que o recurso lacaniano a disciplinas conexas, como a linguística ou as matemáticas, nunca se contenta com o mero empréstimo conceitual ou de método. Ao contrário, toda importação pagará o devido tributo à especificidade do campo em que se vai instalar (Iannini, 2013, p. 43).

Com efeito, Iannini (2013) nos diz que Lacan realiza uma inversão radical da perspectiva do estruturalismo na medida em que a formalização da concepção de sujeito é condicionada pela própria ideia de estrutura, como veremos melhor adiante. Ou seja, desfazendo (ou, ainda, valendo-se de) qualquer incompatibilidade entre a concepção de sujeito e a de estrutura, Lacan postula que o primeiro é efeito das combinatórias desta segunda. Com efeito, tal formalização chega para descartar qualquer tipo de concepção naturalista, substancialista ou psicologizante do sujeito. Ainda com o autor, a respeito destas relações entre sujeito e estrutura bem como o recurso topológico que as apreende

mesmo que por meio dos paradoxos, oposições e incompatibilidades, temos a seguinte assertiva:

De fato, Lacan nos apresenta uma figura da ciência, a estrutura, que não depende da metalinguagem, mas de uma escritura que não se detém diante dos limites, dos paradoxos, dos impasses. É isso que permite operar com antinomias e paradoxos sem que impasses intimidem o pensamento. Foi uma operação dessa natureza que permitiu trabalhar a estrutura como o que engendra o sujeito: estrutura e sujeito opõem-se não apenas no plano epistemológico. Sua oposição é real e é esta oposição real que se trata de descrever nos dispositivos formais tais como as figuras topológicas (no caso, o oito interior) e o matema (Iannini, 2013, p. 228).

De acordo com Nancy e Labarthe (1991, p. 18), até antes de Lacan, as autoridades constituídas sob os nomes de ciência e filosofia partilharam de um “acolhimento” da psicanálise caracterizado por desconhecimento, negação, hostilidade declarada, anexação ou confisco do aparelho teórico. Para os autores, o que a intervenção de Lacan faz é romper com este sistema de acolhimento para permitir que a própria psicanálise realizasse suas intervenções no campo da epistemologia. Essas novas construções, que se davam na verdade como uma reconstrução do arcabouço teórico psicanalítico, andavam ao par da tentativa de remover a psicanálise de uma função ortopédica alocada no bojo de um psicologismo, o qual contava com o reforço do ego, a compreensão jaspersiana, o reforço das resistências narcísicas, entre outros elementos.

Assim Lacan se dá conta de que, para tal deslocamento, “a verdade de Freud exigia, para ser articulada, o recurso a outras ciências que não aquelas que pareciam delimitar seu campo (biologia e psicologia)” (Nancy; Labarthe, 1991, p. 20). Valendo-se de todo um sistema de empréstimos, Lacan funda uma cientificidade inédita e legítima ao dispor dos campos da linguística, etnologia, lógica combinatória, dialética, matemática e vários outros.

Sabe-se que desde Freud a razão sofrera um tipo de ruptura, um corte que não permite mais situarmos aí qualquer tipo de estabilidade na medida em que ela é marcada pela instância da letra, pelo inconsciente designado enquanto estrutura de linguagem. Assim, tomando o sujeito como fundamentalmente implicado nesta estrutura, Lacan vêm deixar evidente que os meios da psicanálise não são outros que os da fala em sua intersubjetividade e os da linguagem em sua transindividualidade.

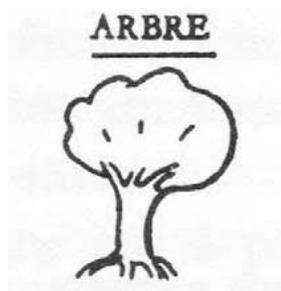
Para os autores, Lacan se alinha à uma ruptura epistemológica na medida em que ele não só propõe um tratamento de um novo objeto empírico (o significante a partir do desvio da ciência linguística) mas também postula um modo de cálculo por meio do

funcionamento algorítmico. Se é possível realizar aqui uma equivalência entre lógica algorítmica e lógica simbólica, é porque os limites do domínio estritamente matemático são ultrapassados. Nesta formalização proposta por Lacan, neste cálculo lógico, o que temos é essencialmente uma forma de tratamento do signo de Saussure. É nesse sentido que “algoritmizar o signo, se é que se pode arriscar tal expressão, será o mesmo, praticamente, que impedi-lo de funcionar como signo” (p. 42), sendo que este tratamento, então, não seria algo menos que a ação de uma “destruição”.

1.2 Destruição do sistema

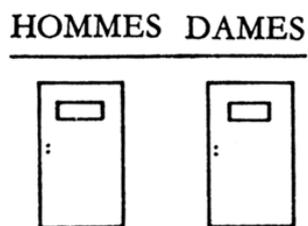
Em seu texto *Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, Lacan (1957) é enfático ao dizer que a experiência psicanalítica recebe da fala o seu instrumento e material, sendo que seu ensino se apresenta meio a urgência de que tal prática não se deixe distanciar de tal elemento. Nesse sentido, Lacan (1957, p. 498) nos diz que “para além dessa fala, é toda a estrutura de linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente”, sendo que o sujeito se encontra, antes mesmo de seu nascimento (por exemplo com sua nomeação), como servo de um discurso que já se encontra em movimento e ao qual ele será submetido em suas leis e efeitos. Desta forma, “as estruturas elementares da cultura” caracterizam-se por ordenações de trocas que são autorizadas ou não pelas permutações próprias à linguagem.

Em relação a linguística, Lacan (1957) afirma que ela é constituída e se sustenta a partir do momento em que, como ciência, ela apresenta o seu algoritmo fundador. Trata-se do signo, conforme proposto por Ferdinand de Saussure. É curioso notarmos que neste seu escrito Lacan não redige o algoritmo do signo conforme apresentado no *Curso de linguística geral*, mas nos diz que ainda assim “é legítimo lhe rendermos homenagem pela formalização S/s”. Ou seja, aqui Lacan já está efetivamente transformando o algoritmo saussuriano para nos mostrar que o significante não realiza qualquer representação codificada do significado, que o significante em si não responde a qualquer significação específica. É neste ponto em que podemos situar uma crítica feita sobre o positivismo lógico, que buscaria algo como o sentido do sentido. Como exemplo, Lacan apresenta primeiramente “a ilustração incorreta com a qual classicamente se introduz seu uso” (de tal algoritmo):



Fonte: Lacan, 1957, p. 502.

Logo em seguida o psicanalista francês nos fornece uma segunda ilustração com a qual ele substitui a primeira, dizendo ainda que esta pode ser tomada como mais correta na medida em que exagera “na dimensão incongruente à qual o psicanalista ainda não renunciou por completo” (Lacan, 1957, p. 502).



Fonte: Lacan, 1957, p. 502.

Junto a este esquema, Lacan nos fornece o breve exemplo de um irmão e uma irmã que, chegando de trem à estação (cada um em suas janelas), logo afirmam: “Olha!, diz o irmão, chegamos a Mulheres!”; “Imbecil!, responde a irmã, não está vendo que nós estamos em Homens?” (p. 503). Ou seja, o que está em jogo aqui é não somente os lugares que o significante e significado ocupam, mas também a ideia de que este primeiro é dotado de um “centro irradiante” com o qual “vem refletir sua luz nas trevas das significações inacabadas”. Em outras palavras, por situarem-se em lugares distintos e opostos, as crianças, cada uma, escolhem a inscrição correspondente a seu próprio lugar, sendo uma delas a exclusão da outra e vice-versa. Trata-se de notar que a posição é um elemento definitivamente associado à definição da lei como diferença. Com efeito, se Lacan nos diz que nas trevas das significações inacabadas há de se refletir a luz de um centro radiante, esta luz não provém de outro lugar que de um “uso puramente significante, puramente toponímico” (Nancy; Labarthe, 1991, p. 53).

Trata-se de mostrar como o lugar do significante e a diferença estabelecida por este a partir de seu lugar produzem precipitadamente um sentido. O que este esquema nos mostra é que no lugar do significado (conceito) que poderia ser ocupado, por exemplo, por silhuetas masculinas e femininas, duas portas idênticas aparecem, sendo esta uma evidência de que é o significante que vem efetivar a simbolização – é isto que Lacan chama de “entrada” do significante no significado. Esta simbolização, no entanto, só é efetivada por uma divisão dos lugares, ou seja, pela diferenciação implicada no próprio funcionamento significante. É nesse sentido que temos a seguinte afirmação:

Sobre esses lugares, aliás, o significante linguístico Homens/Damas não se inscreve para remeter diretamente ao significado (os “conceitos” de homem e de mulher), mas inscreve-se só a si mesmo como diferença. Ou seja, exatamente Homens≠Damas, isto é, a própria lei (Nancy; Labarthe, p. 50, 1991).

Dessa maneira, o jogo do significante, além de ser caracterizado pela materialidade, localização e simbolização, é instituído como marcas diferenciais “cuja relação é comparada, sabe-se bem, pela teoria da lógica simbólica à relação dos lugares numa topologia” (Nancy; Labarthe, 1991, p. 51). É por este motivo que “o conjunto Homens/Damas não tem a lei por significado, mas, por meio do espaçamento que constitui como tal, simboliza a diferença que a lei articula” (p. 52).

Dessa maneira, reconhecemos que Lacan trabalha com a pura função do significante a partir do algoritmo uma vez que “o algoritmo não tem sentido nenhum”. Ou seja, o algoritmo é carente de sentido pois o seu funcionamento associa-se à construção de uma cadeia formada pura e simplesmente por marcas diferenciais. Assim é que essas marcas “por si mesmas não marcam nada além de suas posições recíprocas e as relações (ou as combinações) por onde fabrica-se um sentido (que não se define ele próprio por nenhuma mira de um conteúdo ou de um significado, seja ele empírico ou de verdade)” (Nancy; Labarthe, 1991, p. 55). Fica evidente, então, que o significante se sustenta pelo princípio de oposição com relação a cada outro significante e que as suas condições estruturais estão em ele ser articulado por meio deste seu “caráter de ajustamento diferencial”.

Como nos indica Arrivé (1994), apesar de Lacan fazer sua primeira referência direta à Ferdinand de Saussure em seu *Seminário 3 sobre As psicoses*, desde seu *Discurso de Roma* encontramos o uso dos termos significante e significado. Aqui é preciso notar um ponto de distinção entre estes dois autores, já que a linguagem como a qual está

estruturado o inconsciente não se confunde com a linguagem tal como concebem os linguistas. Em Saussure, temos uma teoria do signo, que se caracteriza por uma articulação entre significante e significado; já em Lacan, temos uma teoria do significante, que enfatiza a manifestação deste elemento enquanto pura diferença e se distingue da concepção de signo.

Nesse sentido, podemos também situar a distinção referente à reciprocidade dual implicada nas unidades do signo saussureano e a duplicidade essencial no funcionamento da estrutura conforme trabalhada por Lacan. Ou seja, em Saussure temos uma dualidade, uma união recíproca entre significado e significante característica do signo que frequentemente é ilustrada de forma metafórica como se tratasse dos dois lados de uma folha de papel ou de uma moeda. Em Lacan pode-se dizer de uma duplicidade baseada na autonomia do significante em relação ao significado, uma vez que é necessário, no mínimo, dois significantes para que se produza um significado – se pensamos com algumas pequenas indicações topológicas, pode-se dizer que o significante, para Lacan, se desliza passando por cima do significado; dessa maneira, este deslizar não é passível de ser localizado no domínio fechado das dependências do conceito e da imagem acústica conforme elaborado por Saussure. O que Lacan faz, então, é questionar o próprio funcionamento de significação conforme elaborado por Saussure para subverter uma estrutura linguística de correlação unívoca e abrir espaço às produções equívocas no sistema simbólico das relações entre os falantes. Se relembramos o esquema conforme proposto por Saussure, temos o significante sob o significado:



Fonte: Saussure, 2012, p. 161.

Lacan faz desaparecer um paralelismo presente neste esquema ao dar um enfoque na barra que separa os dois elementos, tomando-a não como o indício de uma relação recíproca ou associativa (como a frente e o verso de uma folha/moeda) mas sim como uma barreira resistente à significação – ou seja, esta barra que vem como um corte introduzido no signo nos mostra que uma significação nunca está estática e

indissociavelmente evidente. É aqui que aparece a autonomização do significante enquanto consequência deste novo tratamento dado por Lacan. Vemos, então, como a ciência da letra instala-se na linguística e a destrói, permitindo, assim, ajustar uma teoria do sujeito à uma teoria da linguagem “sem relação com qualquer antropologia ou qualquer psicologia que seja” (Nancy; Labarthe, 1991, p. 40)

No entanto, podemos notar que apesar dessa destruição do signo linguístico, os conceitos deste ainda se manterão: significante, significado, significação, etc. O ponto fundamental de se ter em mente aqui, como nos dizem Nancy e Labarthe (1991, p. 45), é que se recusa todo o mal que “vem do fato de ter-se pensado a linguagem em relação à coisa” – mal que, a nosso ver, já havia sido recusado pelo próprio Saussure, uma vez que o seu sistema de signos deixa de lado a coisa em si (o referente, as relações com os objetos ou com o mundo) para pensar os elementos constituintes da língua e suas relações.

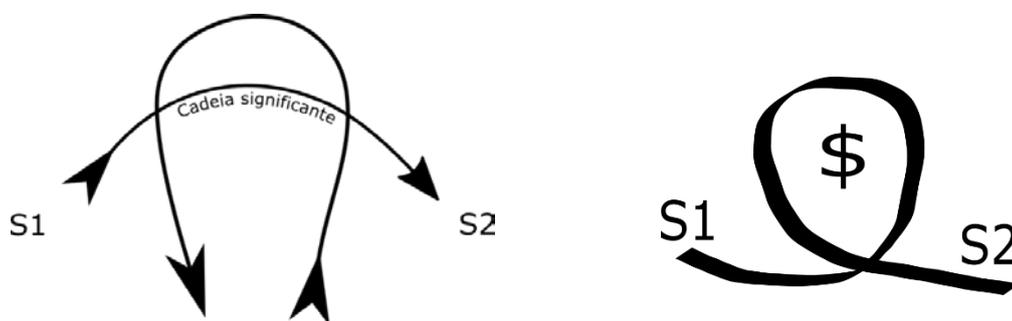
Lacan, ao enfatizar o papel da barra no algoritmo, situa aí essa impossibilidade de qualquer significação pré-determinada. Contando com a necessidade de se articular um outro significante para que o significado possa fluir por sob esta barra, vemos como “a estrutura significante está [...] em ele ser articulado”, sendo que “somente as correlações do significante com o significado fornecem o padrão de qualquer busca de significação”. Com essa propriedade de se estabelecer como “anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis”, Lacan (1957, p. 505) nos diz explicitamente que “afirma-se a necessidade de um substrato topológico” para tal articulação que fora denominada de cadeia significante.

Dessa forma, Lacan (1957, p. 506) propõe que é somente “na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento”. Ou seja, a palavra árvore do exemplo saussuriano não consiste em nenhuma significação inerente específica, sendo necessário, antes, um processo de passagem ao estágio do significado denominado por Nancy e Labarthe (1991) de significância. Para chegar a esta significância, Lacan toma os elementos da temática saussuriana correspondente ao funcionamento do signo (significante e significado) eliminando qualquer função de representatividade na operação de significação, conforme proposta pelo movimento de seu algoritmo. É por este motivo que Lacan se posiciona agudamente crítico à compreensão fenomenológica e não se deixa aprisionar pela ideia de um mero “comunicado qualquer dos fatos”. Trata-

se de extrair os efeitos das figuras de estilo e tropos que tal articulação significativa possibilita, bem como o advento de suas distintas significações:

O que essa estrutura da cadeia significativa revela é a possibilidade que eu tenho justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar *algo completamente diferente* do que ela diz. Função mais digna de ser enfatizada na fala que a de disfarçar o pensamento (quase sempre indefinível) do sujeito: a saber, a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade (Lacan, 1957, p. 508)

O que Lacan propõe ao subverter a noção de signo, então, é a separação entre significante e significado, em que, o significante não se encontra aprisionado nem submetido ao significado, mas, é ele mesmo que, a partir de articulações e efeitos retroativos, produz o significado. Ou seja, um significado não se atrela de forma colateral a um significante, mas sim, é efeito da substituição de um (S1) por outro (S2). Essa substituição de significantes possui como efeito o surgimento de sentido por retroação.



Fonte: Lacan, 1957-58, p. 17.

De acordo com Miller (1988, p. 31), por meio disso Lacan pôde dizer “que os efeitos de significado são criados pelas permutações, os jogos do significante”. A respeito desta apropriação e subversão lacaniana de elementos provindos da linguística de Saussure, Rona (2010) nos diz que:

Trata-se, no entanto, de uma teoria do significante modificada em relação àquela do linguista genebrino. Modificada, não somente pela introdução do sujeito lá onde ele estava ausente, do estruturalismo, nominalmente, nem tampouco, e somente, porque Lacan teria subvertido a unidade do signo linguístico, conforme Saussure, dando privilégio incontestado ao significante sobre o significado, mas, e também, porque seria nos limites da própria formalização estrutural que o enlace entre o significante e a estrutura faria referência ao sujeito lacaniano (Rona, 2010, p. 87).

Lacan abandona o signo enquanto casal significante/significado modelado pela oposição ativo/passivo para utilizar-se do conceito de significante e designar as propriedades da linguagem apontando que ela é a condição do inconsciente. O que temos neste novo horizonte, então, é um sujeito representado por um significante para outro significante. Ou seja, compreende-se o sujeito em um lugar de intervalo entre um significante mestre (S1) que o marca em sua singularidade e outros significantes que o representam por meio de uma relação contígua (S1-S2). Dessa maneira é um sujeito que, por meio de sua inscrição na ordem do significante, se encontra emaranhado às leis da linguagem e seu funcionamento. É isso que permite a produção de significações, em que, algumas delas escapam da intenção do dizer e indicam, nos tropeços da fala, para o sujeito do inconsciente.

A partir disso Miller (1988, p. 33) afirma que “o sujeito que fala não é amo e senhor do que diz”. Assim, quando o sujeito fala e pensa estar utilizando a língua, na verdade, é a língua que o utiliza pois sempre há algo a mais além do que se diz naquele dizer. Logo em seu *Seminário I* Lacan nos alertara a esse respeito:

Nossos atos falhados são atos que são bem-sucedidos, nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam. Eles, elas, revelam uma verdade de detrás. No interior do que se chamam associações livres, imagens do sonho, sintomas, manifesta-se uma palavra que traz a verdade. Se a descoberta de Freud tem um sentido é este - a verdade pega o erro pelo cangote, na equivocação (Lacan, 1953-54, p. 345).

Posto em xeque o esquema saussuriano e com isso a subordinação da constituição de um significante pelo significado, notamos que pela independência e preexistência deste primeiro (S), o segundo (s) se manterá em um deslize indeterminado, ou como nos disse Lacan anteriormente, em trevas inacabadas. Aparece, pois, uma questão razoável e bem colocada na seguinte passagem de *O título da letra*:

Se o significado não para de esquivar-se de ser presa do significante, se o significante não consiste nunca em tal ou qual significação pontual se nada para, aqui ou acolá, o movimento ou a submovimentação de um sentido sempre arrancado de si mesmo, transportado para fora de si – como se dar conta pelo menos do efeito de significação ou sentido? (Nancy; Labarthe, 1991, p. 62).

A essa questão Lacan responde com a sua formulação conhecida como “ponto de basta”. Apesar de ser considerado mítico por nunca encerrar efetivamente um significado, trata-se de uma interrupção dada em um momento específico, em um lugar específico na linearidade da cadeia significante, que realiza uma ancoragem da significação, a qual está

“sempre a ponto de deslizar fora de seu sentido pretensamente próprio” (Nancy; Labarthe, 1991, p. 63).

Para Nancy e Labarthe (1991), Lacan se refere a este ponto de basta como um dos fundamentos da faceta poética da linguagem, juntamente com o seu funcionamento paradigmático e sintagmático. É assim, valendo-se deste poder poético, do poder evocador da palavra, da alquimia do verbo e de uma bruxaria evocatória que Lacan retoma, em seu estilo, a árvore do exemplo saussuriano para nos dizer que:

[...] ela evoca, juntamente com o carvalho e o plátano, as significações de que é carregada em nossa flora, as de força e majestade. Drenando todos os contextos simbólicos em que é tomada no hebraico da Bíblia, ela ergue sobre um outeiro sem fronde a sombra da cruz. Depois, reduz-se ao Y maiúsculo do signo da dicotomia que, sem a imagem que historiza o armorial, nada deveria à árvore, por mais genealógica que ela se diga. Ó, árvore circulatória, árvore vital do cerebelo, árvore de Saturno ou de Diana, cristais precipitados numa árvore condutora do raio, será talvez tua figura que traça nosso destino no casco chamuscado da tartaruga, ou teu clarão que faz surgir de uma inominável noite a lenta mutação do ser no *hen panta* da linguagem (Lacan, 1957, p. 507)

1.3 Hiperestruturalismo e as propriedades mínimas da estrutura

Tentemos, ainda, examinar um pouco mais de perto a dimensão e as consequências dessa conversa com a linguística moderna no bojo do pensamento lacaniano. Valendo-nos de uma leitura cuidadosa que Jean-Claude Milner (2002) realiza da relação entre Lacan e o estruturalismo, a partir de seu livro *Le périple structural*, buscamos alocar algumas dessas consequências. Para este autor, Lacan deixa anunciado de forma evidente o seu interesse maiúsculo pela linguística estrutural. No entanto, o que ocorre não é o uso dos métodos próprios dessa disciplina, como os da comutação, rasgos distintivos, pares mínimos entre outros; mas sim, um interesse e apropriação sobre o eixo geral de que a linguagem possui propriedades.

Assim, podemos tomar a tese de que “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” atentos ao fato de que este inconsciente articula-se em uma linguagem dotada de uma estrutura demonstrada pela linguística, importando menos os procedimentos utilizados e estabelecidos por esta. Seguindo com Milner, aqui é relevante pontuar duas ideias prevalentes: (i) que para se conhecer a linguagem é preciso reter as propriedades mínimas de um sistema qualquer; e (ii) somente um sistema possui propriedades. É nesse sentido que Lacan busca nos mostrar que pode-se compreender melhor a definição de inconsciente ao colocar em evidência o seu funcionamento enquanto sistema a partir de suas menores e mais específicas propriedades. Podemos apresentar estes elementos de

uma maneira mais simples ao dizer que este sistema qualquer é o que se chama *estrutura* e a sua redução a propriedades mínimas é a denominada *cadeia*. É a partir disso que a linguística apresenta uma teoria empiricamente não vazia de cadeia e fornece seu elemento mínimo a Lacan para que este o utilize de maneira distinta frente a seu campo originário – a saber, o elemento significante.

Dessa forma, se a linguagem é caracterizada por ser dotada de propriedades de uma estrutura, dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem pode parecer uma afirmação circular, tautológica, redundante. Para não cairmos neste risco, Milner (2002, p. 147) nos diz que é preciso admitir uma conjectura hiperestruturalista – a de que “uma estrutura qualquer possui propriedades não quaisquer”. Aqui o autor nos diz que Lacan partilhava dessa admissão, sendo que uma de suas evidências situa-se no apêndice de *A carta roubada*, o qual nos apresenta a maneira como propriedades e regularidades podem surgir de um sistema com elementos de especificidades mínimas.

Também de acordo com Milner (2002), nenhuma das formas reconhecidas do estruturalismo admitem tal conjectura, e é por este motivo que Lacan se coloca como uma exclusão interna ao movimento estrutural quando se inscreve neste paradigma por meio de uma doutrina que o separa do mesmo (a doutrina significante) e que apresenta em seu programa a eleição de “propriedades não quaisquer de uma estrutura qualquer”. Por entre estas propriedades é onde Lacan irá situar a emergência do sujeito, sendo tal proposição apreendida na fórmula já apresentada anteriormente de que “o significante representa o sujeito para outro significante”. Ou seja, os desdobramentos analíticos, como o desta formulação, advêm de uma matriz geral calcada na própria noção de significante, que não representa qualquer coisa senão para – eis a propriedade mínima do hiperestruturalismo lacaniano.

Ainda com Milner (2002), notamos que no chamado hiperestruturalismo é preciso haver uma combinação de minimalismo epistemológico e de estruturalismo. Para o autor, Saussure faz uma eleição minimalista por meio do estruturalismo (a partir de sua ideia de signo), mas é a orientação lacaniana que explicita e extrai consequências disso. Aqui são eleitas ao menos duas teses do hiperestruturalismo: primeiro, em sua progressão teórica, é preciso realizar um programa de redução dos conceitos a seu mínimo necessário (Saussure, nesse sentido, não concluiu o caminho de se chegar a um termo último, reduzido); segundo, para que estas reduções ao mínimo ocorram, é necessário articular conceitos inéditos meio ao próprio estruturalismo. Para o autor, é impossível se definir o conceito de estrutura, mas somente demonstrar o seu funcionamento. Desse modo, ao se

tratar de estrutura, dizemos de um funcionamento mínimo, simples. É nesse sentido que Milner (2002) nos diz que Saussure toma o conceito de signo e ignora o de estrutura, fazendo uma substituição deste primeiro pelo segundo, que é indefinível.

O minimalismo requer operar uma redução. Lacan era hiperestruturalista pois não operava somente com elementos funcionais da estrutura, como por exemplo o sintagma e o paradigma², mas optou por ir além e eleger esta exigência crucial de um mínimo. Dessa forma, elege-se a estrutura mínima da *cadeia*. Esta, de maneira distinta ao paradigma e ao sintagma, não possui estratificação e é caracterizada como linear, ou ainda, *unilateral*. Ou seja, para o hiperestruturalismo não há estrutura senão o da cadeia em seu minimalismo e linearidade da qual podem ser extraídos os conceitos, por exemplo, de tempo lógico e de retroação. Sendo assim, ao tratar a frase estruturalmente como uma cadeia Lacan (1960, p. 820) nos diz que “ela só fecha sua significação com seu último termo, sendo cada termo antecipado na construção dos outros e, inversamente, selando-lhes o sentido por seu efeito retroativo”. É meio a esta mesma articulação que localizamos o “efeito de retroversão pelo qual o sujeito, em cada etapa, transforma-se naquilo que era, como antes, e só se anuncia “ele terá sido”, no futuro anterior” (p. 823).

É nesse sentido que podemos abordar o significante como o termo mínimo desta estrutura mínima e dizer que “não há cadeia senão significante e todo significante está em cadeia”, acentuando, mais uma vez, que “a linearidade é essencial ao significante” (Milner, 2002, p. 162). Aqui, Lacan extrai algumas implicações do termo significante ao tematiza-lo como pura ação. Esta ação é o que suscita suas propriedades não quaisquer encarnadas, por exemplo, no seu funcionamento linear de projeção da cadeia – lembremos novamente a tese do hiperestruturalismo: uma estrutura qualquer possui propriedades não quaisquer. Outra propriedade desta estrutura é que os termos que a formam são necessariamente distintos entre si, ou seja, “no dispositivo estrutural, todo elemento está em relação de oposição distintiva a si mesmo” (p. 169).

Esta antipredicatividade lacaniana foi importante para deixar de tratar o sujeito sistematicamente como atributo, por meio de uma ontologia das relações de identidade, para que este fosse tomado então como um rasgo, fora da dimensão da reflexividade. Ou

² Em linguística, Saussure define como Sintagma a ordem linear de sucessão em que os elementos da cadeia são combinados para a formação da fala – por exemplo, há uma sequência na frase “Hoje está quente”. Por outro lado, o Paradigma é definido como a própria possibilidade de escolha dos elementos, sendo que na combinação anterior as seleções também poderiam ser “Ontem”, “estava”, e “frio”. Temos, então, um eixo horizontal combinatório e um eixo vertical seletivo.

seja, a partir do elemento linguístico estrutural há uma substituição do princípio de identidade a si mesmo que postulava $A = A$, para sua inversão radical que propõe uma distinção e oposição intrínseca a todo e qualquer elemento, sendo assim que $A \neq A^3$.

Desse modo, se o princípio de identidade cede espaço ao princípio de oposição, o hiperestruturalismo lacaniano deixará explícitas as decorrências dessa substituição a partir do que se chama sujeito que, suportado pela cadeia, “só pode ser considerado em surgimento e desaparecimento – eclipse incessante” (Milner, 2002, p. 170). A partir disso Milner nos diz que o que a expressão “lógica do significante” vem demonstrar é esta “exigência de apreensão rigorosa” na qual “o hiperestruturalismo é o estruturalismo tomado ao pé da letra”. No entanto, para o autor, Lacan se encontrava sozinho neste movimento hiperestrutural que fora enunciado como “uma estrutura qualquer possui propriedades não quaisquer”, sendo que:

Só ao levar a sério a ruptura que Saussure introduzia na ontologia clássica, só ao levar a sério o caráter integralmente ativo do significante (por isso, como se sabe, ele extrai o partícipio presente – ativo – “Significante” do par significante e significado) e, portanto, o caráter integralmente ativo da estrutura, Lacan também se encontrará só em um sentido mais melancólico: os outros atores do programa permaneceram indiferentes à questão que ele colocava, quando não hostis à resposta que ele dava (Milner, 2002, p. 237).

1.4 Dois mecanismos essenciais: Metáfora e Metonímia

Referindo-se à *Ciência dos sonhos [Traumdeutung]* de Freud, Lacan (1957) afirma que nessa obra há de se notar que “o trabalho do sonho segue as leis do significante”, sendo que o retorno ao texto de Freud bem como a verdade da descoberta que este revela nos mostra “as leis do inconsciente em sua extensão mais geral”. Senão vejamos, como nos diz Lacan, a tópica desse inconsciente segundo as duas estruturas fundamentais de seu funcionamento: metáfora (condensação) e metonímia (deslocamento). Os efeitos da articulação que Lacan realiza com essas duas operações junto a conceitos da teoria psicanalítica serão diversos, como, por exemplo, o sintoma enquanto metáfora em que a significação é inacessível ao sujeito consciente e a metonímia enquanto característica dos trilhos do desejo que se mantém em reticências.

[...] fazê-los ouvir que, se o sintoma é uma metáfora, dizê-lo não é uma metáfora, nem tampouco dizer que o desejo do homem é uma metonímia. Porque o sintoma é uma metáfora,

³ Como exemplo desse princípio de distinção e oposição radical, podemos citar Gertrude Stein quando escreve “*Rose is a rose is a rose is a rose*”, sendo que os mesmos significantes possuem, cada um, distintas significações – sendo elas o nome de uma pessoa, o pretérito do verbo *to rise* [ascender], uma cor e, finalmente, uma flor. Ou ainda, se nos permitimos acrescentar mais dois significados a propósito do exemplo, pode-se tomar uma Rosa como elemento arquetípico da era romântica, ou então, dizermos de uma Rosa de Hiroshima. Enfim, *Rose ≠ Rose*.

que se queira ou não dizê-lo a si mesmo, e o desejo é uma metonímia, mesmo que o homem zombe disso. E é também para que eu convide vocês a se indignarem com o fato de, após tantos séculos de hipocrisia religiosa e fanfarronice filosófica, ainda não se haver articulado validamente nada do que liga a metáfora à questão do ser e a metonímia à sua falta (Lacan, 1957, p. 532).

Tentaremos demonstrar agora como há um funcionamento topológico nesses mecanismos basais ao inconsciente, o qual “não é o primordial nem o instintivo e, de elementar, conhece apenas os elementos do significante” (Lacan, 1957, p. 526).

A metonímia corresponde ao tropo de linguagem que mantém uma conexão deslocada entre duas palavras em um único significante. A metáfora, por sua vez, corresponde ao tropo de linguagem que realiza uma substituição condensada de um significante por outro na cadeia da fala. Lacan utilizou-se desses termos para articular pontos fundamentais da teoria psicanalítica, como por exemplo, o sintoma enquanto uma vinculação metafórica⁴ e o desejo enquanto um movimento metonímico, de incessante desalojo.

Freud	Jakobson	Lacan
Condensação	Metáfora	Sintoma
Deslocamento	Metonímia	Desejo

Com relação a metáfora, temos a sua apresentação na seguinte fórmula:

$$f \left(\frac{S'}{S} \right) S \cong S (+) s$$

Em que se lê: a substituição de um significante manifesto (S') por outro (S), os quais também possuem uma relação aproximativa, produz (+) uma nova significação (s). Trata-se da substituição de um significante por outro. Como exemplo, podemos pensar em um jogador de tênis que é forte, como um touro, que partilha dessa mesma característica; assim, pode-se metaforicamente dizer, quando este jogador entra em quadra, que “o touro chegou”.

⁴ Aqui podemos lembrar que Freud define o sintoma como uma “solução de compromisso”, o que também logo nos remete ao axioma da metáfora “uma coisa por outra” – “coisa” morta pelo significante, substituída por este.

$$\frac{\text{Jogador}}{\text{Forte}} \times \frac{\text{Forte}}{\text{Touro}} = \text{Jogador} \left(\frac{\text{A}}{\text{Touro}} \right)$$

Lacan (1957-58, p. 202) vem nos dizer que, “nesse caso, sempre se produz alguma coisa de novo, a qual, às vezes, é tão inesperada quanto uma reação química, ou seja, o surgimento de uma nova significação”. Essa nova reação química, em nosso exemplo, é a significação de que o jogador caracteristicamente forte entrou em quadra e, obviamente, não um touro (animal quadrupede). Lacan utiliza-se desta fórmula para desenvolver toda uma teoria a respeito da constituição do sujeito enquanto ser de linguagem⁵, a qual só podemos mencionar rapidamente.

Por outro lado, a fórmula da metonímia é apresentada desta forma:

$$f(S... S') S'' \cong S (-) s$$

Em que se lê: há uma valorização na conexão entre um significante com outro significante que, mantendo uma relação de aproximação e congruência, mantém a significação (s) ocultada (-) em outro lugar, alhures. Trata-se da ligação contínua de uma palavra em outra. O exemplo dado pelo próprio Lacan aqui é o de “trinta velas”⁶, em que o significante “barco” se mantém aí com uma presença ocultada.

Metáfora – Uma palavra por outra – Eixo paradigmático
Metonímia – Palavra a palavra – Eixo sintagmático
Metáfora: <i>a função de substituição de um significante por outro significante equivale à ultrapassagem da barra na criação da significação.</i>
Metonímia: <i>a função significante de conexão de um significante com outro significante equivale à manutenção da barra que retém o significado fora do alcance do significante.</i>

⁵ A fórmula desta teorização se encontra posta da seguinte maneira:

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left(\frac{\text{A}}{\text{Falo}} \right)$$

⁶ Para melhor esclarecimento deste exemplo, tal frase poderia ser complementada como “avistaram trinta velas ao mar”. Outro exemplo a respeito da metonímia pode ser notado quando uma pessoa está a buscar água para beber e uma outra lhe diz “poderia me trazer um copo, por favor?”, em que seu querer não se encontra efetivamente no copo, mas na água a qual ele porta e que se encontra ocultada em sua continuidade metonímica.

Sendo assim, se a questão do sujeito lacaniano nos introduz à função significante, vale notar então que “a função do sujeito é aquela que se analisa nos dois elementos da conotação que são a metonímia e a metáfora” (Nancy; Labarthe, 1991, p. 80). Não é sem razão que Lacan, como Freud, recorre ao gênero literário, que joga de maneira excepcional com os tropos “do poder ou da magia das palavras” (p. 83). Assim o é que “as referências literárias e o estilo ou a retórica de Lacan não são enfeite, mas pertencem à mais decisiva constituição de seu discurso” (p. 83), sendo que quando ele faz uma intervenção poética na teoria, como na passagem da árvore trabalhada anteriormente, tal intervenção não se mantém no campo discursivo e teórico em que foi realizada, uma vez que ultrapassa a barreira tênue entre epistemologia e clínica para nos mostrar o que efetivamente está em jogo, por exemplo, em uma intervenção analítica.

Dessa maneira, se Freud descobre o inconsciente enquanto tais efeitos de verdade sobre o homem que deixa de ser senhor da própria casa, Lacan nos mostra que esta produção se dá por meio da letra, ou seja, por toda a estrutura de linguagem que acaba por ser descoberta no inconsciente. Para realizar essa reconstrução de toda uma doutrina da verdade, o psicanalista francês se vale de um “sistema feito de empréstimos ou, antes, sistema de empréstimos que vimos ilustrar-se na constituição de uma trópica significante montada ou fabricada a partir, ao mesmo tempo, da retórica clássica, da linguística jakobsoniana, da poética pós-simbolista ou surrealista etc” (Nancy; Labarthe, 1991, p. 96).

O que nos interessa aqui é mostrar que as dimensões da produção ou do ocultamento do significado na metáfora e na metonímia, respectivamente, mesmo que aproximadas por uma relação de similaridade (\cong), não são mais do que efeitos de uma relação posicional pela qual os significantes se estruturam⁷. É desta articulação posicional permitida pela sintaxe da linguagem que Lacan se vale para nos mostrar como é possível operar com efeitos inesperados de sentido, exemplarmente empregados pelos poetas.

Toda essa perspectiva da qual Lacan se vale, a do movimento estrutural, vêm para dar corpo a uma teoria extremamente coerente e fundamentada a respeito do estatuto correspondente ao inconsciente. Se valendo de um tensionamento com estes dois

⁷ Apesar de apresentarmos didaticamente esses dois mecanismos de maneira separada, é preciso dizer que Lacan os entrecruza a todo o momento. Na metonímia, também ocorre substituição significante (‘velas’ no lugar de ‘barcos’); na metáfora; também ocorre ocultamento significante (o ‘forte’, mesmo que ausente na frase do exemplo anterior, está presente em uma conexão tanto com o touro quanto com o jogador).

mecanismos que já haviam sido trabalhados pelo linguista Roman Jakobson, Lacan os aborda no campo da psicanálise para nos mostrar algo da dinâmica dos significantes, combinados nas redes do discurso. Para o autor, é a dinâmica desses mecanismos que constituem os processos inconscientes, que Freud (predecessor da linguística) já havia descoberto e elaborado em suas investigações. O que nos interessa aqui é que esses processos de seleção, combinação, compressão, produção, ocultamento e diversos outros que são feitos com a matéria significante, nos mostram que há uma topologia desta dimensão movediça da linguagem.

Se Lacan nos propõe que o sujeito do inconsciente, na experiência analítica, se apresenta por meio dos sintomas, atos falhos, chistes e narrativas oníricas, é somente na medida em que consideramos o descompasso que ele revela no próprio meio pelo qual se apresenta. Assim sendo, quando somos advertidos que “é com o aparecimento da linguagem que emerge a dimensão da verdade” (Lacan, 1957, p. 529), trata-se de reconhecer a dinâmica da lógica (ou, essa lógica dinâmica) da linguagem por meio da qual a verdade vem marcar sua presença.

1.5 Aptidão do significante à localização

Lacan nos assinala, desde *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, que os conceitos fundadores da técnica psicanalítica só são passíveis de sentido caso sejam orientados pelo campo da linguagem e ordenados em função da fala, e que seu intuito, ao reler Freud, era de “apenas lembrar-lhes o *a, b, c*, desconhecido da estrutura da linguagem, e fazê-los soletrarem de novo o bê-á-bá, esquecido, da fala” (Lacan, 1953, p. 323). Retomando essas duas referências cruciais para a psicanálise, o psicanalista francês nos diz que a clínica será direcionada a uma liberação da fala do sujeito e que, para isso, ele será introduzido na linguagem de seu próprio desejo. Nesse sentido, trata-se de um trabalho com a linguagem no qual cabe ao analista “dar ouvidos ao não-dito que jaz nos furos do discurso” (Lacan, 1953, p. 308) e pontuar a fala do analisante, por meio da interpretação, apontando para uma articulação significante que de alguma maneira corresponde à lógica da verdade de seu desejo. Em *Instância da letra no inconsciente* Lacan (1957) não deixa de reiterar suas proposições em relação ao campo da fala e da linguagem para a psicanálise deixando mais do que claro o que é da ordem do

inconsciente – significante, e não o instintivo – bem como sua própria estrutura – de linguagem.

Para Deleuze (1972), em seu texto *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, somente há estrutura do que é considerado como linguagem e, por isso, só há uma estrutura do inconsciente na medida em que este (ou Isso) fala, ou então, só há estrutura dos corpos na medida em que eles falam com seus sintomas. Levantando a questão que dá título ao texto, o autor nos propõe passar por alguns critérios formais para que possamos situar ou reconhecer uma linguagem em algum domínio qualquer. Propomos passar de forma breve sobre esses seis critérios para em seguida nos determos nos elementos que nos interessam para a presente pesquisa.

São eles: 1º) o critério simbólico, tomado como a exigência de que a estrutura seja triádica, sem a qual não seria possível o seu movimento, sua circulação; 2º) o critério de local ou posição, em que os efeitos da estrutura serão efeitos do sentido de movimento, uma vez que seus elementos não possuem qualquer designação extrínseca ou significação intrínseca (já nos apoiando nas elaborações lacanianas: um significante, por si só e em si mesmo, não significa nada); 3º) o critério singular, com o qual notamos a exigência de relações distintivas entre os próprios elementos da estrutura; 4º) o critério diferenciador, em que se opera um processo temporal de atualização dos valores na relação dos elementos entre si⁸; 5º) o critério serial, que possibilita a ocorrência de deslocamentos na estrutura; 6º) o critério da casa vazia, que envolve um elemento paradoxal e variável, sempre deslocado em relação a si mesmo (um valor simbólico zero que circula na estrutura) – aqui, um dos exemplos recorridos pelo autor é o da carta presente no conto de Edgar Allan Poe, evocado também pelo próprio Lacan. Ainda levando em consideração este último critério, é curioso notarmos que Lacan não só realiza a elaboração de um conceito que opera neste lugar de deslocamento constante em relação a si mesmo (o objeto *a*, fundamentalmente implicado na operação de incidência da linguagem) mas também elege um objeto eminentemente paradoxal (a banda de Moebius) para nos mostrar a estrutura do que ele chama de sujeito.

⁸ Aqui podemos entender o terceiro e quarto critério novamente com o exemplo da passagem do poema de Stein (cf. p. 24): *Rose is a rose* [...]. O terceiro critério nos diz que os elementos mantêm uma relação de distinção entre si (mesmo sendo os mesmo significantes, cada “Rose” pode significar algo distinto de outra). Já o quarto critério nos diz do efeito de atualização que cada elemento toma a ao passar do tempo (ao passar do movimento), ou seja, os significados de cada “Rose” vão se atualizando, mudando. O que necessariamente nos leva ao critério seguinte.

Neste momento, o critério que mais nos chama a atenção é o segundo, de local ou posição. Com esse critério, seguindo as proposições de Deleuze (1972, p. 225), é possível extrair consequências que podem nos auxiliar com o trabalho de nossa hipótese, sendo uma delas a ideia de que “a ambição científica do estruturalismo não é quantitativa, mas topológica e relacional”. Nesse mesmo sentido, realizando uma referência a Althusser e seu livro *Lire le capital*, Deleuze vai nos dizer que:

[...] os verdadeiros “sujeitos” não são aqueles que vêm ocupar os locais, indivíduos concretos ou homens reais; também os verdadeiros objetos não são os papéis que eles desempenham e os acontecimentos que se produzem, mas antes os locais num espaço topológico e estrutural definido pelas relações de produção (Deleuze, 1972, p. 225).

Em outras palavras, o fundamental da estrutura é a sua topologia, os locais em que os significantes podem ocupar e se relacionar para produzir os significados, importando menos quais significantes sejam estes. Aqui podemos recordar que Lacan não afirma ser o sujeito precedente à estrutura mas, antes, tratar-se da própria máquina original que coloca em cena o sujeito (note-se, ainda, que o significante *cena* não deixa de nos remeter a uma operação de movimento, seja ela teatral, cinematográfica ou onírica). Reforçando essas proposições a partir de uma referência ao jogo de xadrez, por vezes recorrido pelo criador da psicanálise e utilizado como analogia ao tratamento psicanalítico, Silva (2012) afirma:

O “valor linguístico” do cavalo (ou qualquer outra peça), no jogo de xadrez não está ligado à sua forma material (imagem do cavalo), mas às suas posições no tabuleiro e aos movimentos que pode realizar. A rigor, o “cavalo” pode ser substituído por qualquer outra coisa (moeda ou pedrinha) desde que se respeitem posições e regras de movimentos previstas no jogo (Silva, 2012, p. 30).

Desse modo, quando falamos de estrutura, é preciso reconhecer que em suas propriedades há uma ordem de locais, de lugares. Uma ordem topológica sem a qual não poderíamos, por exemplo, dizer de um percurso pelas cadeias significantes ao longo de uma análise bem como de ressignificações ao longo deste percurso, sejam quaisquer significantes forem⁹. Assim sendo, uma das consequências deste critério é que o sentido, como efeito de linguagem, é um efeito de posição em que “não se trata de um local numa

⁹ Podemos lembrar que a fantasia, apresentada de alguma maneira como uma frase ao sujeito, como usualmente se diz, é atravessada. Travessia que não deixa de evocar novamente a ideia de um movimento. Ou mesmo quando se diz desconstrução e construção, a ideia de lugar e como o sujeito se encontra meio a uma relação de posições (seja como $\$$ e/ou a) está em jogo nessas operações.

extensão real, nem de lugares em extensões imaginárias, mas de locais e de lugares num espaço propriamente estrutural, isto é, topológico” (Deleuze, 1972, p. 225).

Além disso, para Nancy e Labarthe (1991) o que Lacan chama de materialidade do significante trata-se de uma certa “aptidão do significante para a localização, sua relação com o lugar”. Trata-se, no entanto, de uma localização que “estranhamente, é sempre uma “ausência em seu lugar”, se lugar tiver que designar um espaço na realidade objetiva – e seu caráter insecável – localização e insecabilidade que atribuem, então, uma materialidade singular ao significante” (p. 36). Tal proposição curiosamente nos remete à sexta condição apresentada por Deleuze e nos permite pensar que o próprio significante, material da estrutura, possui tal propriedade que se encaixa no critério de ser deslocado de si mesmo (ou vazio) – o que nos remete, ainda, a recordar que Lacan não afirma ser o sujeito representado por um significante, mas sim, ser representado por um significante para outro significante (o que conseqüentemente o coloca, como nos diz Milner (2002), em um estatuto de surgimento e desaparecimento constante, eclipse incessante).

Com efeito, a letra é matéria, suporte material do discurso do sujeito, mas não é substância. O sujeito para Lacan então é um mero servo da linguagem, submisso ao movimento de um discurso já em movimento desde antes de seu nascer. O inconsciente, definido então como discurso do Outro, torna-se desprendido de qualquer identidade consigo mesmo bem como qualquer alteridade simples para ser elevado ao estatuto de uma excentricidade e heteronomia radicais (Nancy e Labarthe, 1991, p. 38). Este Outro que não é outra coisa que as próprias regras do funcionamento da linguagem, evidencia toda a sua excentricidade e heteronomia ao “determinar-se em sua dupla função de verdade e de mentira”¹⁰ (p. 39).

Lacan nos apresenta então duas faces do significante, quais sejam, sua materialidade adjunta à aptidão para localização e a sua estrutura diferencial essencial. É nesse sentido que de acordo com Lacan (1957, p. 505) “um elemento essencial na própria fala estava predestinado a fluir nos caracteres móveis [...] a que chamamos letra, ou seja, a estrutura essencialmente localizada do significante”. Toda essa mobilidade atribuída ao funcionamento do significante pode ser posta, como nos dizem Nancy e Labarthe (1991,

¹⁰ Mais uma vez, vale lembrar que quando Lacan (1955, p. 411) coloca a verdade para falar, em seu texto *A coisa freudiana*, ela nos diz: “vagabundeio pelo que considerais como o menos verdadeiro em essência”.

p. 60), em uma ordem “definida por Lacan como uma *topologia*, quer dizer, uma pura combinação de lugares”.

Vale a pena lembrar, agora, que o horizonte em que está implicada toda essa articulação, sobre a qual vêm se assentar a lógica significante e que justifica nela o interesse do discurso psicanalítico, é toda uma teoria do sujeito. Se Lacan nos diz que o significante se faz presente no sujeito, é porque esta presença advém como um comando, uma ordem de subordinação à linguagem que o tira de qualquer “boa intencionalidade” do eu e do querer-dizer. Escuta-se frequentemente, seja dentro ou fora da análise, a frase “não era isso que eu queria dizer”. Ora, “é bem este “eu” que é, aqui, o sujeito de todas as ações, isto é, das operações significante: “eu” posso “significar” e ser “entendido”. Mas é preciso logo dizer que este sujeito não é o sujeito lacaniano” (Nancy; Labarthe, 1991, p. 74). O que efetivamente deve-se escutar, como Lacan nos alerta, é precisamente que, ao falar, este querer-dizer da língua pode significar totalmente outra coisa daquilo que se diz.

É nesse sentido que o querer-dizer pode ser medido pelo seu avesso, ou seja, pelo não-querer-dizer (“não era isso que eu quis dizer”) que, tomado como disfarce, como escondido ou em latência, permite encontrar uma verdade que não advém como qualquer adequação de sentido (“ser entendido”) mas como a própria deformação pela qual ela mesma pode falar sem que “eu” o saiba. Essa verdade que só depende do poder da fala aloja-se no próprio espaçamento da estrutura significante que, conforme vemos, é o habitat de toda a alteridade e deformação própria ao movimento de significância.

De que a letra é escrava? De uma verdade, nos diz Lacan. Mas a enunciação dessa verdade – a partir de que se ordena todo o jogo trópico e, com ele, toda a teoria do sujeito, compreendendo aí a teoria da verdade que a isso reporta – acarreta toda a lógica da letra numa nova articulação do discurso, pois Lacan a denomina: a verdade freudiana (Nancy; Labarthe, 1991, p. 85).

Para fazer essa verdade falar Lacan se opõe radicalmente a qualquer ideia de identidade subjetiva ao se apoiar na teoria dos jogos (ou seja, nas fórmulas de uma matriz combinatória de lugares), instituindo um sujeito “no e pelo significante” que se vê excluído de qualquer psicologia, existencialismo ou antropologia para ser definido enquanto efeito do próprio discurso e da relação com o Outro. Senão vejamos um pouco mais sobre como essas deformações próprias à estrutura são fundamentais à metodologia clínica psicanalítica.

1.6 Subversões da estrutura por ela mesma

Teixeira (2012), em seu texto *A prudência do psicanalista*, nos fornece algumas considerações interessantes a respeito da interpretação ao levar em conta sua relação com o cálculo, não algébrico, mas sim, circunstancial, operado conjugalmente com a avaliação do momento oportuno. Veremos como tais considerações nos são preciosas na medida em que tocam sobre o que escapa a essa perspectiva estrutural, calculável e formalizada em leis determinantes com as quais viemos trabalhando aqui. É este ponto, aliás, que nos parece ser com o que Lacan está preocupado ao passar por esta perspectiva mesma de formalização – como vimos, o interesse pelo o que há de fracasso na lógica, principalmente naquela que se pretende universal e absoluta.

Para Teixeira (2012, p. 70), apesar de cernirmos o sujeito por um ponto de vista formal e concebe-lo como um efeito calculável pelas determinações da lei simbólica, há de se considerar a “contingência inevitável da história particular” que aparece, por exemplo, quando um “certo elemento significativo, e não outro, recebe na fala um investimento pulsional de maior intensidade”. Com efeito, a prudência enquanto “cálculo da ação referido ao dado contingente de uma realidade prática” (p. 66) é cara ao método psicanalítico na medida em que “nenhum saber nos autoriza antecipar o efeito semântico do significativo ao qual a libido vai se ligar” (p. 71).

Isto posto, vale notar que se por um lado a psicanálise se interessa por este “elemento não tipificável do caso único, da singularidade que se apresenta em cada solução subjetiva”, por outro, ela não deixa de considerar também, “nos modos singulares de encaminhamento pulsional, o elemento invariante que se repete na história de cada ser falante” (Teixeira, 2012, p. 70). Assim, como que de maneira moebiana, o autor nos apresenta, a respeito da metodologia clínica, tanto a sua faceta que concerne ao contingente quanto a que concerne ao invariável em cada caso, sendo que “o elemento invariável que buscamos na história do sujeito [...] inscreve-se sempre no nível de uma contingência irreduzível a qualquer tipo de programação simbólica” (p. 71). Mais uma vez, o que achamos ser válido notar é que além de toda essa perspectiva estrutural, formal, algorítmica e calculável, a psicanálise opera exatamente com o que escapa a toda essa programação. Lacan, evidentemente, estava mais do que atento a tais questões,

colocando a sua noção de sujeito do inconsciente no bojo destas leis simbólicas predeterminadas.

O paradoxo, aqui evidente, encontra-se ligado à necessidade de se conceber o determinismo da estrutura sem abandonar a questão ética à qual responde a decisão do sujeito. Trata-se, em outros termos, de pensar a dimensão da responsabilidade sem cair na vertente enganosa do discurso libertário, como se o lugar da decisão devesse ser atingido no interior próprio do determinismo. Dali se explica que a doutrina lacaniana venha exigir uma topologia particular, destinada a tornar pensável o lugar ético da decisão ao modo de uma saída que se apresenta não fora, mas no interior da estrutura que nos determina como sujeitos (Teixeira, 2012, p.75).

Por que essa ideia de uma subversão da estrutura pela própria estrutura nos é de grande interesse? Pois, além de essa falha concernir à experiência psicanalítica, no que tange o tema desta pesquisa, veremos que Lacan não escolhe sem razão a banda de Moebius para equivaler sua estrutura à do próprio sujeito, uma vez que ela comporta em si mesma a possibilidade de transformação e deformação radical pelo corte.

Fazendo uma referência à Revolução Cultural Proletária na China, ocorrida na década de 60, Teixeira (2012) nos diz que Mao Zedong, organizando “um levante em massa da juventude de seu país contra os quadros de seu próprio partido”, insuflou a ideia de que “se poderia fazer uma revolução dentro da revolução, uma subversão da estrutura pela própria estrutura”, sustentando que “a verdadeira prática revolucionária deveria encontrar no interior da estrutura social em que ela opera, e não fora dela, como quer o discurso libertário, o princípio de sua mudança”. Para o autor, essa ideia vai de acordo com o programa anunciado por Lacan na década de 50 na medida em que o seu “retorno a Freud” não seria outra coisa que uma modificação do próprio Freud e sua teoria a partir de uma “releitura de seus textos originais” (p. 76). Nos permitimos trazer uma citação um pouco mais longa que pode elucidar melhor a questão:

É como se fosse possível encontrar, no interior da estrutura, e não passando ao largo dela, o princípio de subversão que a coloca em movimento, desmentindo o célebre slogan de maio 68 de que as estruturas não descem às ruas. Os acontecimentos de maio 68 vieram antes demonstrar a descida às ruas das estruturas, dirá Lacan, não sem acrescentar que a inscrição da frase demonstra que um ato desconhece a si mesmo. O que nos permite finalmente falar de uma descida à rua ou de uma ação da estrutura, para retomar uma expressão forjada pelo jovem Jacques-Alain Miller, por oposição à visão antes estática da estrutura concebida pela maior parte dos estruturalistas, é a consideração de uma falha interna da estrutura donde origina seu movimento. É preciso que algo no interior da estrutura escape às leis de sua determinação simbólica para que a experiência da estrutura possa de fato ocorrer (Teixeira, 2012, p. 76-77).

Ou seja, esta falha interna da estrutura que a coloca em movimento é o que não se deixa reduzir a “um puro efeito de dedução lógica” uma vez que “encontra-se indexada pela incidência pulsional do significante” (Teixeira, 2012, p. 77). Enfim é preciso,

portanto, reconhecer essa falha como uma “brecha que abre espaço ao contingente no discurso que determina o sujeito”, sendo que o saber do psicanalista enquanto corte prudente deve operar indicando esta própria brecha, esta falha interna da ordem que “se acompanha necessariamente de uma carga de afeto no nível de sua apreensão subjetiva, posto que se trata justamente das consequências ligadas à posição libidinal do sujeito” (p. 77).

1.7 Uma volta a mais, aos princípios

Optamos, agora, por insistir um pouco mais nas insistências de Lacan (1953) dadas no seu primeiro texto, *Função e campo da fala e da linguagem*, a respeito da urgência em se destacar o sentido de noções da psicanálise que, em sua época, enfraqueciam-se em um uso rotineiro. O risco que a experiência psicanalítica corria era o de perder qualquer possibilidade de conhecimento sobre seus fundamentos subjetivos bem como ter suas regras técnicas reduzidas a meras receitas, prescrições. Lacan (1957, p. 244) afirma ainda nesse texto que a tentação aos psicanalistas da época era a de abandonar o fundamento da fala e tomar como desinteressante o campo da linguagem – ou pior, tomar linguagens já instituídas para com isso direcionarem-se ao que o autor chama de “pedagogia materna, a ajuda samaritana e a mestria/dominação dialética”.

Para Lacan, ao contrário de uma experiência de comunicação que buscaria capturar o sujeito em uma objetivação plena, a experiência analítica consiste em uma captura fragmentária a partir da suspensão das certezas do sujeito.

O psicanalista sabe melhor do que ninguém que a questão aí é ouvir a que “parte” desse discurso é confiado o termo significativo, e é justamente assim que ele opera, no melhor dos casos: tomando o relato de uma história cotidiana por um apólogo que a bom entendedor dirige suas meias-palavras, uma longa prosopopeia por uma interjeição direta, ou, ao contrário, um simples lapso por uma declaração muito complexa, ou até o suspiro de um silêncio por todo o desenvolvimento lírico que ele vem suprir. Assim, é uma pontuação oportuna que dá sentido ao discurso do sujeito (Lacan, 1953, p. 253).

Em outras palavras, temos aqui as diversas formas com que se pode cortar uma sessão, suspende-la e, com isso, recortar uma “parte” significativa desse discurso. Os efeitos de tal ato são diversos; susto, riso, espanto, choro, raiva, alegria, etc. É com este corte em “tropeços muito ligeiros” que a análise colhe o que há de precioso no uso dessa

“têssera”, ou seja, da linguagem em seu valor de troca¹¹. Por isso não se trata de uma atenção direta e tentativa de compreensão ao que é comunicado, mas sim, uma atenção difusa que consegue abordar a função da fala “por seu aspecto mais ingrato” e com isso captar as dissonâncias de suas fragmentações. Isto que Lacan chama de aspecto ingrato da função da fala trata-se da fala vazia, em outro momento denominada também de moinho dos ventos ou ronronar da repetição, o blá-blá-blá em que o sujeito aparenta falar em vão. É “pescando” algo desse lago de vento que o analista irá fazer algo da verdade aparecer, importando menos a realidade dos fatos relatados. É nesse sentido que Lacan afirma: “Sejamos categóricos: não se trata, na anamnese psicanalítica, de realidade, mas de verdade, porque o efeito de uma fala plena é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir” (Lacan, 1953, p. 257).

Uma definição de inconsciente neste texto é formulada por Lacan (1953, p. 260), como ele mesmo diz, de maneira simples: “O inconsciente é a parte do discurso concreto, como transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente”. Além disso, Lacan (1953, p. 263) afirma que “o que ensinamos o sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história”, bem com os acontecimentos traumáticos/censurados que a compõe. É nesse sentido que podemos situar aqui o poder das palavras, frente ao qual os psicanalistas devem estar bem posicionados para maneja-lo. Este poder da palavra, como dito anteriormente, é o princípio do tratamento, o único material, sobre o qual, ao se tocar, modifica as amarras do ser. É com esse jogo de transformações operados sobre a estrutura da linguagem que a psicanálise lida, sendo que a topologia pode nos auxiliar mostrando a sua dinâmica.

É também retomando a via régia do inconsciente, isto é, o sonho, que Lacan propõe resgatar o sentido da experiência psicanalítica inaugurada por Freud; mostrando que nessa formação o que temos é a estrutura de uma frase. Nesse momento de seu ensino, o psicanalista francês é mais do que insistente em mostrar os mecanismos dessa estrutura como mecanismos de linguagem, como observa-se na seguinte frase:

[...] Elipse e pleonasma, hipérbato ou silepse, regressão, repetição, aposição, são esses os deslocamentos sintáticos, e metáfora, catacrese, antonomásia, alegoria, metonímia e sinédoque, as condensações semânticas em que Freud nos ensina a ler as intenções ostentatórias ou demonstrativas, dissimuladoras ou persuasivas, retaliadoras ou sedutoras com que o sujeito modula seu discurso onírico (Lacan, 1953, p. 269).

¹¹ Vale lembrar que Lacan, em outros momentos, também cunha a expressão “feira da linguagem”, a nosso ver, situando aí exatamente esse valor de troca.

A influência da perspectiva simbólica e da estrutura da linguagem nesse momento da obra lacaniana é de fato intensa, sendo que o autor chega a nos dizer inclusive que “está perfeitamente claro que o sintoma se resolve por inteiro numa análise linguajeira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser liberada”, sendo ainda “na linguagem [...] que reside tudo o que a análise revela ao sujeito como seu inconsciente” (Lacan, 1953, p. 270-1). É evidente que tais postulados serão retomados mais tardar sob outras perspectivas, revisados e até mesmo alterados. No entanto, não é pelo motivo de haver algo além dessas colocações iniciais e fundamentais ao discurso psicanalítico que se pode desconsiderá-las. Não é por haver uma segunda tópica em Freud que a primeira se torna inútil, nem por haver um tal ultimíssimo Lacan que o primeiro se configura como obsoleto. Há de se reconhecer sobretudo que o primeiro Lacan estará presente até o último e o último já se encontra presente também desde o primeiro.

Nesse texto princeps de sua obra fica evidente então que para Lacan (1953) “a lei do homem é a lei da linguagem”. É nesse sentido que o autor faz uma inversão da inversão goetheana que afirma “no início era a ação” e articula-a ao dizer que “era realmente o verbo que estava no começo, e vivemos em sua criação, mas é a ação de nosso espírito que dá continuidade a essa criação, renovando-a sempre”. Ação do espírito, ação da historicização, ação da estrutura.

Pois a descoberta de Freud é a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica, e do remontar de seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização no ser. Desconhecer isso é condenar a descoberta ao esquecimento (Lacan, 1953, p. 276).

Essa submissão à lei primordial, à ordem da linguagem pelo homem, mostra também a influência de Lévi-Strauss no pensamento de Lacan, uma vez que ao referir-se aos efeitos desse simbólico, prontamente são evocadas as estruturas do complexo de Édipo e o movimento complexo de aliança nas estruturas elementares de parentesco. Nosso objetivo aqui não passa por discorrer a respeito dos diversos desdobramentos destas formalizações, mas sim ao passo da demonstração de que o ponto capital a elas é a relação de lugares que a comportam, seja elas o “das relações, no sujeito, entre a fala e a linguagem”.

A função do *lugar* e da *posição* já se vê por todos os lados em tais articulações. Com efeito, esse sujeito referido por Lacan (1953, p. 281), como o próprio autor nos diz, “é mais falado do que fala”, não somente por conta dos efeitos do inconsciente, mas também porque já se encontra conjugado em uma espécie de rede total mesmo antes de nascer. É nessa conjugação simbólica, situado socialmente em um lugar que lhe fora conferido pela cultura, que o sujeito será gerado “em carne e osso” trazendo consigo o “traçado de seu destino”, sendo como que marcado por palavras que “farão dele um fiel ou um renegado”. Dando passos junto tanto à linguística como à antropologia, Lacan se vê fascinado pela “função dos pares de oposição compostos pelos menores elementos discriminativos”, seja esta uma referência aos fonemas ou aos mitemas. É pela via desta formalização rigorosa que Lacan propõe:

Cabe a nós aparelharmos para encontrar aí nossas incidências, como já faz, por estar numa linha paralela, a etnografia, decifrando os mitos segundo a sincronia dos mitemas. Não é patente que um Lévi-Strauss, ao sugerir a implicação das estruturas da linguagem e da parte das leis sociais que rege a aliança e o parentesco, já vai conquistando o terreno mesmo em que Freud assenta o inconsciente? (Lacan, 1953, p. 286).

Dessa maneira, guiado por disciplinas que tocam em elementos referentes ao cerne do discurso analítico, Lacan (1953, p. 289) nos propõe nesse momento acrescentar a retórica, a dialética, a gramática e a poética à lista que Freud apresenta como os ramos do conhecimento complementares à psicanálise (crítica literária, história da civilização, mitologia e psicologia das religiões). É com essas misturas, articuladas com precisão, que o pensamento lacaniano vem declarar que “reconduzir a experiência psicanalítica à fala e à linguagem, como a seus fundamentos, interessa sua técnica” (p. 290).

Referindo-se a Freud, o autor prossegue apontando que o criador da psicanálise além de conhecer o mecanismo da resistência em uma análise, servia-se dela “como uma disposição propícia ao acionamento das ressonâncias da fala [...] para implicar o sujeito em sua mensagem” (Lacan, 1953, p. 292). Trata-se, dessa maneira, de fazer valer essa implicação a partir daquilo que Lacan chama de jogo com “os múltiplos alcances da divisão que a fala constitui nos registros da linguagem”. Para isso, prossegue Lacan, foi preciso recorrer aos princípios que regem o efeito da fala de Freud na medida em que ela demonstra tornar “caduca” a ideia de uma busca de conscientização a partir de um “processo verificador” pautado na postulação de que “tudo o que é racional é real” – trata-se aqui de uma referência à dialética da consciência de si conforme postulada por Georg Hegel.

Ora, se podemos considerar tais suposições como caducas, é pelo motivo de a psicanálise ter objetado “qualquer referência à totalidade no indivíduo, já que o sujeito introduz nele a divisão” (Lacan, 1953, p. 293). Esse sujeito com o qual a psicanálise lida, Lacan é insistente, só pode ter a sua fala liberada ao ser introduzido na linguagem de seu desejo, ou seja, ao ser referenciado pelos campos da fala e da linguagem para ser assim situado “na *linguagem primeira* em que, para além do que ele nos diz de si, ele já nos fala à sua revelia” (p. 295).

Neste momento Lacan (1953, p. 296) faz uma referência tanto ao personagem Humpty Dumpty¹², de *Alice no espelho*, quanto ao *dhvani*¹³ da tradição hindu para situar algo desta “propriedade que tem a fala de fazer ouvir o que ela não diz”. Nesse sentido, a renovação da técnica interpretativa, conforme Lacan (1953, p. 295) propõe neste momento, se daria pelo “retorno ao uso dos efeitos simbólicos”, na medida em que “o analista pode jogar com o poder do símbolo, evocando-o deliberadamente nas ressonâncias semânticas de suas colocações”. Tais colocações, as quais se faz ouvir os efeitos de sujeito em uma análise, são radicalmente opostas à ideia de uma “linguagem-signo” contra a qual Lacan se posiciona de maneira assiduamente crítica. Não se trata meramente de uma comunicação codificada como ocorre no reino animal, não há fixação, a linguagem não se mantém em uma estática sem a interferência e sem as inversões de suas trocas intersubjetivas. É nesse sentido que “à medida que a linguagem se torna mais funcional, ela se torna imprópria para a fala e, ao se nos tornar demasiadamente particular, perde sua função de linguagem” (p. 300).

Neste texto, notamos que Lacan emprega mais de uma vez a ideia de *ressonâncias* da linguagem. O uso de tal palavra pode nos remeter alusivamente à cena de uma pessoa gritando dentro de uma caverna, procurando escutar os ecos de sua própria voz. É curioso, pois, é como se o eco daquele que grita chamasse, de alguma maneira, propriamente

¹² “Quando eu uso uma palavra,” disse Humpty Dumpty, em um tom desdenhoso, “ela significa justamente o que eu escolhi que significasse – nem mais, nem menos”. “A questão é,” disse Alice, “se você pode fazer palavras significarem coisas tão distintas”. “A questão é,” respondeu Humpty Dumpty, “de qual ser mestre – isso é tudo” (Carroll, 1872, p. 72, tradução livre). Essa passagem nos é interessante pois, logo antes de fazer sua referência ao personagem de Carroll, Lacan (1953, p. 289) afirma que “nós, porém, lidamos com escravos que se tomam por mestres e senhores e que encontram numa linguagem de missão universal o esteio de sua servidão, com os grilhões de sua ambiguidade”.

¹³ Em *A Dictionary of Hinduism*, de Johnson (2009), *dhvani* é definido como a articulação do som derivada de uma manifestação discursiva. De acordo com o autor, na teoria poética sânscrita, há uma distinção entre o mero som e o *dhvani*, sendo este último um meio de evocar emoções no ouvinte através da ressonância ou da sugestão. *Dhvani* também pode significar trovão.

aquele que a pronuncia a escuta-la. O ponto dessa breve alusão que trazemos serve-nos para localizar aquilo que Lacan chamou de *responsabilidade* do analista ao intervir pela fala. Esta intervenção vem de um espaço deixado para o retorno, lugar de onde o analista, uma vez evocado, responde reconhecendo que, nessas transformações da linguagem, ali terá estado¹⁴ o sujeito. Com efeito, Lacan (1953, p. 301) afirma que “a função da linguagem não é informar, mas evocar” e, como vemos, o que se evoca é este Outro enquanto deformador (transformador e recortador) de uma mensagem, sendo assim que “é pela intersubjetividade do “nós” que ela assume que se mede numa linguagem seu valor de fala” – ou como dito anteriormente, a tésseira da fala meio a feira da linguagem.

Ainda com relação a nossa breve alusão formulada anteriormente, Lacan (1953, p. 308) nos diz que “sem dúvida, temos que dar ouvidos ao não-dito que jaz nos furos do discurso, mas isso não é para ser ouvido como pancadas desferidas atrás do muro”, inclusive porque estamos do mesmo lado do muro que o paciente, isto é, o muro da linguagem. Com efeito, “estamos em nosso lugar, isto é, do mesmo lado que o paciente, e é nesse muro, que é o mesmo para ele e para nós, que tentaremos responder ao *eco de sua fala*” (p. 317, grifo nosso).

Esta resposta ao eco da fala do paciente será definida por Lacan (1953, p. 315) como uma pontuação. Sua referência principal para discorrer sobre este ato são os textos canônicos chineses ou mesmo a Bíblia, em que “neles, a ausência de pontuação é uma fonte de ambiguidade, a pontuação colocada fica o sentido, sua mudança o transforma ou transtorna e, errada, equivale a altera-lo”. Para o psicanalista, o que está em jogo é dar à fala do sujeito a sua pontuação dialética, sendo que a suspensão da sessão pode ser experimentada como uma das formas de pontuação. Lacan nos diz ainda que as sessões curtas, método consequente da aplicação desses cortes, mostram que o sentido dialético em sua aplicação técnica converge e partilha com os princípios da técnica chamada de *zen*¹⁵, em que o discurso é rompido “para parir a fala”.

Chegando ao final desse texto temos uma frase já bastante conhecida de Lacan, na qual ele sugere antes renunciar à prática da psicanálise quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. No entanto, é preciso que não nos

¹⁴ Conjugação aparentemente infamiliar e pouco usual, o futuro do presente composto do verbo estar é utilizado por Lacan para nos fornecer mais uma de suas definições do sujeito e sua característica de evanescência.

¹⁵ A respeito deste ponto, não podemos senão remeter ao livro *Lacan chinês: Poesia, Ideograma e Caligrafia chinesa de uma Psicanálise*, de C. Andrade (2016).

esqueçamos das razões de Lacan tê-la pronunciado, que é o que logo se segue quando somos advertidos de que seria impossível fazer de nosso ser (enquanto psicanalistas) o eixo de tantas outras vidas caso desconheçamos a dialética que compromete tais vidas meio ao movimento do simbólico. É dessa forma que é preciso por parte do psicanalista que ele “conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas” para que seja capaz de realizar o que o autor chama de um manejo poético da linguagem, como vemos na seguinte passagem:

A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou à sua imagem. Ele maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ele os faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém (Lacan, 1953, p. 323).

Meio a tal continuidade da linguagem, que é metaforizada por Lacan como uma “obra contínua de Babel”, podemos situar o dom da fala, o qual, prossegue o autor, define um espaço em que basta para localizar a ação e o saber da prática psicanalítica e, com isso, também a devoção a ela. É no sentido dessa devoção que Lacan recorre à uma escritura sânscrita antiga e finaliza o texto de uma maneira extremamente bela, a qual pedimos licença para reproduzi-la:

Quando os devas, os homens e os assuras, lê-se no primeiro *Brahmana* da quinta lição do *Bhrad-aranyaka Upanishad*, terminaram seu noviciado com Prajapati, fizeram-lhe esta súplica:

"Fala-nos."

"Da", disse Prajapati, o deus do trovão. "Haveis-me ouvido?" E os devas responderam: "Tu nos disseste: *Damyata*, domai-vos" - querendo o texto sagrado dizer que as potências superiores submetem-se à lei da fala.

"Da", disse Prajapati, o deus do trovão. "Haveis-me ouvido?" E os homens responderam: "Tu nos disseste: *Datta*, dai" - querendo o texto sagrado dizer que os homens se reconhecem pelo dom da fala.

"Da", disse Prajapati, o deus do trovão. "Haveis-me ouvido?" E os assuras responderam: "Tu nos disseste: *Dayadhvam*, perdoai" - querendo o texto sagrado dizer que as potências inferiores ressoam à invocação da fala.

Eis aí, retoma o texto, o que a voz divina faz ouvir no trovão: Submissão, dom, perdão. *Da da da*.

Pois Prajapati a todos responde: "Vós me ouvistes." (Lacan, 1953, p. 323-4).

1.8 Limites, desvios e novos caminhos

O que Lacan (1957, p. 531) chamou de retorno à descoberta freudiana, em suas palavras, implica em deixar claro que “ao tocar, por pouco que seja, na relação do homem com o significante [...], altera-se o curso de sua história, modificando as amarras de seu

ser”. É assim, precisando conceitos dessa prática, articulando-os com diversos campos da ciência, relendo os textos de Freud e falando às pessoas que Lacan busca “ajudar os outros não se perderem nela” (nesta prática) – o que não deixou de criar efeitos tanto de transferência quanto de resistência, como ele próprio já notava; certamente devido também a seu estilo barroco.

Assim, Lacan nos propõe que a questão com a qual a psicanálise opera não é a de saber se o sujeito que fala se encontra em conformidade com aquilo que é, mas sim, se quando o sujeito que fala é ele mesmo quem está falando. Aqui entra o inconsciente com os seus mecanismos significantes, sendo que Lacan afirma: “penso onde não sou, logo sou onde não penso”. Em outras palavras, trata-se do sujeito do inconsciente que se serve desta articulação significativa comentada anteriormente para expressar algo completamente diferente do que foi falado pelo suposto sujeito em conformidade com si mesmo, consciente. Trata-se da advertência que Freud já havia nos dado a respeito de que o homem não é senhor da própria casa. Contudo, Lacan não propõe o sujeito do inconsciente como uma “outra personalidade” e muito menos algum tipo de “eu mau”. Trata-se de uma verdade que é retornada em forma de alteridade numa relação com o discurso do Outro.

Novamente com Nancy e Labarthe (1991, p. 97), todo o percurso seguido por Lacan aqui pode ser definido como uma “estratégia do desvio”. Diferente do que a epistemologia contemporânea denomina de “importação do conceito”, que seria a extração de um traço conceitual de maneira regrada para entrar em um outro jogo sistemático, o desvio, por sua vez, é uma extração não trabalhada (não estritamente regrada) do conceito “para fazê-lo servir a outros fins”. Para os autores, quando este desvio é realizado, as regiões que foram emprestadas não desaparecem do novo horizonte ao qual são alocadas, sendo este o motivo de não se tratar imediatamente de uma nova região teórica, mas sim, de um sistema que se instala em um espaço intermediário, uma interseção de regiões que conserva, nos próprios conceitos, uma carga referencial que é plural.

Com efeito, uma boa leitura de Lacan acompanha de perto tais desvios e deslocamentos que tecem seu discurso, não para repeti-los de maneira simples e religiosa, muito menos para operar alguma jurisdição julgando qualquer tipo de infidelidade ou

liberdade epistemológica adotada; mas sim, para interrogar a própria lógica deste discurso que não é sem efeitos.

Os desvios efetuados por Lacan se viam como necessários na medida em que outros tipos de desvios se faziam presentes na psicanálise, estes, por sua vez, enfraquecendo-a. Frente a toda uma política de cunho adaptativo, pautada na reintegração do Eu ou qualquer outra “forma filosófica do subjetivismo atuante na psicologia clássica, na antropologia, quiçá até na fenomenologia husserliana e em seus derivados mais ou menos sentimentais” (Nancy; Labarthe, 1991, p. 97); Lacan se posiciona contrário ao revisar e insistir que o recurso da psicanálise deve ser à e a palavra, bem como sua eficácia ao ser falada e o seu poder ao ser usada para um corte.

O que realmente interessa a Lacan, no sentido forte da palavra, é arrancar a psicanálise de tudo que pôde e poderia, ainda, prática e teoricamente, comprometê-la, enfraquece-la, privá-la de seu poder cortante ou embotar-lhe o corte (Nancy; Labarthe, 1991, p. 97).

Retornando à verdade freudiana por via da ciência da letra, Lacan pôde então desfazer o romance que orbitava em um inconsciente psíquico (psicológico, profundo), contrapondo-os a todo o funcionamento formalizado por sua linguística que, por sua vez, vem definir o inconsciente e sua tópica segundo o princípio do algoritmo significante. Toda esse “desubstancializar” e “desubjetivar” operado sobre o sujeito é equivalente à subversão realizada ao próprio sujeito do *cogito*, notadamente referenciado no título do texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. Esse descentrar do sujeito clássico introduzido por Freud, que nos mostra toda a excentricidade da relação do eu consigo mesmo, é pronunciada em outros termos por Lacan, que opera a maquinaria freudiana da “outra cena” sob os mecanismos do enunciado e da enunciação, da metáfora e da metonímia, do significante e do significado. Vemos que essa excentricidade do sujeito é mediada pelo grande Outro, o instituidor do contrato da fala, meio pelo qual se dá toda a retórica do inconsciente, descrita em partes na seguinte afirmação:

A perífrase, o hipérbato, a elipse, a suspensão, a antecipação, a retratação, a negação, a digressão, a ironia são as figuras de estilo (as *figurae sententiarum* de Quintiliano), e a catacrese, a litotes, a antonomásia e a hipotipose são os tropos cujos termos se impõe à pena como os mais adequados para etiquetar tais mecanismos (Lacan, 1957, p. 525).

Assim, para Nancy e Labarthe (1991), Lacan fez operar todo um sistema combinatório de empréstimos, mas não sem antes trata-lo por uma subversão, uma

perversão correspondente à estratégia de desvio. Tal sistema, bem como o seu tratamento, se deu inicialmente pela utilização da ciência criada por Saussure, a qual forneceu a Lacan seu algoritmo para ser destruído. Transcrevendo, assim, a linguística em termos freudianos, o psicanalista francês propõe uma nova formalização lógica que, no entanto, é pautada por via de uma perspectiva do negativo: uma “ciência do abismo da lógica ou, ainda, o cálculo divino de um deus ausente” (Nancy e Labarthe, 1991, p. 128). Ou seja, mais uma vez, longe de qualquer tentativa de suturar o corte operado sobre o sujeito da ciência (do *cogito*, “o homem moderno tão seguro de ser ele mesmo”), Lacan opta por articular o que há de fracasso em uma lógica pretensamente totalizante, sendo por isso que, por exemplo, “a metáfora e a metonímia devem ser tomadas [...] com o próprio Lacan proibindo que nos apeguemos ao jogo” (Nancy; Labarthe, 1991, p. 128). Todo esse movimento lacaniano, caracteristicamente dialético, veio determinar “uma desapropriação constante do sujeito” (p. 134) que se divide em uma alteridade radical ao estabelecer o seu contrato da fala com e pelo Outro.

Novamente com Milner (2012, p. 35), em seu texto *Da linguística à linguisteria*, vemos que apesar de a linguística ter interessado a Lacan de maneira decisiva enquanto ciência para esta sua releitura da psicanálise, é fato que tal “interesse diminuiu continuamente, ainda que ele tenha cessado completamente apenas no *Seminário 20*” – diga-se de passagem, seminário em que Lacan (1972-73, p. 15) diz guiar-nos ao demonstrar que há uma “estrita equivalência entre topologia e estrutura”, acrescentando ainda que “o significante – tal como o promovem os ritos de uma tradição linguística [...] deve ser estruturado em termos topológicos” (p. 25). Milner nos diz então que, ao longo da retomada do programa cientificista de Freud por Lacan a partir de novas bases, as relações ora estreitas com a linguística foram se desgastando e enfraquecendo na medida em que esta “deixa de pretender ser estruturalista no sentido estrito e tende a naturalizar cada vez mais o seu objeto – até definir a linguagem como um órgão” (Milner, 2012, p. 39). O fato de Lacan criar o termo linguisteria¹⁶ atesta este distanciamento que demarca seu interesse ao essencial à prática psicanalítica: a linguagem. É isto que importa no desenvolvimento do que Lacan concebe como inconsciente, o que sustenta a clínica enquanto campo de intervenção sobre o ser falante.

¹⁶ Novamente no *Seminário Mais, ainda* (20) temos a afirmação de que “será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamei isso de linguisteria [...] Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística” (Lacan, 1972-73, p. 22).

É interessante notar que nesse neologismo criado por Lacan temos a conjunção das palavras linguagem e histeria, indicando que o inconsciente, estruturado tal como uma linguagem, se expressa da mesma maneira que um sintoma histérico. Quando Freud dava seus primeiros passos à criação da psicanálise, uma das questões trabalhadas era exatamente a de saber como os sintomas conversivos histéricos falavam por si só, insistindo em uma presença que se dava à revelia e escapava de qualquer submissão às intenções conscientes da paciente. A alusão feita por Lacan aqui ao fenômeno de conversão histérica toca justamente na ideia de que algo, pela linguagem, fala por si só. *Ça parle* (Isso fala), é um dos conhecidos sintagmas lacanianos. Isso fala, seja por uma linguagem conversiva que afeta o corpo com paralisias, dores, espasmos; seja por uma linguagem truncada que se dá por lapsos, chistes, sonhos, sintomas etc. Assim, a linguisteria é tomada como um tipo de linguagem sintomática na medida em que, habitando um corpo e interditando-o com suas próprias leis, ela fala neste, mesmo sem que ele o saiba.

Finalmente, a respeito desta relação fortuita da psicanálise lacaniana com a linguística, Milner (2012, p. 51) nos diz que “foi infinitamente feliz que este encontro tenha acontecido, e não mensuraremos jamais o quanto ele era improvável. Até que a própria linguística atingisse seu ponto de insuficiência e que fosse necessário passar por outras vias”. Lacan, como indicamos, posteriormente deixa explícito que uma dessas outras vias é o campo da topologia. O que buscamos esclarecer, então, é que apesar de denominarmos a topologia como uma outra via em relação a linguística, isto não quer dizer que se trata de um outro percurso. Nesse percurso em que Lacan formaliza o conceito de inconsciente e com isso os fundamentos da prática psicanalítica, o que nos interessa são os rastros de continuidade e descontinuidade deixados em tais vias que denunciam algo de vivo, como em uma caminhada peculiar, deste movimento do pensamento lacaniano.



Lygia Clark, *Caminhando*, 1964.

PARTE II

Certamente, essa topologia é essencial à estrutura da linguagem.

Falando estrutura, não se pode não evoca-la.

(Lacan, 1964-65, p. 25)

2.0 Topologia da obra lacaniana

Podemos adentrar agora ao campo da topologia enquanto um dos métodos de investigação utilizados por Lacan para apresentar, dentre outros elementos, a estrutura da linguagem e o manejo de suas propriedades de uma maneira, como ele mesmo nos diz, não metafórica. Trata-se de um trabalho que se dá não por analogia, mas por homologia, uma vez que o uso das superfícies topológicas não se apresenta como meramente ilustrativo, explicativo e didático, mas fundamenta enquanto modelo as próprias operações do sistema sobre o qual a psicanálise opera. É por isso que Lacan vai nos dizer que a topologia é a estrutura. Senão vejamos alguns desdobramentos dessas proposições.

De acordo com Blümle (2016) o modo peculiar de trabalho que Lacan realiza com o seu pensamento interdisciplinar poder ser pensado menos em uma forma linear e hermenêutica do que estrutural e topológica. De acordo com a autora, o trabalho de Lacan com desenhos e imagens – os quais dentre eles 117 foram leiloados como obra de arte em Paris em 30 de junho de 2006 – nos indicam que o psicanalista realizava “inversões estruturais em relação a suas posições frente a linguagem e ao sujeito, baseados a todo momento em distintos modelos experimentais”. É dessa maneira, por meio da topologia, que Lacan tenta elucidar sua formalização a respeito do inconsciente, sendo a banda de Moebius paradigmática de sua estrutura.

Nos seminários de Lacan e seus Escritos podem-se encontrar incontáveis referências a formas matemáticas de visualização, modelos físicos, mídias ópticas, técnicas visuais e trabalhos de arte que, de maneira lúdica, são encenados, superpostos e topologicamente ligados, tanto explicitamente quanto clandestinamente, como uma isca entre retirada e divulgação (Blümle, 2016, p. 147).

Era assim, com essa forma de isca, que Lacan buscava colocar em causa algo do leitor e de suas ouvintes, para que colocassem algo de si e não apenas tomassem consciência do que se estava tratando. Chapuis e Cevasco (2019) nos dizem que Freud já o havia advertido a respeito do impossível de educar e por isso ele se fazia propositalmente hermético, pouco preocupado com o didatismo. No entanto, esse estilo adotado não era sinônimo de qualquer terrorismo intelectual, confusões forçadas ou equívocos exacerbantes – pelo contrário. Aqui somos levados por Chapuis e Cevasco (2019) à uma entrevista dada por Foucault a esse respeito, a qual recorreremos à fonte para transmiti-la:

Penso que o hermetismo de Lacan é devido ao fato de ele querer que a leitura de seus textos não fosse simplesmente uma ‘tomada de consciência’ de suas ideias. Ele queria que o leitor

se descobrisse, ele próprio como sujeito de desejo através dessa leitura. [...] Lacan não exercia nenhum poder institucional. Os que o escutavam queriam exatamente escutá-lo. Ele não aterrorizava senão aqueles que tinham medo (Foucault, 2002, p. 330-31).

Vale notar ainda que, além de suas referências diretas à topologia, Rona (2010, p. 308) nos diz ser “no próprio modo de exposição através do qual Lacan conduz seu leitor, nos jogos de palavras, nas frases elípticas, ou hiperbólicas, ou na estrutura gramatical, de uma lógica surpreendente”, que encontramos de forma clara o seu uso peculiar da topologia, o que acaba por tornar “o texto naturalmente de muito difícil acompanhamento” – a referência aqui é *O aturrito*, escrito no qual Lacan discorre sobre a topologia prescindindo do uso de figuras e desenhos; fato este que, para Rona (2010), é mais um indício da materialidade do significante implicado nas estruturas topológicas em questão, utilizadas de uma maneira não metafórica. Talvez, com essas indicações, possamos adicionar uma breve complementação à nossa hipótese ao dizer que há um estilo topológico não só no recurso que Lacan faz à linguística, mas também no próprio desenvolvimento das proposições de seu pensamento.

Prosseguindo com Miller (1996), ainda sobre a presença dessa topologia na obra, é preciso reconhecer que para Lacan “nada se pode atingir do sujeito antes da palavra a não ser, precisamente, sua morte, sua mortificação significativa”, sendo que “esse sentido mortal é ao mesmo tempo exterior à linguagem e central a todo exercício da palavra”. É a partir desse ponto que temos a introdução¹⁷ da topologia no ensino lacaniano, uma vez que se recorremos ao próprio Lacan (1953, p. 321-322), novamente em seu escrito *Função e campo da fala e da linguagem*, encontramos a afirmação de que: “dizer que esse sentido mortal revela na palavra um centro exterior à linguagem é mais do que uma metáfora e manifesta uma estrutura”, sendo que distinguindo-se da “especialização da circunferência ou da esfera [...] ela responde muito mais a esse grupo relacional que a lógica simbólica designa topologicamente como um anel”.

Miller (1996, p. 78) nos indica que “com topologia, trata-se de matrizes, de combinações significantes”, sendo que ela está incluída em um esforço de Lacan em fazer uma matematização, ou seja, “esforço em destacar as relações que estão em causa entre os termos que participam da experiência psicanalítica”. Ainda em relação à construção

¹⁷ Para uma informação mais sistemática das referências à topologia no ensino lacaniano, conferir o recenseamento anexado ao final da dissertação.

do discurso analítico e com isso o desenvolvimento da obra lacaniana, Chapuis e Cevalco (2019) concordam com as pontuações de Miller afirmando que, ao trabalhar com as superfícies, Lacan traça um caminho que busca mostrar uma espécie de bricolagem própria ao jogo de transformações produzidos em uma análise:

Lacan desde o início de seu ensino recorreu às estruturas topológicas para cingir o campo da prática psicanalítica e definir as relações entre as noções que ele emprega. Lacan não deixa um modo de formalização por outro, mas os reporta uns aos outros; ele os relaciona, os apresenta – em muitos casos, de um modo que se explicam entre si –, inclusive com as suas formulas algébricas (Chapuis; Cevalco, 2019, p. 21).

Ao nos dizer que o inconsciente não tem profundidade, que não é uma interioridade ou mesmo o lugar das divindades da noite, Lacan realiza uma demonstração efetiva de como a estrutura do inconsciente se funda em uma disposição espacial. Para Miller (1996) é assim que Lacan pôde tratar de um sujeito não substancial, abordando-o por matemas, recorrendo à teoria dos jogos, dos conjuntos e, de um modo mais amplo, à topologia. Com efeito, para o autor, Lacan consegue dessa forma situar “o que efetivamente faz falta em Sartre – o lugar do Outro como espaço de combinatórias” (p. 82). Dessa forma, levando em conta que a psicanálise lida com este espaço de combinatórias, podemos utilizar a topologia das superfícies como o antídoto contra uma psicologia das profundezas que buscava a interpretação de um inconsciente profundo, da alma, ou de alguma forma substancial. É por isso que Lacan critica Freud por considerar a psicanálise como uma psicologia das profundezas [*Tiefenpsychologie*], uma vez que o inconsciente, a seu ver, aparece na superfície do discurso do analisante, sendo extraplano e não profundo.

Registrar as rupturas e continuidades, determinar uniões e decomposições são tarefas que a psicanálise partilha com a topologia. O psicanalista realiza tais operações com a estrutura, seus elementos e suas propriedades colhidas a partir da escuta da fala do sujeito. Com os avisos que Lacan dava a seus ouvintes, “façam palavras cruzadas”, “praticuem topologia”, o que estava sendo apontado eram os cortes e as costuras no material com que a psicanálise lida. Traçar os movimentos do sujeito no espaço psíquico, ou ainda, considerar a interpretação como escansões e atos que transformam a estrutura.

Aqui Miller (1996, p. 84) nos fornece mais uma pontuação fundamental ao dizer que “de maneira geral, a topologia é essencial a toda elaboração da experiência psicanalítica, desde o momento em que se observa que nela, tal como Lacan a aborda a

partir do simbólico [...] o que conta é a dialética dessas formações, seus movimentos, suas transformações significantes”. Somos remetidos novamente à base de nossa argumentação: desde o momento em que Lacan coloca em movimento a estrutura, temos os princípios de uma topologia; desde que o simbólico é formalizado como a maquinaria que coloca em cena o sujeito, é exigido um substrato topológico; enfim, há uma topologia muito anterior aos nós e às superfícies, que é a do movimento dialético dos significantes.

2.1 Indicações genealógicas

Ainda nos valendo do trabalho de Rona (2010, p. 47), podemos dizer que “as elaborações linguísticas e matemáticas, nos fundamentos mesmo dessa última, encontram-se relacionadas em mais de uma das possíveis genealogias que reúnem psicanálise e matemática”. Dentre essas genealogias, podemos lembrar que Lacan, bem como Freud, em sua formação, foi influenciado por mestres e contemporâneos que possuíam o espaço como uma referência fundamental em suas formulações, como por exemplo, os psiquiatras Minkowski e Biswanger. O autor nos lembra ainda que Helmholtz (médico alemão que era caro e ilustre para Freud) chegou a escrever ao matemático francês Poincaré (considerado como um dos fundadores da topologia), endereçando-lhe uma questão a respeito de “como percebemos os objetos e que tipo de tratamento matemático poderíamos supor”; o que demonstra a realização de uma intensa discussão interdisciplinar entre a matemática e a neurologia da época.

Apesar de no momento não adentrarmos a dois temas essenciais ao diálogo de Lacan com o campo da matemática, sendo estes a *literalização* enquanto um meio de formalização integralmente transmissível e a teoria dos conjuntos enquanto fundamento da noção de espaço topológico; é interessante pontuar a existência de um outro traço genealógico forte que perpassa por esse diálogo. Trata-se do encontro de Lacan com o grupo francês de matemáticos Bourbaki. Constituído ao final de 1934, este grupo buscava renovar a matemática clássica a partir de um deslocamento: fundamentos ora sustentados na necessária demonstração prática com objetos quantificáveis passam a se apoiar em um método de formalização disjuncto da ideia de quantidade a partir do uso de axiomas e regras lógicas – o que reverberou na psicanálise, por exemplo, sob a forma de matemas. Percebemos, ainda, reflexos da sensibilidade de Lacan ao bourbakismo quando ele propõe o anonimato nas publicações da revista *Scilicet* – prática realizada pelos membros do

Bourbaki, os quais não assinavam seus escritos produzidos coletivamente senão com o nome do próprio grupo.

Almeida (1999) prossegue dizendo que podemos tomar as estruturas como “modos de construir relações ou operações entre objetos”, sendo que o grupo Bourbaki reconstruiu a matemática a partir dessa noção. Para o autor, o feito deste grupo foi destacar “algumas poucas estruturas elementares que são a base de todo o edifício matemático: as estruturas algébricas, as estruturas de ordem e as estruturas topológicas”, sendo que “cada uma delas encerra um “modo de usar” ou, se se quiser, um “modo de pensar” objetos” (Almeida, 1999, p. 167).

A respeito dessa matemática refundada pelo Bourbaki, Milner (1996, p. 79) nos diz em *A obra clara* que as formalizações efetuadas sobre objetos não mensuráveis (como o da linguística) não são outras que propriamente matemáticas, já que trata-se de um *galileísmo ampliado* em que “a matemática estende seu império, sem nada ceder de sua essência”. Por isso o autor logo acrescenta que “a linguística, reputada ciência realizada, só conta na medida em que propõe uma matemática. O Lacan linguista é, assim, um Lacan matemático”.

“Uma estrutura é constitutiva da prática a que chamamos psicanálise”, nos diz Lacan ao iniciar seu texto *Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano*. O termo estrutura, como concebido por Lacan, é o que concerne ao sujeito falante, desde o momento em que ele habita e é parasitado pela linguagem. Submetidos à lógica do significante e às especificações próprias da linguagem, este sujeito se encontra sob a ordem do registro simbólico.

Para Skriabine (2004), a topologia é um campo da ciência em que fica evidente o fracasso da sua tentativa de suturar o sujeito; e é nisso que topologia e psicanálise são solidárias. A função da falta, da falha, do buraco, é estritamente equivalente à linguagem e isso suporta toda a noção de estrutura. De acordo com o autor, a estrutura não é nada além de um modo de organização do buraco, e isto é uma topologia.

Essa falta é conseqüente do próprio funcionamento significante que se sustenta no princípio de diferenciação. O significante é correlativo a uma perda, que é a de referência. Enquanto um signo representa algo para alguém, o significante só possui valor a partir da diferença, como já insistimos. Assim, toda vez que alguém tentar designar um significante a si mesmo, tentar escrever $A=A$, o significante logo se deslizará para um ponto de

inconsistência. Se pontos essenciais para a orientação lacaniana e seus avanços foram formulados no aforismo “o inconsciente é estruturado como linguagem”, é porque nele encontramos a consequência primária da estrutura diferencial do significante e também toda a tentativa de formalização desta estrutura que Lacan nos mostra ser fundada em uma falta. É nesse sentido que Chapuis e Cevasco vem nos dizer que:

Ao excluir o recurso à metáfora, ele se abstém de qualquer significação para, assim, abrir ao campo do *ab-senso* – campo que é próprio tanto da matemática quanto da psicanálise. Lacan se mantém na “ordem” do simbólico, registro que estrutura o inconsciente segundo ele próprio estabeleceu (Chapuis; Cevasco, 2019, p. 104).

O sujeito para Lacan é o sujeito do inconsciente, que é operado por uma máquina composta de materiais significantes. Como vimos, uma das ambições de Lacan era a de descobrir as leis dessa máquina de acordo com a relação entre os materiais de sua composição – ou seja, nas palavras do próprio Lacan, suas trações, “pelas quais se pode materializar a relação do sujeito com o significante” (Lacan, 1960, p. 842). Prossigamos, então, ao que nos interessa nesse campo da matemática e, mais especificamente, na topologia como um de seus ramos para verificar como Lacan articula a estrutura do sujeito por via desta perspectiva.

2.3 A topologia desde o movimento estrutural

A primeira apresentação esquemática mais evidente que Lacan realiza experimentalmente no campo de uma topologia em extensão pode ser localizada no contexto d’*O estádio do espelho como formador da função do eu*, o qual abarca um modelo óptico que coloca em questão a constituição do Eu a partir de matrizes imaginárias e simbólicas, captações especulares e jogos reflexivos de um movimento libidinal na criança. Estaria Lacan experimentando a teoria freudiana em uma topologia? O que está em causa nesta experimentação trata-se de uma construção a respeito de leis e conjecturas que podem transmitir um saber a respeito da psicanálise. Além disso, nesse texto inicial do ensino lacaniano já podemos notar um movimento em direção à estrutura, sendo que temos uma “adoção mais decidida de um ponto de vista estrutural, em contraste com o tom “psicológico” que caracterizou as abordagens anteriores” (Simanke, 1997, p. 268).

Um experimento pode proceder sem o uso de observações diretas e sem se limitar ao campo do positivismo e seus instrumentos. Ou seja, um experimento não necessita de ser empírico e Koyré¹⁸ nos mostrou quão ilusória é a ideia de que um experimento seria apenas uma aplicação na realidade. Antes, um experimento traça uma ponte entre a teorização conceitual e o fato empírico.

Notamos que a topologia experimentada por Lacan não se trata de um trabalho finalizado, uma metodologia completa, uma visão analítica totalmente sistematizada, mas sim, uma bricolagem feita a partir das questões e problemas que lhe eram colocados. Essa forma de elaboração que deixa o ensino lacaniano aparecer imaginariamente em forma de tranças, voltas, retornos, giros e diversas outras misturas barrocas experimentais, só pode ser vista de forma negativa se tal discurso é tomado como homogêneo, filosófico ou mesmo religioso, o que definitivamente não é o caso. O que essa descontinuidade e fragmentação nos mostra é que a psicanálise, sua teoria e clínica, simplesmente não podem ser transmitidas e aplicadas como em uma receita de bolo, com passo-a-passo memorizados. Mesmo que Lacan tenha colocado a transmissão integral pela via matemática como ideal, ele ainda nos alerta que só se pode proceder por esse caminho uma vez que não deixemos de lado a linguagem¹⁹, como vemos na seguinte passagem do Seminário *Mais, ainda* (20):

A formalização matemática é nosso objetivo, nosso ideal, porque só ela é 'matema', ou seja, capaz de se transmitir integralmente. A formalização matemática é 'escrito' [...] Ora, ela só subsiste, essa formalização matemática, se eu empregar, ao apresenta-la, a língua que eu uso. É aí que está a objeção: nenhuma formalização da língua é transmissível sem o uso da própria língua. Foi o que salientei no texto chamado "*L'étourdit*". Foi o que salientei dizendo que o simbólico só sustenta a 'ex-sistência' (Lacan, 1972-73, p. 241).

Apesar de não adentrarmos aqui às formulações de Lacan a respeito da metalinguagem, podemos localizar pontos importantes e persistentes nessa breve passagem de um seminário já tardio. Como vemos, a formalização matemática é matema (escrito), sustentado no uso da língua, abarcada por um simbólico fundamentalmente caracterizado por uma ex-sistência. Com essa citação acima, conseguimos entender a posteriori uma definição de Granon-Lafont (1990) a respeito da psicanálise e da topologia: enquanto esta última é uma parte da matemática que formaliza lugares e trocas

¹⁸ Cf. o capítulo *Galileu e Platão* em "Estudos de história do pensamento científico" de A. Koyré (1982).

¹⁹ Em *O aturdido*, temos a seguinte afirmação: "Eu disse discurso da matemática. Não linguagem dela. Que se preste atenção a isso, para o momento em que eu voltar ao inconsciente, estruturado como uma linguagem, como sempre disse" (Lacan, 1973, p. 452).

sem concernir-se com medidas, a psicanálise é uma escrita da estrutura. A propósito, como vimos na Parte I, não é exatamente esse o movimento de escrever, formalizar e matematizar a estrutura da linguagem que Lacan realiza ao articular o significante?

Essa escrita, sob a pena de Lacan, não se detém diante dos limites, dos paradoxos e dos impasses mas serve-se deles na medida em que, como nos mostra sua topologia estrutural, trata-se de delimitar relações que abarcam também todas essas características aparentemente contraditórias. Assim, reconhecendo que Lacan traça uma escrita que configura relações espaciais, vale pontuar que:

[...] os desenhos topológicos de Lacan não devem ser tratados como problemas de representação, *Vorstellung*, mas de figurabilidade, *Darstellung*, para retomar uma distinção freudiana. A figurabilidade constitui uma modalidade de escrita. É a existência de uma *Darstellung* no sonho que conduz Freud, traz os passos de Champollion, a defini-lo como uma escrita hieroglífica. Os desenhos topológicos constituem uma escrita na medida em que diferenciam o aplainamento, a imersão, a submersão das figuras (Porge apud Affonso, 2019, p. 99-100).

Prosseguindo com Granon-Lafont (2004), podemos dizer que a topologia é uma continuidade do estruturalismo, definido a partir dos trabalhos formulados sob o prisma da dimensão simbólica. Retomando um postulado de Lévi-Strauss, a autora nos diz que os componentes de uma estrutura não possuem nem nome e nem significação, não possuem nada além de uma direção (*sens*), um sentido, um significado (*sens*) que é necessariamente e unicamente de posição em um conjunto. Para a autora, uso que Lacan faz desta parte da matemática não deixa de ser subversivo e pode ser encontrado de diversas formas em diversos períodos de seu ensino.

Já em Freud, Lacan pôde encontrar argumentos para sustentar o uso da topologia em suas formalizações. Freud, ao propor o funcionamento do aparelho psíquico, nos remete a todo momento a diferentes instâncias, cenas, ordem de sucessões, retorno e reativações, entre outros. Poderíamos dizer que isso já é topologia, uma vez que este campo trabalha com as regras dessas mudanças e transformações de acordo com o seu jogo de ordem. Freud, com algumas de suas formulações, nos mostra o inconsciente e seu funcionamento a partir de inscrições psíquicas e traços mnêmicos constituintes das representações; por sua vez, Lacan irá nos mostrar a banda de Moebius como uma figura utilizada para a sua formalização de uma topologia da linguagem.

Nessa topologia lacaniana o inconsciente é o avesso em continuidade com o direito, ou seja, com a consciência. O sujeito, que se faz presente, fala por palavras que

se constroem em uma topologia. Granon-Lafont (2004) nos diz que todos nós conhecemos momentos em que as palavras ditas não conseguem representar o que de fato sentimos ou sofremos, sendo que a topologia vem para nos mostrar que a explicação para isso não se dá por meio de afetos, segredos ocultos ou alguma dimensão sentimental (profunda), mas sim, pelo próprio aparelho de enunciação em que tais dissonâncias ocorrem.

Fica evidente, então, que para essa topologia o conceito de posição é basal. Podemos tomar como exemplo a própria transferência que, enquanto um artifício da técnica, trata-se de um modo de estar dentro de uma organização, uma configuração, em que o analista interpreta a partir de determinada posição. Essa posição e o conjunto de configurações em que ela se encontra altera-se durante o processo analítico, bem como os discursos que Lacan nos apresenta, que permitem mover os elementos de sua própria estrutura. Afinal, é isso o que uma análise pode oferecer a alguém. Possibilidades de mudanças em suas posições subjetivas, posições discursivas, posições sintomáticas; ou poderíamos dizer ainda, um modo de lidar com aquilo que retorna sempre no mesmo lugar, talvez, a partir de outro lugar.

Para Granon-Lafont (2004), o modo que Lacan utilizou-se da topologia lhe permitiu formalizar uma teoria rigorosa do aparato psíquico, sem qualquer tipo de fixação objetiva com algum modo do sujeito. A não existência de objetividade material no que concerne ao aparelho psíquico, no entanto, não significa sua inexistência, já que sua materialidade advém como uma função topológica de organização. Os elementos de qualquer espaço não possuem qualquer qualidade por si próprios, mas somente a partir das conexões entre eles. A hipótese principal da topologia lacaniana é pensar o aparelho psíquico enquanto um espaço topológico. Esse espaço, de linguagem, nos leva a pensar uma topologia peculiar uma vez que ela será constituída por elementos imateriais, vazios, como vimos na Parte I, as palavras. Dessa maneira, “se tomamos a ideia de que um significativo é necessariamente distinto de outro, nos deparamos com a questão forçada de pensar como se dá a relação entre estes materiais puros” (p. 13).

Ainda com Granon-Lafont (1990), em seu texto *A topologia de Jacques Lacan*, a topologia geral pode ser definida como a ciência dos espaços e suas propriedades. Despreocupada com a métrica ou com as proporções, trata-se de uma geometria de borracha que busca a descrição do próprio espaço – distinguindo-se da geometria

euclidiana clássica, que se ocupava com a construção de sistemas de cálculos para localizar o deslocamento de algum objeto no espaço. A autora nos diz ainda que é só a partir do que se encontra mergulhado no espaço e seus movimentos que podemos situar a existência de um antes e um depois, bem como as características de uma frente e um atrás. É dessa forma, situando a noção de espaço e suas relações como o objeto da topologia que Granon-Lafont (1990) prossegue nos fornecendo uma pontuação capital:

Os topólogos fixaram uma noção de espaço que é idêntica à de estrutura utilizada pelas ciências humanas. A topologia confirma ser o estudo da estrutura, o que está em jogo nessas ciências, como o demonstram, num só depois, as descobertas de Jacques Lacan. Podemos demonstrá-lo precisamente com o apoio nos estudos etnográficos de Lévi-Strauss, a quem devemos a importância da introdução do estruturalismo no seio das ciências humanas (Granon-Lafont. 1990, p. 18).

Essa relação de igualdade entre a noção de espaço e a de estrutura utilizada desde o movimento estrutural já nos indica o motivo de Lacan ter insistido em nos dizer que o seu uso da topologia não é metafórico. Ainda no sentido dessa passagem citada, a autora complementa ao afirmar que “desde a origem do trabalho dos estruturalistas emerge a necessidade conceitual de se recorrer à topologia” (Granon-Lafont. 1990, p. 19). Aqui Granon-Lafont (1990) prossegue com uma referência pontual em relação ao prefácio de *O cru e o cozido*, a qual também recorreremos no próprio Lévi-Strauss para trazê-la:

Melhor do que ninguém, temos consciência das acepções bastante vagas que damos a termos como simetria, inversão, equivalência, homologia, isomorfismo... Utilizamos esses termos para designar grandes feixes de relações que têm — percebemos isso de modo confuso — algo em comum (Lévi-Strauss, 2004, p. 51).

Aqui não podemos senão concordar que a alusão feita por Lévi-Strauss a essa percepção confusa é apropriada, como nos diz Granon-Lafont (1990, p. 20), uma vez que “quer nos parecer, com efeito, que não somente a topologia está confusamente presente em toda obra de Lévi-Strauss, mas também que ela é ordenadora desta percepção confusa das estruturas”. A aposta que fazemos aqui é a de que o mesmo ocorre com a obra de Jacques Lacan, ou seja, há a presença necessária de uma topologia do início ao fim desse ensino, que ordena todo um trabalho feito sobre a estrutura. Essa presença confusa da topologia nos remete imediatamente à proposta de Miller (1996), que a caracteriza como inseparável de toda a obra. Para o autor de *Matemas I*, não podemos extrair ou amputar a topologia do ensino de Lacan, uma vez que ela se faz presente, mesmo que de maneira discreta, desde 1953 com o *Discurso de Roma*.

Além disso, essa topologia lacaniana não pode ser extraída para se constituir como uma disciplina independente uma vez que nela temos a combinatória de diversos elementos com os quais Lacan se exercitou, inclusive, claro, o significante:

O grafo elementar, o esquema Z, o esquema das letras alfa e beta, o grafo em dois níveis são combinatórios e fazem parte da mesma série, sem esquecer a combinatória dos quatro discursos. Todos esses exercícios podem ser subsumidos pelo termo combinatória, o que permite observar que a topologia não é “isolável” no ensino de Lacan. A topologia é introduzida com significante, e aí onde não há significante, de “uma captura” pelo simbólico, não há necessidade de topologia, pode-se contentar com a topologia da esfera e do plano (Miller, 1996, p. 79).

Como vemos, apesar de não se encontrar sozinho nesse movimento, Lacan foi o primeiro a efetivamente estender as relações da psicanálise com outros campos investigativos como os da linguística, antropologia, lógica, filosofia e matemática. O que essas relações colocam em jogo é a construção de uma estrutura teórica, que por sua vez também evoca sua própria questão de topologia. Vale notar aqui que Miller nos diz ser nesse movimento que, “entre as tomadas, a reflexão de Lacan continuava avançando, o que fazia com que, quando se tinha de fazer uma emenda, nunca o era uma. Ao cabo de um dia, nos dávamos conta de que seu pensamento não se mantinha no lugar” (Miller, 2012, p. 11).

Retomando nossa citação direta longa anterior, temos o eixo sobre o qual caminhamos sustentando nossa investigação; a saber, que a topologia é necessariamente introduzida desde o significante, pelas combinatórias próprias ao simbólico. Não é demais insistir que essa topologia lacaniana, pensada em um encadeamento com a experiência clínica, é deduzida e calculada (*matematicamente*) de acordo com a lógica psicanalítica e a estrutura sobre a qual ela opera. Importante, então, é reconhecer esses meios e construções intuitivas com os quais o discurso pode se apoiar seja lógica, matemática e paradoxalmente para nos mostrar, por exemplo, do que se trata um ato analítico, uma vez que a topologia enquanto doutrina da estrutura não concerne somente à uma teoria, mas também aos fundamentos das operações clínicas. Veremos tais operações adiante, mas nos permitimos, antes, situar um pouco melhor as conexões epistemológicas entre essa geometria de borracha e a ciência do espírito.

No limite, desde que um “esquema” tenha um valor explicativo e mesmo didático, a topologia intervém como fundamento epistemológico dos conhecimentos trazidos por este esquema. Cabe a Lacan todo o mérito de ter procurado traçar os contornos desta especificidade da topologia e indicar qual poderia ser seu uso nas ciências humanas (Granon-Lafont, 1990, p. 19).

A respeito do estruturalismo, Almeida (1999) vem dizer que esse movimento se caracterizava por uma atividade científica que buscava invariantes situadas ao nível dos modelos, mais do que as propriedades dos objetos implicados nesses modelos. O autor afirma que talvez o exemplo mais notável dessa revolução estruturalista tenha ocorrido ao final do século XIX, no campo da matemática:

Enquanto desde a antiguidade os objetos principais do matemático haviam sido os números, as grandezas e as figuras, entes vistos como possuindo propriedades dadas que caberia apenas investigar, ao longo do século XIX emerge a noção de que a essência da matemática é “o estudo das relações entre objetos que não são mais conhecidos e descritos a não ser por algumas de suas propriedades, precisamente aquelas que colocamos como axiomas na base de sua teoria”. Assim, a exemplo do que ocorre com as geometrias não-euclidianas, as matemáticas se reconhecem como estudo de estruturas que regem as relações entre objetos. *Uma mesma estrutura pode então aplicar-se a diferentes domínios de objetos, desde que as relações entre eles se descrevam da mesma maneira.* [...] Criada na segunda metade do século XIX, havia sido aplicada no início do século XX à geometria, à teoria da relatividade, à mecânica quântica, à biologia e à arte. Foi mérito de Lévi-Strauss introduzir seu espírito no âmbito das ciências humanas (Almeida, 1999, p. 165-166, grifo nosso).

Se a introdução do espírito não só da estrutura mas também da geometria não-euclidiana ao domínio das ciências humanas foi um mérito de Lévi-Strauss, a introdução específica desses elementos no campo da psicanálise se deu por Jacques Lacan. Nessa passagem acima acentuamos uma das razões de Lacan ter não só recorrido à topologia mas também de ter drasticamente enfatizado que o uso feito dela não era algo da ordem da metáfora: a estrutura, por exemplo, da banda de Moebius, uma vez destacadas suas relações de equivalência com a estrutura do sujeito, pôde devidamente ser aplicada ao domínio da psicanálise.

Como tentaremos mostrar, Lacan utiliza-se dessas aplicações topológicas para formalizar sua ideia de estrutura, uma vez que tal epistemologia lhe fornece ferramentas para empregar e apresentar superfícies que podem localizar os aspectos de furo, de conexões e de relações paradoxais ou contraditórias. Essa topologia auxiliou o psicanalista francês a se dar conta de que um pequeno buraco entre a abertura e o fechamento de uma esfera faz toda a diferença, com isso tornando tal estrutura dinâmica e não estática. De uma geometria circular fechada ao processo dinâmico de uma topologia. Aqui fica evidente que a preocupação de Lacan com esta topologia é, ao mesmo tempo, uma preocupação com as características e regras da linguagem.

2.3 Algumas definições e localizações da *analysis situs* na psicanálise

De acordo com Korman (2004), a topologia pode ser tomada como o campo da matemática que trabalha com aspectos qualitativos do espaço, ou seja, com as propriedades não métricas, como, por exemplo, as relações de deformação, continuidade, corte, ruptura, entre outros. Dessa forma, trata-se de um campo que não se interessa pelas medidas da proporção no estudo de um determinado objeto e que não se importa pela perda das propriedades métricas implícitas às deformações pelas quais este elemento espacial pode se submeter. Além disso, é interessante notar que o autor nos diz não haver um abismo na obra de Lacan em relação à perspectiva que utiliza-se das superfícies topológicas e a linguística provinda de Saussure, mas sim, continuidade, uma vez que esta última, enquanto “um dos pontos de partida de Lacan, ao se fundamentar no jogo das diferenças e dos lugares – mais especificamente, das diferenças em função dos lugares -, está imersa, de maneira plena, em princípios topológicos” (Korman, 2004, p. 282).

Ainda com Korman (2004, p. 47), se o inconsciente está estruturado como uma linguagem conforme nos propõe Lacan, o sujeito com o qual a psicanálise lida dependerá também desta ordem significante. Para o autor, este axioma lacaniano introduziu uma virada substancial na psicanálise na medida em que replantou de maneira ampla toda a metapsicologia freudiana sob o terreno da teoria do significante e, posteriormente, dos três registros (RSI). Sendo assim, o autor acrescenta que se tomamos o campo do Outro como um lugar (*topos*), torna-se preciso tratar as relações entre sujeito e Outro em termos topológicos.

Darmon (1994), em seu livro *Ensaio sobre a topologia lacaniana*, vai de acordo com as proposições de Korman ao descrever a topologia como um campo de investigação qualitativa do espaço que estuda relações como as de diferença de lugares, vizinhança, continuidade e conexidade, ou ainda, por outro lado, as relações de fronteira, separação e borda que, para o autor, são noções que se colocam como necessárias ao tratarmos do funcionamento da linguagem. Ainda no sentido de uma concordância em relação ao campo da topologia com o campo dos estudos da língua, o autor nos diz:

Se o inconsciente coloca então em evidência problemas de topologia, a tese de Lacan: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” nos conduz a que nos voltemos em direção ao significante para resolvê-los. O fato de se endereçar à linguística parece tanto mais justificado na medida em que Saussure demonstrou que a língua se suporta tão somente a partir de um jogo de puras diferenças e de lugares; de diferenças que não assumem seu valor senão a partir dos locais que ocupam. É então o próprio simbólico que introduz uma topologia (Darmon, 1994, p. 11).

Rona (2010, p. 205) também aposta na ideia de que há uma compatibilidade entre o recurso metodológico que Lacan faz à topologia e o conceito de significante advindo da apropriação do estruturalismo linguístico de Saussure. Por isso, “é matematicamente que uma topologia, e suas transformações, se apresentam nas operações com a linguagem, com que a psicanálise conta em seu trabalho”. Seguindo este argumento, o autor nos remete a uma proposição de Lacan na qual podemos colher os principais eixos da presente pesquisa:

Trata-se de encontrar, nas leis que regem essa outra cena (*eine andere Schauplatz*) que Freud, a propósito dos sonhos, designa como sendo a do inconsciente, os efeitos que se descobrem no nível da cadeia de elementos materialmente instáveis que constitui a linguagem: efeitos determinados pelo duplo jogo da combinação e da substituição no significante, segundo as duas vertentes geradoras de significado constituídas pela metonímia e pela metáfora; efeitos determinantes para a instituição do sujeito. Nessa experiência aparece uma topologia, no sentido matemático do termo, sem a qual nos apercebemos de que é impossível sequer notar a estrutura de um sintoma, no sentido analítico do termo (Lacan apud Rona, 2010, p. 205).

Acompanhando as proposições de Rona (2010), notamos que as articulações dos termos topológicos em psicanálise se sustentam na teoria do significante que, por sua vez, sustenta “a teoria do sujeito e, com ela, a práxis psicanalítica”. Concordamos, ainda, com a sua afirmação de que a aproximação de Lacan ao estruturalismo por via da linguística foi indispensável para a apreensão e refundação do conceito fundamental de inconsciente conforme elaborado por Freud. No entanto, o autor também nos orienta a não tomar como simplesmente implícitas as conexões entre psicanálise e matemática, já que, Lacan não utiliza a topologia de forma esquemática, aproximativa ou didática, mas nos diz ser ela mesma a estrutura em questão, sendo, por isso, necessária uma melhor explicitação dos fundamentos de tais conexões.

Prosseguindo com Miller (1996), podemos tomar a topologia associada à psicanálise como um espaço de combinatórias, simbólico, onde significantes são articulados e desenvolvem-se por meio de cadeias. Seguindo o raciocínio de uma topologia sustentada pelo significante, o autor propõe:

O significante é sempre composto segundo leis de uma ordem fechada, isto é, as unidades significantes invadem umas às outras – há também relações de envolvimento – e é preciso para tudo isso um substrato topológico que é a cadeia significante de anéis cujo colar se fecha em outro colar, etc. (Miller, 1996, p. 86).

De acordo com Triska e D'Agord (2013, p. 151), “Lacan apresenta a estrutura a partir da linguística, para depois o fazer a partir da topologia”. Se por um lado deixamos uma ressalva sobre a indicação de que Lacan faz uma apresentação da estrutura em um destes campos para *depois* fazê-lo em outro, dizendo que apostamos na ideia de que princípios dessas duas bases epistêmicas se encontram imbricadas *desde o início* e, nesse sentido, suas apresentações (mesmo que de forma não explícita); por outro lado, concordamos sobre ser fundamental a articulação que Lacan realiza do funcionamento desta estrutura em seus efeitos de apreensão retroativa e suas relações de combinatórias diferenciais. Ainda com os autores, é preciso trabalhar com esta estrutura de maneira objetivável mesmo que ela comporte uma parcela de indefinição, sendo que, se a tomássemos de maneira plena em um fechamento absoluto (como em uma esfera), o mesmo seria correspondente a abdicar-se do inconsciente. Nesse sentido, se o estatuto do inconsciente é dado pela lógica do significante que corresponde a uma estrutura a qual clama ao campo da topologia, isto se dá também pela possibilidade de que este campo permite trabalhar tal estrutura enquanto dotada de uma incompletude, uma falha, uma hiância ou um furo que são característicos do próprio sujeito cindido com o qual a psicanálise lida.

Seguindo com Triska e D'Agord (2013), temos a proposição de que o sujeito da psicanálise, enquanto efeito de linguagem, bem como a sua realidade, são produzidos pela “combinatória pura e simples do significante” – os autores se referem ao texto *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache*. Para eles esta seria, então, uma afirmação ousada de Lacan pois têm como consequência que a topologia pode ser tomada não só como o que cria um objeto, um problema de pesquisa ou um inconsciente abstrato, mas sim, o que mostra a própria estrutura de uma “máquina original” que “põe em cena o sujeito”. Nesse sentido, os autores vão dizer que “se o sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante – o que o produz e que o afanisa, respectivamente –, sua lógica deve corresponder à lógica do significante, e esta deve ser estrutural” (Triska e D'Agord, 2012, p. 157), ou então, nos valendo novamente das proposições de Milner anteriormente apresentadas, uma lógica hiperestrutural. Ainda nesse mesmo sentido do funcionamento da lógica hiperestrutural do significante e seu fundamento topológico, podemos recorrer ao que Lacan nos diz em uma passagem de *Posição do inconsciente*:

Hiância, pulsação, uma alternância de sucção, para seguirmos certas indicações de Freud: é disso que precisamos dar conta, e foi isso que tratamos de fazer fundamentando-o numa topologia. A estrutura daquilo que se fecha inscreve-se, com efeito, numa geometria em que o espaço se reduz a uma combinatória [...] Nisso percebemos que é o fechamento do inconsciente que fornece a chave de seu espaço e, nomeadamente, a compreensão da impropriedade que há em fazer dele um interior. Ele também demonstra o núcleo de um tempo reversivo, muito necessário de introduzir em toda eficácia do discurso, e já bastante sensível na retroação – na qual insistimos há muito tempo – do efeito de sentido na frase, o qual exige, para se fechar, sua última palavra (Lacan, 1964, p. 852).

Assim, se consideramos que a linguística utilizada por Lacan está imersa em princípios topológicos e também que há a presença de uma base significante implicada nesta experiência topológica articulada ao movimento de construção da teoria psicanalítica lacaniana, a qual comporta um fundamento hiperestrutural; o que tentamos traçar são as consequências de proposições que incidem nos próprios assentamentos das operações clínicas com a linguagem junto as quais a psicanálise opera.

Recorrendo ao verbete “Superfícies topológicas” no *Dicionário enciclopédico de psicanálise*, Kaufmann (1996, p. 527-528) nos diz que ao longo de seu ensino Lacan recorreu a este artifício “para explicar o que implica para o sujeito humano ser um sujeito falante: na qualidade de falante, ele se constitui no lugar do Outro, e é preciso portanto explicitar as consequências, para o sujeito, de sua dependência radical da cadeia de significante”. Dessa forma, se com Milner vimos que esta cadeia é o que resta da redução minimalista operada sobre uma estrutura que só pode ser composta por significantes (da qual o ser falante depende), o que Lacan faz posteriormente, como em seu *Seminário 9 sobre A identificação*, é nos mostrar de forma explícita que ela possui aspectos topológicos:

Insisti, nesse sistema, sobre sua característica extraplana, na sua característica de superfície sobre a qual Freud insiste com toda força, o tempo todo. Pode-se apenas ficar surpreso que isso tenha engendrado a metáfora da psicologia das profundezas (Lacan, 1961-62, p. 134).

Indagamos como esta parte que consideramos essencial ao desenvolvimento do ensino lacaniano se deu pois, se nos lembramos das críticas que Lacan direcionava aos pós-freudianos que deixavam de lado alguns dos fundamentos da psicanálise, mantendo-se em uma seção restrita e priorizando outros pontos que há muito haviam sido refutados – como aqueles que acreditavam ser possível desconsiderar a primeira tópica freudiana para conservarem apenas a segunda tópica, já que foi a última elaborada; ou então, os que privilegiavam o reforço das funções eu –, torna-se capital este retorno

contínuo, por meio da pesquisa, aos princípios e conceitos que sustentam a prática clínica com o sujeito que nos fala.

Aqui achamos importante pontuar que, apesar de não termos a pretensão de estender nossa investigação mais detidamente às dissidências nas elaborações que Lacan realiza a respeito do inconsciente ao longo de sua obra, é interessante ao menos notar que ainda em suas últimas formulações a ideia de espaço estará presente. Mesmo voltando-se mais ao campo do que chama de Real (apesar da equivalência entre os registros RSI) nos últimos momentos de sua obra, especificamente no *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*, seu último escrito, Lacan (1976) apresenta o inconsciente como o *espaço* de um lapso. É nessa mesma passagem, no entanto, que ele afirma haver aí um limite da interpretação e do sentido; o que toca também nos limites das operações que viemos trabalhando nesta pesquisa.

Com esse breve passo um pouco mais distante buscamos apenas trazer para a discussão mais uma pequena indicação afirmativa de uma continuidade não só entre os campos da linguística e da topologia, que colocamos como hipótese a ser verificada, mas também uma continuidade própria em relação a pontos chave no desenvolvimento do ensino lacaniano. É no mínimo curioso Lacan nos dizer, em seu primeiro escrito, que seria apropriado trabalharmos a estrutura da palavra que parasita o sujeito mais com a ideia de um anel do que uma esfera e, em seu último escrito, ainda insistir nesse espaço, furo, lapso, que é o inconsciente. Assim, o que pretendemos deixar evidente com essas articulações é que:

As transformações topológicas de uma superfície em outra – mediante cortes, costuras e suplementos – constituem um desenvolvimento que é como uma referência expressa ao discurso de Jacques Lacan; uma referência manifesta, esquemática, explícita, isso é, articulada num conjunto transmissível. J. Lacan se declara situado ali, em seu discurso, nesse ponto – ponto ao qual chegou na construção do discurso analítico (Chapuis; Cevasco, 2019, p. 99).

2.4 Meio-dito, bem cortado

Partindo da assertiva “sem dizer, não vai”, Lacan (1973) nos diz em *O aturdido* que muitas coisas “não andam” sem essa dimensão do dizer, como, por exemplo, o que o autor chama de “a coisa freudiana”. Logo em seguida somos lembrados que “não vai sem” remete-nos a uma conjugação, sendo que sua referência aqui é ao “dito da verdade”, o qual não anda sem tal dimensão do dizer (em outros momentos apresentada com o

neologismo *diz-mensão*). No entanto, somos advertidos que, “esse dizer, não se pode traduzi-lo em termos de verdade, já que da verdade há apenas meio-dito, bem cortado” (Lacan, 1973, p. 454)

Lacan (1973) nesse texto deixa evidente que o discurso analítico concerne ao sujeito como efeito de significação. Trata-se, para o autor, de seguir pela “via sempre acessível da equivocidade do significante” (p. 467). É assim que o trabalho analítico pode se valer da dimensão do mal-entendido, a qual abre caminho para algo daquilo que Lacan chama de Real e que aparece neste momento como *ab-sens* ou *dé-sens*²⁰ (p. 459). Apesar de não nos determos mais a respeito da discussão em torno da categoria do Real neste momento mais avançado da obra lacaniana, achamos importante sublinhar um entrelaçamento feito pelo autor entre a estrutura e esta categoria. O real advém pela própria estrutura, é a sua dimensão de impossível à codificação, é o que escapa à maquinaria por via de sua deformabilidade inerente e, por isso, “não tem nenhuma relação com a boa forma” (p. 477).

Se meu dizer se impõe, não, como se costuma dizer, por um modelo, mas pelo propósito de articular topologicamente o próprio discurso, é do defeito no universo que ele provém, sob a condição de que também não pretenda preenche-la. [...] Por conseguinte, faz-se necessária uma topologia pelo fato de o real só reaparecer pelo discurso da análise, para confirmar esse discurso, e que seja da hiância aberta por esse discurso [...] que esse real revele ex-sistir. [...] Minha topologia não é de uma substância que situe além do real aquilo que motiva uma prática. Não é teoria. Mas ela deve dar conta de que haja cortes do discurso tais que modifiquem a estrutura que ele acolhe originalmente (Lacan, 1973, p. 478-9).

Para Lacan, “se o dito se conclui por um corte que se fecha”, o importante então é notar os efeitos de subversão topológica que esses cortes podem instaurar. Assim, se tomamos a banda de Moebius como o exemplo notável dessa mudança produzida pelo corte, descobrir nela “do que se trata no discurso analítico só pode ser feito se interrogamos a relação do dizer com o dito” (Lacan, 1973, p. 474). Nesse sentido, meio à prática psicanalítica, é preciso se dar conta das possíveis ambiguidades que se inscrevem por meio da significação, tomada neste momento como o fecho do corte. Esta é a função do analista na discórdia das línguas.

Sendo assim, Lacan (1973, p. 486-7) segue nos indicando que a topologia pode nos ensinar sobre como o corte permite modificar a estrutura. Ainda em uma passagem

²⁰ *Ab-sens* e *dé-sens* são neologismos criados por Lacan que nos remetem à dimensão de uma certa suspensão da função significante associada ao sentido. *Dé-sens* também é homônimo de *Décence* (decência).

desse texto, é interessante notar que este corte pode ser correlato a um furo sobre as superfícies naturais, o qual o autor curiosamente nos dirá que “se imagina, ou se maquina” – o que achamos curioso aqui é que Lacan parece conjugar esses objetos imaginários (seja se tratando “*d’asfera*²¹” ou da banda moebiana) com algo da ordem de uma maquinaria, ou seja, a nosso entender, da máquina significante. Essa aparente conjugação entre Imaginário e Simbólico não deixa de fora o registro do Real, ao qual somos remetidos não só pela via do objeto *a* que se apresenta no neologismo acima citado, mas também pela via do desejo do analista, o qual se vale desta tesoura ao tomar a posição de semblante para conduzir o jogo de cortes e colagens da análise.

A psicanálise, por sua vez, só acessa a isso [o inconsciente] pela entrada em jogo de uma Outra diz-mensão, que se abre no que o condutor (do jogo) “finge” ser o grande efeito de linguagem, o objeto pelo qual se (*a*)nima o corte que com isso ela permite: o objeto (*a*), para chamá-lo pela sigla que eu o atribuo (Lacan, 1973, p. 491).

É neste jogo que entra em cena, por exemplo, o trabalho com o sonho, o lapso, o trocadilho e a homofonia, sendo que “todos os lances são permitidos aí, em razão de que [...] são eles que jogam conosco. Exceto quando os poetas os calculam e o psicanalista se serve deles onde convém” (Lacan, 1973, p. 493). Ainda levando em conta essa relação entre os lances de linguagem e nossa posição de sujeitos subordinados a seu jogo, Lacan nota que o mínimo da intervenção interpretativa pode ser expresso pela frase “Não sou eu que te faço dizê-lo”, denotando aí que a “responsabilidade por isso que não lhe mandei dizer por ninguém” (p. 494) deve ser tomada pelo sujeito em questão, mesmo que este seja submisso a toda uma morfologia da linguagem.

2.5 Não é metáfora?

Lacan nos diz insistentemente que a topologia não é uma metáfora, que com ela pode-se ultrapassar esse registro do ‘como se fosse’ e chegar ao ‘é isso’. Com relação a este ponto, Chapuis e Cevasco (2019) nos dizem que o “estofa” do discurso analítico não se encontra nas superfícies, nas linhas e nas imagens com as quais Lacan realiza suas

²¹ Ao articular neste neologismo tanto o objeto imaginário “esfera” quanto o objeto *a*, fundamentalmente inapreensível; Lacan, a nosso ver, nos indica mais uma vez a sua recusa a qualquer tipo de totalização imaginária, fazendo um furo nessa pretensão esférica por meio de uma palavra inventada.

exposições topológicas, mas antes, nas relações de estrutura que podemos extrair a partir daí.

Ao longo de nossas investigações nesta pesquisa nos deparamos frequentemente com o questionamento a respeito do uso desses instrumentos enquanto modelo na retórica lacaniana. Em outras palavras, tal topologia é ou não metafórica, apesar da insistência de Lacan em dizer que não? Chapuis e Cevasco (2019) nos fornecem uma resposta possível: sim e não. Claro, uma resposta paradoxal, bem como alguns dos objetos apresentados pelo psicanalista. Por um lado, Lacan cai intuitivamente no campo metafórico ao trabalhar com artifícios imagéticos para tentar se fazer entender pelos psicanalistas e assim transmitir algo do discurso analítico. Por outro, há essa desvalorização do aspecto metafórico da topologia uma vez que ela partilha características idênticas e nos mostra efetivamente o funcionamento das propriedades da linguagem. Chapuis e Cevasco (2019) nos mostram que Lacan reconhece essa sua posição paradoxal e, recorrendo ao próprio autor, temos a seguinte afirmação a respeito do discurso analítico:

Assinalo primeiramente que se dele excludo a metáfora, admito que ele pode ser enriquecido e que, nessa condição, não passa, nesse caminho, de recreação, ou seja, daquilo com que todo tipo de novos campos matemáticos de fato já se abriram. Mantenho-me, pois, na ordem que isolei do simbólico, ao inscrever nela o que acontece no inconsciente, para ali buscar a referência de meu discurso atual (Lacan, 1973, p. 473).

Ainda se referindo ao texto *O aturrito*, Chapuis e Cevasco (2019) afirmam que Lacan deixa clara sua insistência em fixar e assegurar o estatuto da topologia em seu ensino ao apresentar e fazer referências, por exemplo, ao funcionamento da estrutura da linguagem a partir do grafo do desejo e sua propriedade de retroação. Recorrendo ao próprio Lacan, temos a seguinte passagem localizada no texto acima referenciado, a qual também nos utilizamos em nossa introdução: “A topologia não foi “feita para nos guiar” na estrutura. Ela é a estrutura – como retroação da ordem de cadeia em que consiste a linguagem” (Lacan, 1973, p. 485).

Ou seja, a estrutura é de fato a topologia lacaniana. No entanto, para Chapuis e Cevasco (2019) não devemos confundir a topologia enquanto disciplina matemática com a topologia lacaniana enquanto recurso para a transmissão de algo do discurso analítico. É verdade que a topologia com a qual Lacan trabalha possui pontos de continuidade e descontinuidade com o seu campo originário, bem como ocorreu com a linguística. Contudo, Rona (2010) nos fornece um argumento crítico, com o qual concordamos, a essa

afirmação de Chapuis e Cevasco na medida em que, para o autor, a topologia utilizada por Lacan é propriamente a matemática, mesmo que se servida para propósitos distintos de tal disciplina.

Rona (2010) nos mostra que a topologia utilizada por Lacan está calcada na teoria dos conjuntos, fundada por Georg Cantor, sendo este o próprio subsídio que estrutura a teoria do significante. Para o autor, Lacan transita tanto no campo linguístico quanto no lógico-matemático ao estruturar o significante como um conjunto para apreender o seu funcionamento combinatório e a sua disposição espacial. Dessa forma, tomando o significante enquanto a materialidade com a qual a psicanálise opera em uma estrutura topológica, Lacan faz desdobrar toda uma malha de operações lógicas fundamentais à metodologia psicanalítica, como nos aponta o autor na seguinte passagem:

Se, como procuro mostrar, o significante, tal como o propõe Lacan, tem a estrutura tal qual aquela de que trata a teoria dos conjuntos, uma coleção de significantes, apropriadamente organizada, poderia ser modelo, no sentido exposto, de uma lógica, aquela descrita, por exemplo, por Freud para os sonhos e demais formações do inconsciente. Analogamente, poderia ser modelo, em outra configuração, de também outra lógica, aquela da fantasia, como apresentada por Lacan, ou da própria fala. O significante não é mera abstração, mas a própria materialidade da psicanálise e é ele, colhido na fala dos analisantes, que mostra a validade – é isso o que se espera, ao menos – de uma lógica, como a do Édipo, ou que permite a construção de outra, como a do fantasma (Rona, 2010, p. 73-74).

Contudo, os passos tomados por Rona se distinguem dos nossos na medida em que o autor propõe se deter à prova da hipótese de que a teoria dos conjuntos é o fundamento da lógica significante. Ainda assim, dado o devido crédito a esta referência crucial à discussão sobre a topologia lacaniana, acreditamos não ter se esgotado (longe disso) o debate a respeito dos pontos tangidos pelos autores mencionados por Rona na seguinte frase, com os quais conversamos:

[...] a topologia, antes de ser uma ciência dos espaços, o que qualquer livro de matemática que aborde o tema não faz senão destacar, tem seu fundamento na teoria dos conjuntos. Apresentar, ou não, uma topologia é uma propriedade de uma coleção de conjuntos. Assim, se é forçosamente a partir do significante, como diz Darmon, que a topologia se justifica, ou, seguindo Miller, se a topologia se sustenta no significante, ou ainda, como quer Korman, que a relação se dá pela entrada da linguística saussuriana, o fundamento do emprego da topologia deve residir no enquadre do significante na teoria dos conjuntos. Esse, parece-me, é o passo elidido por todos os autores mencionados (Rona, 2010, p. 42).

Na esteira de Affonso (2019, p. 239), também “acreditamos, todavia, que somente a indicação da relação intrínseca que haveria entre o significante e a teoria dos conjuntos não basta para justificar o empreendimento de Lacan com relação à topologia”. É preciso

reconhecer que existem diversas razões pela empreitada lacaniana ao uso da topologia em sua obra (além das consequências), sendo que alocamos aqui algumas das que acompanham de perto a forma como tal topologia permite em si mesma uma articulação da estrutura “cuja dinâmica se dê segundo as mesmas regras de funcionamento da linguagem”.

Se um dos principais motivos que denota a importância da topologia lacaniana é a implicação dos significantes em uma espacialidade na qual se pode operar, torna-se preciso reconhecer, nessa topologia, a posição que o sujeito toma na brecha cindida pela fala entre o dito e o dizer. Por isso, o que está em jogo nessa topologia é o trabalho cirúrgico de cortes e suturas operados com a estrutura, e não a apreensão de objetos do conhecimento ou da cognição, mesmo considerando que tal estrutura tenha sua materialidade própria.

Retomando o nosso ponto de interesse nas colocações de Chapuis e Cevasco (2019), notamos que essa topologia, na obra de Lacan, é alocada para nos ensinar os efeitos de linguagem, a estrutura subjacente ao funcionamento das palavras e os escamoteamentos correlativos à produção de um sujeito representado por um significante para outro. Ainda com os autores, a aposta que o trabalho psicanalítico faz é a de ir das dimensões dos ditos à de um dizer, ou seja, à da implicação subjetiva daquele que fala no que diz. Isso se dá a partir da regra fundamental da experiência psicanalítica, que é “dizer qualquer coisa, ainda que não se diga qualquer coisa”. É nesse sentido que Lacan (1973, p. 473) nos afirma que “o significado do dizer, como penso ter dado a perceber por minhas frases iniciais, não é nada além da ex-sistência ao dito”. Assim, trata-se de mostrar os efeitos de sujeito como determinados enquanto efeitos de linguagem, no entanto, agora “não mais a partir da própria linguagem (pela via dos significantes), mas a partir da topologia” (Chapuis; Cevasco, 2019, p. 140).

2.6 Refração à integralização

Recorrendo a Miller (2012, p. 47), em seu texto *Progressos em psicanálise bastante lentos*, o que chamamos de arquitetura está “sempre submetida ao jogo dos planos e das superfícies”, sendo que o autor denomina de “arquitetônica lacaniana” a organização e mobilização de superfícies em torno de um vazio. Podemos relembrar mais

uma vez que vazio é um dos predicados do significante, que representa o sujeito para outro significante. Novamente, vemos que Lacan se mobiliza às superfícies topológicas possuindo como pano de fundo, pelo menos como uma de suas perspectivas, o significante e o vazio que o define em suas relações.

Prosseguindo com o autor, se para Freud a biologia era o Real, ou seja, o impossível de apreensão, para Lacan, o real tratava-se da própria topologia, “que não é matéria nenhuma, que é apenas pura relação de espaço, ou ainda, um espaço que, em relação aos outros, devemos marcar com uma negação. Um *n'espaço*²² indicando não se tratar de nada sensível”. Nesse parágrafo sobre topologia que tomamos de Miller, podemos ainda reconhecer os traços do que interessou a Lacan na linguística de Saussure, a saber, a relação fundamental de negação que os signos portavam entre si meio a seu sistema. Além disso, podemos afirmar que é nesse *n'espaço* mesmo em que *terá estado* o sujeito do inconsciente conforme Lacan nos propõe – não substancial, eclipse incessante. Ainda sobre o campo da topologia e as relações de transformações que ela nos permite visualizar em relação ao funcionamento da linguagem e da fala, Miller nos diz:

Com frequência, para encontrar a palavra justa, é preciso deformá-la, é preciso que ela chegue a ultrapassar o muro do significante e do significado. E não se ultrapassa o muro do significante e do significado sem deformá-lo um pouco e, por vezes, é exatamente isso. Quando digo que para Lacan - ele disse isso uma ou duas vezes - a topologia é o real, faço-o sem aspas, no sentido em que, para ele, era exatamente isso (Miller, 2012, p. 21).

Miller (2012) nos diz que “para Lacan, a topologia não é representação, uma vez que representa o que é, ou seja, fórmulas matemáticas, relações matemáticas”, ou então, se quisermos jogar com as palavras de acordo com o que viemos trabalhando aqui, relações maquinárias da estrutura. Nesse sentido o autor complementa afirmando que “a topologia é a via que corresponde ao que é exigido pela estrutura da linguagem”. A linguagem, fundada por uma ausência (seja ela de referência), se desfila por em torno desse vazio impossível de ser preenchido com o qual Lacan realiza suas construções e se mobiliza fazendo o uso da topologia.

Assim, vale notar ainda um adendo feito por Affonso (2019) no sentido de nos dizer que a topologia não se reduz meramente à propriedade combinatória do simbólico. Ela excede isso na medida em que consideramos “os registros do Real e do Imaginário

²² Neologismo criado por Lacan em *O Aturdido* que em francês (*n'espace*) é homofônico de “não é?” (*n'est-ce pas*). Para Chapuis e Cevasco (2019) essa palavra inventada coloca em questão o estatuto do ser, ponto este trabalhado por Lacan na primeira parte do texto referenciado.

como irredutíveis ao primeiro (Simbólico), ainda que só possam ser (parcialmente) acessados por meio deste”. Além disso, como nos diz Milner (1996), apesar de Lacan seguir por uma abordagem matematizante e inclusive colocar a matemática como um ideal, ele não se detém somente em tais matematizações, mas sim e principalmente, no que elas possuem de refratário a qualquer tipo de integralização. Isso coloca uma questão que Teixeira (1999) postula ser de ética:

Nessa perspectiva, um dos méritos maiores de Lacan foi de ousar estender o rigor da formalização científica da estrutura para além do seu estatuto de mero instrumento de análise, reintegrando-a, através da consideração do problema ético, a um verdadeiro dispositivo de pensamento. [...] Lacan veio destacar o topos ético da psicanálise, fora de toda referência humanista, mediante a apreensão conceitual da causa do desejo como lugar indecidível do qual se descompleta a estrutura de determinação simbólica do sujeito. É localizando o desenvolvimento desta noção de causa como falha estruturante, no que ela se subtrai à determinação da estrutura, que estimamos poder precisar como o rigor de um pensamento ético atravessa o ensino e a *praxis* de Lacan (Teixeira, 1999, p. 20-21).

Apesar de nossa pesquisa ter um foco nessa “estrutura de determinação simbólica do sujeito” bem como suas operações de transformação que se demonstram por uma topologia, achamos importante indicar que o limite desta, enquanto borda, perpassa por precisamente por essas questões consequentes de um furo próprio ao campo do Outro. Certamente não é possível realizar uma separação entre estes dois pontos e suas dissidências teóricas ao longo do ensino lacaniano, uma vez que elas são intrínsecas na medida em que o fundamento de tal determinação simbólica é calcada na própria condição de que o campo da linguagem seja inconsistente, incompleto. O que demarcamos aqui é apenas que todas essas ramificações – a categoria do Real, o aforismo “não há relação sexual” ou “não há metalinguagem”, entre outras – são alocadas para a lateral com o intuito de prosseguirmos sem nos perder de nossa linha argumentativa.

De acordo com Bairrão (1996, p. 139), podemos afirmar que “estruturas topológicas são pura e simplesmente apresentações da espacialidade simbólica, habitat do sujeito, que é o lugar do significante – este sendo a noção basilar do conceito de estrutura”. Com efeito, a estrita conjugação dada por Lacan entre estrutura e topologia seria um modo precisar a abordagem e o tratamento de determinadas transformações, suscetíveis de serem feitas na espacialidade simbólica pela via do ato analítico. Além disso, esse trabalho que Lacan realiza sobre a estrutura por via da topologia se coloca como uma maneira de nos mostrar também a falta do objeto, a falha interna da estrutura, que é demonstrada através dos furos observáveis, por exemplo, no Toro e na Garrafa de Klein. O recurso feito por Lacan a essa epistemologia que permite nos mostrar os furos

na estrutura com seus objetos é, evidentemente, coerente com sua postulação de que o inconsciente é um saber que não se sabe, sendo que essa dimensão de incompletude “não se atribui a impotência em superar a hiância entre um sujeito ignorante e um saber totalizante inacessível, mas a uma impossibilidade que se deve à castração como furo no saber” (Affonso, 2019, 258). Apesar de a psicanálise lacaniana voltar seu interesse à questão do saber, sua metodologia clínica e, mais uma vez, sua dimensão ética, exigem o reconhecimento de que este saber é furado, sendo que a prática analítica, longe de tentar controlar, adaptar ou mesmo preencher esse furo, lida pura e simplesmente com os efeitos dessa estrutura truncada, sobre a qual diversos saberes também truncados (os meio-ditos de verdade, como nos disse Lacan) podem advir.

Postulando assim que a dimensão ética da responsabilidade tem início a este nível do qual S (\emptyset) é o índice, avançaríamos que, se um saber sobre a ética da psicanálise é formulável, tal saber deve poder enunciar, em seu princípio, as coordenadas dos limites internos de sua própria condição discursiva (Teixeira, 1999, p. 165).

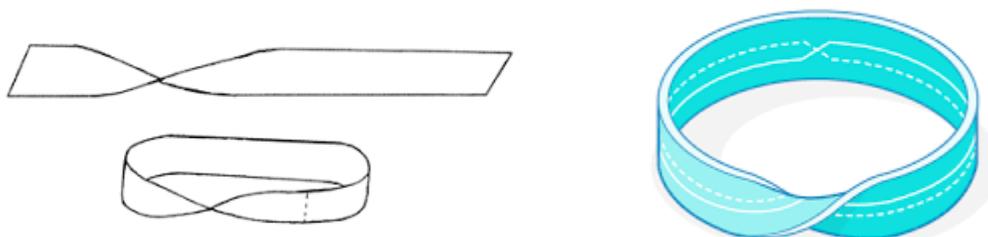
Prosseguindo com Affonso (2019, p. 258), é possível sustentar a ideia de que o uso da topologia enquanto meio de se articular problemas clínicos torna-se base de uma ética do analista pautada “em um saber-fazer operações na estrutura”. Com efeito, tais operações incidem na economia de satisfação pulsional do sujeito, convocando-o “a uma mudança na posição subjetiva e propiciando a invenção de um saber inédito”. Para o autor, as constatações lacanianas de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem bem como a característica diferencial do significante são dotadas de “uma estrutura topológica passível de sofrer transformações cuja especificidade é articular espaço, lugar e posições, configurando uma *dinâmica*”. Assim, tal topologia pode ser tomada como um meio de “precisar os efeitos dessas transformações, já que se trata de procedimentos que modificam a estrutura” (p. 258).

Com efeito, Affonso (2019, p. 259) nos diz que esses procedimentos colocam em evidência um “caráter *fluxo* de uma estrutura que não se deixa apreender em sua totalidade”, sendo que essa sua “*mobilidade*” é o que permite a realização de diversas inversões estruturais, o que não seria possível caso as coordenadas de tais operações fossem dadas pela geometria euclidiana. Além disso, o autor afirma que “algumas dessas operações, sem a topologia, só poderiam ser intuídas como descontinuidades, oposições, quando se trata principalmente de transformações contínuas que produzem uma diferença no seio do idêntico” – aqui não custa lembrar nossa discussão desenvolvida em torno da

fórmula $A \neq A$ como resultante do princípio diferencial próprio ao significante. Vejamos agora algumas dessas operações a partir de um dos objetos trabalhados por Lacan.

2.7 Banda de Moebius

Inventada em 1858 por Johann Listing e August Mobius, a banda de Moebius pode ser construída por uma meia-torção em uma faixa, por exemplo, um cinto ou uma fita de papel, e em seguida reunir suas duas extremidades. O curioso deste objeto topológico é que no movimento de sua construção há uma subversão da representação comum do espaço, sendo que após a colagem que confere à fita uma estrutura propriamente moebiana, o avesso e o direito se encontram contidos um no outro.



Construção (esquerda) e modelo (direita) da banda de Moebius.

Com a banda de Moebius, Lacan nos permite visualizar um modelo paradoxal para explicar, por exemplo, as dicotomias entre significante e significado, enunciação e enunciado, sentido e significação, entre outros²³. Granon-Lafont (1990) nota que nesse objeto o direito e o avesso se encontram em continuidade, um está contido no outro, há uma subversão do uso comum do “cara ou coroa”. Aqui podemos lembrar que esta era também uma das metáforas em relação à subversão que Lacan realiza ao se apropriar da linguística de Saussure – a destruição do signo enquanto formado como uma moeda em seus dois lados, ou então, os dois lados de uma folha de papel.

Ainda com a autora, para o grande topólogo Henri Poincaré, o que é interessante na chamada *analysis situs* é a possibilidade de intervir com uma intuição geométrica, sendo esta distinta da intuição algébrica. Trata-se de uma intuição que “sob a pena de Lacan, remete às qualidades próprias da topologia na medida em que ela trata da

²³ A ambivalência também pode ser situada aqui, por exemplo, quando Lacan (1973, p. 477) nos diz que “o amor-ódio é aquele do qual um psicanalista, mesmo não lacaniano, só reconhece, com justa razão, a ambivalência, isto é, a face única da banda de Moebius”.

apreensão global do espaço” e por isso “a psicanálise, como esclarecimento da estrutura do falasser, põe em cena o próprio espaço no qual a topologia encadeia seus fenômenos (Granon-Lafont, 1990, p. 38). Assim, se em determinado momento Lacan nos diz que com o recurso à topologia seria preciso propor uma nova estética transcendental para a experiência, é porque o que está em jogo não é nenhum espaço da estética no sentido de Kant, nenhum sujeito do conhecimento, da sensibilidade intuitiva ou da razão, mas sim, o sujeito do inconsciente, sobre o qual a banda de Moebius pode ser seu modelo paradigmático.

Para Granon-Lafont (1990) foi nesse mesmo modelo que Lacan apoiou duas leis do significante, a saber, que (i) um significante não pode significar a si mesmo e (ii) um significante representa o sujeito para outro significante. A volta, a moção sobre a fita, marcada por um paradoxo, nos mostra a subversão operada na oposição significante-significado e suas relações. Dessa forma pode-se dizer que “o significante e o significado se opõem, mas a diferença se apoia apenas sobre um fator temporal. Um significante significa alguma coisa num momento dado, num certo contexto de discurso” (Granon-Lafont, 1990, p. 34). Como sabemos, na dinâmica do funcionamento significante, o significado não cessa de se deslizar até que se chegue ao que Lacan chamou de ponto de basta, o fim do encadeamento das palavras, sem o qual elas poderiam se deslizar em um movimento metonímico indeterminado.

Entre dois se inscreve necessariamente uma diferença, um espaço. Lacan apoia esta diferença sobre o traçado do oito interior. A palavra se repete, a curva se fecha sobre ela mesma, mas qualquer que seja a pequenez do espaço deixado, há sempre entre duas curvas o espaço de uma banda de Moebius e um vazio central formado por elas (Granon-Lafont. 1990, p. 35).

Nessa passagem acima temos mais uma volta por cima de nossa linha argumentativa. Se uma das leis da estrutura conforme Lacan propôs é a exigência mínima de dois significantes para que advenha o significado, entre esses dois elementos há necessariamente a inscrição de uma diferença, como a autora nos diz. Essa diferença que é espacial nos força, como Lacan (1960, p. 655) afirmou, “abrir o pensamento para uma topologia, exigida pela simples estrutura”.

Nessa estrutura moebiana é preciso mover-se por cima de sua superfície para perceber a sua torção, a qual coloca em questão o dentro e o fora. Essa dicotomia entre dentro e fora é dissolvida, uma vez que se trata de apenas um lado. Como já pontuamos, é com esse antídoto que Lacan irá rejeitar a ideia de uma psicologia profunda ao utilizar-

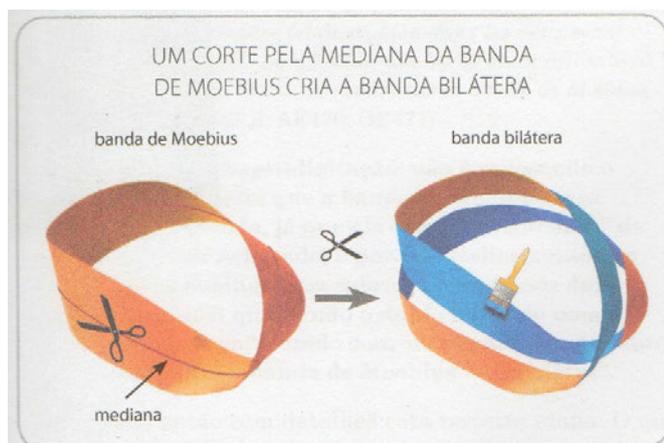
se da banda de Moebius para mostrar que o inconsciente não deve ser localizado em alguma profundidade, mas antes, na superfície da fala. Para se tocar em algo do inconsciente, é preciso seguir esse movimento do discurso que dá uma volta em si mesmo. É por isso que a banda de Moebius torna-se paradigmática ao nos mostrar o movimento das dobras, os giros, os cortes e as colagens possíveis ao discurso que, dessa forma, nos permitimos caracteriza-lo também como de borracha – como nos indicou Miller, esta é a dialética própria ao movimento dos significantes. Senão vejamos algumas operações sobre esta superfície.

2.8 Interpretar: cortar e colar

Se em certo ponto de seu seminário *O momento de concluir* (1977-1978), Lacan chega a propor como um de seus objetivos “elevar a psicanálise à dignidade da cirurgia”, para Affonso (2019, p. 257) tal proposição seria uma referência “às operações topológicas de corte e sutura [...] para qualificar a necessidade de precisão, topologicamente orientada, do ato analítico que opera modificando a estrutura do sujeito”.

O autor prossegue afirmando que a opção metodológica de Lacan, ao utilizar-se da topologia, seria uma decorrência “da primazia do estatuto ético-político atribuído ao inconsciente”, sendo este “o último recurso no horizonte da busca fracassada pela formalização, nos antípodas da ontologia, reafirmando a recusa a qualquer substancialização metafísica”. Ou seja, além da recusa a qualquer fixação identitária ao sujeito bem como a qualquer tipo de prática adaptativa, a psicanálise se dispõe de uma dimensão ética-política que, ao fundar o sujeito na relação deste com a estrutura significante, vale-se do próprio princípio que funda, sustenta e faz limite a tal estrutura bem como ao discurso no qual ela se encontra articulada, como vimos com Teixeira (1999) anteriormente.

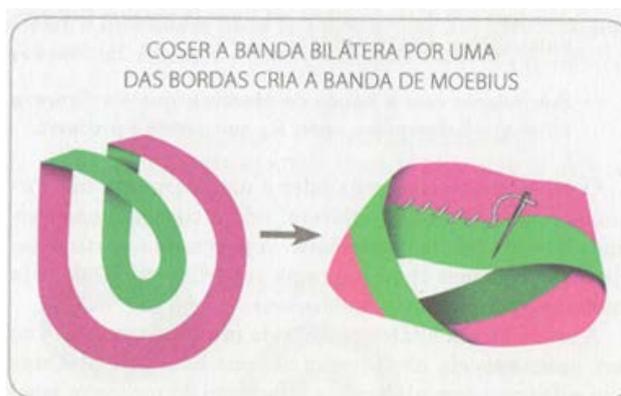
Já sobre a banda de Moebius, quando cortada pela mediana (meio da fita), as suas características iniciais desaparecem. Transformada em uma fita duas vezes mais longa e com um lado avesso e um direito, sua própria estrutura é modificada pelo corte mediano que traça um caminho de oito interior, o que permite que Lacan realize uma redução de tal estrutura ao ato de corte.



Chapuis; Cevasco, p. 41, 2019.

De acordo com Granon-Lafont (1990), podemos localizar aqui uma das noções centrais da direção do tratamento, que é a de interpretação. A interpretação do analista não faz apenas um corte no enunciado do analisante, mas conta com os efeitos do reencontro deste último com uma outra significação na dimensão de sua enunciação. Dessa forma esta operação é formalizada topologicamente não como apenas um corte, mas um corte e sua religação.

É nesse sentido que “o axioma “a interpretação é o corte”, permite delimitar como este tipo de intervenção do analista descobre o desejo do analisando, mascarado em seu próprio dizer” (Granon-Lafont, 1990, p. 32). Aqui localizamos uma assertiva pontual de Lacan a respeito: “o corte instaurado pela topologia [...] é o dito da linguagem, mas sem dela esquecer o dizer” (1973, p. 485). Ou seja, o ato analítico, a interpretação enquanto corte, só pode ser considerado como tal na medida em que se conta com os seus efeitos, com a religação das bordas da banda que nos mostra o que seria a característica de abertura e fechamento do inconsciente. É essa operação de colagem, que “não esquece” do corte sobre o dito a dimensão do dizer, que faz com que o sujeito se caracterize como eclipse incessante, como Milner já nos alertou.



Chapuis; Cevasco, p. 41, 2019.

Em outras palavras, quando há um ato analítico e nos damos conta de um direito e um avesso, da dimensão do dizer para além do que foi dito, da consciência e do inconsciente; aí já *terá estado* o sujeito, já estará feita a religação e assim retomada a estrutura inicial da banda de Moebius. É nesse mesmo sentido que localizamos a seguinte assertiva:

O ato analítico é a interpretação sobre o corte da contrabanda. Na medida em que é analítico, o ato deve ser situado na linguagem. A interpretação é a operação do corte, este corte muda a estrutura topológica da banda. É isto que faz desaparecer a estrutura deste espaço: efeito de *fading*, abertura e fechamento do inconsciente, encontro faltoso, afânise; há sempre, com o sujeito, efeitos dessa ordem (Granon-Lafont, 1990, p. 40).

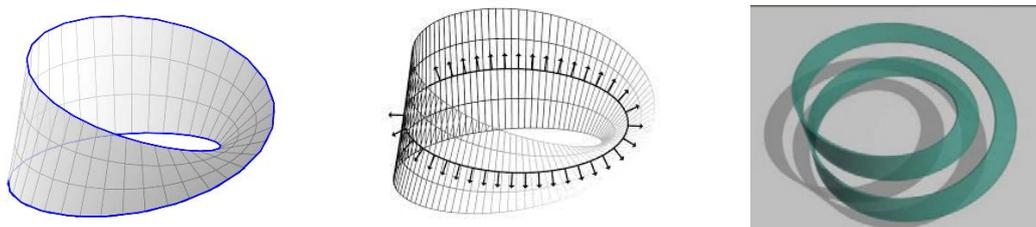
Novamente, o que Lacan pôde nos mostrar com a banda de Moebius e seu corte é que a estrutura do sujeito não se condiz e nem se reduz à esfera como representante de uma unidade subjetiva. Trata-se, na verdade, de uma duplicidade. De acordo com Miller (1996) essa duplicidade, que é representada pelo oito interior, é correlata ao próprio sujeito que escapa continuamente de si mesmo, uma vez que quando ele “aparece de uma certa forma em um lugar, deve desaparecer de um outro lugar” – trata-se, em outras palavras, da divisão subjetiva, matematizada em \$.

Nos interessamos especialmente em reconhecer como o analista realiza um corte interpretativo e faz operar com o significante sobre o discurso do analisante. Dado o contexto em que está colocada uma relação transferencial, a palavra proferida pelo analista torna-se dotada de um poder peculiar, qual seja, de rasgar e deformar o campo do “ronronar da repetição” e do “moinho dos ventos” em que o analisante se encontra ao associar livremente e proferir seus diversos enunciados. Não será atoa que um dos escritos de Lacan é denominado *A direção da cura e os princípios de seu poder*, no qual, inclusive, é enfatizado de muitas formas que o poder, na direção do tratamento, é única e exclusivamente o poder da palavra. Dessa maneira, seja pela pontuação, suspensão da sessão, citação, equívoco ou enigma; a interpretação exitosa conforme nos propõe Lacan nesse momento revela o desejo inconsciente do sujeito, surgido na divisão que lhe é própria. Ao que nos parece, o interesse de Lacan pela banda de Moebius e sua afirmativa de equivalência deste objeto à estrutura do sujeito é pontual na medida em que esta superfície é inteiramente sensível aos cortes e às deformações anteriormente mencionados.

Lacan equipara o corte feito sobre a banda de Moebius com os efeitos do ato interpretativo sobre o sujeito pois em ambos temos uma mudança radical. Quando Lacan anuncia que a interpretação é o corte, logo podemos fazer uma conjugação com suas outras duas afirmativas de que a banda de Moebius em sua essência é o corte e que “*esse corte = banda de Moebius*” (Korman, 2004, p. 96).

Se a interpretação é o corte, o que ela faz é atualizar o inconsciente como o avesso do discurso consciente. Afastado de qualquer tendência a subjetivar, substancializar ou mesmo objetivar o sujeito, Lacan toma a banda de Moebius para mostrar, com rigor, o que se trata lidar com o sujeito reconhecendo os alcances de sua subjugação à extensão da linguagem, bem como os possíveis efeitos aí implicados.

A respeito do oito interior, mencionado anteriormente por Miller (1996), podemos dizer que é sobre seu traçado que o movimento do significante fará o corte, conforme propõe Lacan. Neste movimento, podemos ler não só a lógica da repetição diferencial mas também os seus efeitos sobre o sujeito (ou sobre a banda). Funcionando a partir do *après-coup*, trata-se da repetição de um significante que sanciona a existência do anterior e com isso produz o significado, como já vimos extensamente. Aqui o parentesco entre a banda de Moebius e o oito interior fica evidente por diversas maneiras, seja pela borda única característica da banda, pelo traçado do corte mediano da tesoura ou pela superfície bilátera resultante desta operação de corte (a qual é costurada em seguida do ato, como vimos anteriormente).



Oito interior na borda banda de Moebius, em sua mediana e na fita bilátera resultante do corte.

Com efeito, para o Miller (1996), este corte interpretativo que provê a superfície de uma frente e um verso indica que “a dupla inscrição freudiana não seria portanto mola de nenhuma barreira saussuriana, mas da própria prática colocada pela questão, isto é, o corte do qual o inconsciente, ao desistir, testemunha que consistia apenas nesse corte”, sendo assim que “unicamente a psicanálise descobriria que há um avesso ao discurso – à condição de interpretá-lo” (Miller, 1996, p. 89).

Lacan utilizou-se da topologia para nos mostrar também que ao invés da sobreposição de duas categorias (nesse caso, psíquicas), é possível que as duas se inscrevam em uma terceira, aparentemente paradoxal, que pode partilhar propriedades das duas categorias anteriores. A respeito deste ponto, basta que notemos o movimento de corte e colagem sobre a própria banda de Moebius. Senão vejamos: (i) o inconsciente está em continuidade com o consciente, uma vez que se situa na superfície da fala; (ii) quando, em um ato analítico, essa superfície é cortada, é possível se dar conta de um lado avesso e um direito (ou seja, das duas propriedades, os dois lados); (iii) no entanto, como vimos, este efeito é evanescente, sendo o seu fim representado pela própria colagem das bordas da banda e retorno a seu estado inicial (novamente, a terceira categoria, paradoxal). Aqui é fundamental notar que, apesar do retorno ao estado inicial, não se trata apenas de um retorno ao estado inicial. Afinal, se assim o fosse, o ato analítico seria sem efeitos. Trata-se de uma experiência dialética. Aqui me recordo de uma aula em que uma breve fala de meu orientador me chamou a atenção: “se o avesso do avesso, for o direito, então estamos no campo do positivismo. Se não, se for alguma outra coisa, então estamos no campo da dialética”. É exatamente isso. Podemos nos valer também um breve exemplo de como o próprio Lacan realizava este movimento em sua clínica.

Pierre Skriabine, matemático que passou por uma análise com Lacan, nos conta um pouco de sua experiência com a prática do psicanalista francês. Para Skriabine (2013, p. 14), tal prática era uma topologia em atos que tentava situar o analisante em um mundo tórico, no qual consciente e inconsciente se comunicam por meio desse espaço a-esférico. Nessa prática por meio da qual “Lacan manejava a transferência com uma habilidade diabólica”, a sessão tornava-se “o desconhecido, o imprevisível”, em que a única certeza era a de que o analisante poderia se encontrar a qualquer momento “num lugar impensável, sob o efeito da sideração da surpresa, do raio ofuscante e iluminante, instável ou estarecido”. Skriabine (2013) nos apresenta então ao menos dois momentos importantes de sua análise, os quais transcorremos aqui:

“O controle

Eu estava em análise com Lacan tinham uns dois ou três anos, jovem analisando, engenheiro em um ministério e a milhas de distância da ideia de praticar um dia a psicanálise.

Após uma sessão, Lacan me diz, em sua porta:

- *Amanhã vamos fazer um controle.*

- *Perdão? ... Como?*

- *Amanhã, você fará um controle, repete Lacan.*

Reagi como um bom obsessivo:

- *O senhor não está me confundido com outra pessoa? Eu não sou analista...*

- *Venha amanhã fazer um controle!* Repetiu pela terceira vez Lacan, que começou a ficar aborrecido.

Como eu era especialmente tapado, eu murmurei novamente:

- *Mas eu não tenho analisandos...!?*

- *Não importa!*

E diante da minha incompreensão muda e estúpida, Lacan, irritado, intima:

- *Amanhã!*

Saí trêmulo.

Então aqui vai: do efeito da vacilação de extrema magnitude assim produzida no seu *après-coup* se tornou possível precisamente esta passagem – mais tarde, para o analisando que eu era e que não considerava sequer um único instante de passar ao lado do analista. E mesmo esta travessia foi, neste momento preciso, iniciada por Lacan” (Skriabine, 2013, p. 14-15).

“Transmissão

Isso foi em 1980. Eu tentava em vão encontrar os atos da Jornada da EFP de 1979 sobre a Transmissão, não tinha mais exemplares no 69 rue Claude Bernard. No final de uma sessão, me encorajei a pedir a Glória se ela saberia onde eu poderia conseguir.

- *Nós temos aqui vários exemplares do Volume 1, mas eu não sei se ainda temos o Volume 2. Eu vou falar com o Dr. Lacan, eu lhe digo amanhã.*

No dia seguinte, Glória estava me esperando quando eu saí do gabinete de Lacan. Ela tem os dois volumes.

- *A Transmissão, volume 1, nós o tínhamos. A Transmissão, volume 2, o Dr. Lacan lhe dá seu exemplar.*

Lacan está na porta de seu gabinete; ele nada diz, mas acena para mim me olhando.

Mais uma vez eu saio abalado. Eu estava procurando por um livro, Lacan me dá sua Transmissão. E é quase certo que é por isso que eu estou aqui esta noite” (Skriabine, 2013, p. 16).

Como notamos, há uma grande disparidade entre a simplicidade do ato – um simples movimento de tesoura, um simples aceno sem dizer nada – e a magnitude de seus efeitos – uma transformação da estrutura. Ainda com Skriabine (2013, p. 16), Lacan operava nesse espaço de modo que “nos encontrávamos na face da fita de Moebius no avesso do ponto onde acreditávamos estar”, ele operava sobre essa estrutura topológica da experiência humana de maneira “tão feroz quanto gentil”.

É quase prescindível dizer que Lacan realizava operações de tal forma intensas valendo-se das igualmente intensas transferências que lhe eram supostas. Afinal, algumas pessoas transitavam de um país a outro para fazer análise com ele. Por outro lado, isso não quer dizer que em nossa clínica, na clínica comum e popular, intervenções intensas também não ocorram. No entanto, é válido lembrar a nossa discussão em torno da importância da prudência e do cálculo circunstancial no momento de se fazer um ato, para que se evite cair no ridículo ou no trágico – ou em ambos – do erro clínico banal.

2.9 Sartor Resartus

De acordo com Lacan (1961-62, p. 102-103), em seu Seminário *A identificação* (9), se consideramos “que o inconsciente é esse *lugar* do sujeito onde isso fala”, nos

damos conta também que algo à revelia do sujeito se encontra “profundamente remanejado pelos efeitos da retroação significativa, implicados na fala”. Ou seja, essa presença do sujeito do inconsciente que se faz à revelia de qualquer discurso comum consciente é o que o autor logo em seguida denomina de “nível mais radical da emergência do ato de enunciação”. Lacan acrescenta ainda que o limite dessas relações postas pela emergência do sujeito, ou propriamente dizendo, do inconsciente em relação à pré-consciência, “não deve ser situado primeiro em algum lugar no interior” que é comumente chamado de psíquico, mas antes, numa fronteira que é a própria linguagem (o muro da linguagem, como discutimos na primeira parte desta pesquisa).

Em outras palavras, o que Lacan nos convoca a tomar como importante são as relações de borda e de limite entre uma linguagem articulada do discurso comum e o sujeito do inconsciente que em dados momentos “chega a se fazer ouvir”. É neste mesmo seminário que o psicanalista introduz efetivamente objetos topológicos em seu trabalho: toro, cross-cap, garrafa de Klein e banda de Moebius. Lacan (1961-62, p. 220) nos diz que emprega e faz intervir essas figuras deformáveis (de borracha) na medida em que as apresenta no plano simbólico, o qual é característico de “uma lógica elástica, uma lógica flexível”. Com efeito, para o autor, as propriedades dessas figuras são curiosas e exemplares, sendo uma delas a capacidade de permanecer em relação constante apesar de diversas deformações.

Em um determinado momento deste seminário, Lacan (1961-62, p. 307) diz que toda a confiança e crédito depositados nele por seus ouvintes repousa em seu esforço de ter recusado um “primeiro caminho” que lhe apareceu na psicanálise, além de ter também “eliminado um certo número de caminhos”. Aqui sabemos que toda a recusa feita por Lacan, em relação a alguns destes caminhos, se refere às distintas vertentes da psicanálise pós-freudiana que se distanciavam de toda uma prática ligada principalmente com o campo da linguagem. No entanto, neste momento, Lacan nos fornece uma palavra de ordem para que façamos um outro tipo de recusa, desta vez, ligada à lógica. Para o autor, “trata-se de escapar à preeminência da intuição da esfera como aquela que, de alguma maneira, comanda muito intimamente [...] nossa lógica” (Lacan, 1961-62, p. 306).

Assim, quando Lacan nos diz que em sua formalização lógica há a rejeição do caminho esférico para pensar a psicanálise, ele logo nos questiona: “onde está a interpolação de uma diferença?” (Lacan, 1961-62, p. 326). Para o autor, esta interpolação

reside não só no corte, sendo “aqui que a introdução da dimensão topológica para além da escansão temporal, nos interessa”; mas também na própria sincronia da bateria significativa conforme vimos na Parte I, com a qual “não podemos colocar como fundamento da função significativa a identidade do A é A” e que, dessa maneira, nos permite finalmente notar que “a diferença está no corte, ou na possibilidade sincrônica que constitui a diferença significativa” (Lacan, 1961-62, p. 326). Nota-se, portanto, que Lacan irá colocar toda a noção de superfície topológica em primeiro plano por se interessar pela função do corte, principalmente ao trabalhar com a superfície de Moebius.

Como já apontamos, nesta superfície, o corte mediano a transforma em uma superfície diferente – antes do corte, a superfície propriamente moebiana possui somente uma face, ao passo que a resultante de seu corte, por outro lado, é dotada de duas faces.

O que está em causa, para nós, pegando o viés de interrogar os efeitos do desejo pelo acesso do significante, é de nos darmos conta de como o campo do corte, a hiância do corte, é se organizando em superfície que ela faz surgir para nós as diferentes formas onde podem se ordenar os tempos de nossa experiência do desejo. Quando lhes digo que é a partir do corte que se organizam as formas da superfície em questão, para nós, em nossa experiência, de sermos capazes de fazer vir ao mundo o efeito do significante, eu o ilustro, não é a primeira vez que o ilustro (Lacan, 1961-62, p. 336-7).

Ainda neste seminário, mais uma vez, Lacan é insistente em nos dizer que o sujeito é determinado pelo significante e que a experiência psicanalítica lida necessariamente com esta estrutura, demonstrada através do grafo. Para o autor, sua tentativa é a de nos levar, “sob essas fórmulas topológicas, [...] a considerar que essas superfícies são estruturas”, sendo que por meio disto podemos “seguir mais intimamente essa ligação do significante com a estrutura subjetiva” (Lacan, 1961-62, p. 346).

Se para Lacan o corte é um elemento capital à experiência psicanalítica, trata-se então de notar que o sujeito possui uma estrutura de superfície topologicamente definida, para apreender, ainda, como “o corte engendra a superfície”. Para nos dar uma ideia deste corte que engendra a estrutura, Lacan evoca novamente a banda de Moebius. Para o autor é importante notar que nessa perspectiva topológica é o corte que engendra a superfície, pois, é neste ponto mesmo que se encontra a entrada para o significante inserir-se naquilo que nos apresenta como Real. Ou seja, trata-se de apreender mais uma vez como a linha enquanto corte, enquanto o interior operado sobre a banda, introduz isso que Lacan denomina de “elemento vivo” do significante – resultando desta operação o engendramento de uma outra faixa, não mais moebiana.

[...] se vocês as cortarem de uma determinada maneira, tornam-se outras superfícies, quero dizer, topologicamente definidas e materialmente apreensíveis como mudadas, pois estas não são mais as superfícies de Moebius, pelo simples fato desse corte mediano que vocês praticaram, mas uma faixa pouco torcida sobre ela mesma, mas exatamente uma faixa, isso que chamamos de faixa, tal como esse cinto que tenho na cintura. Isso para lhes dar a ideia da possibilidade da concepção desse engendramento, por algum motivo invertido em relação a uma primeira evidência. [...] eu lhes digo, é o corte que nós podemos conceber, para tomar a perspectiva topológica, como engendrando a superfície. E isso é muito importante, pois, afinal, é ali talvez que iremos poder apreender o ponto de entrada, de inserção do significante no real, constatar na práxis humana que é porque o real nos apresenta, se posso dizer, superfícies naturais, que o significante pode entrar nele. (Lacan, 1961-62, p. 347)

Ao que nos parece, aqui Lacan retoma a discussão anterior em torno da recusa à esfera enquanto ordenadora do campo da intuição lógica. Em outras palavras, é como se o Real nos apresentasse a superfície natural da esfera, sobre a qual o significante (elemento vivo) entra para fazer um furo e modificar totalmente a sua estrutura. Nesse sentido, cabe aqui trazer alguns elementos de um seminário posterior para demonstrar que não se trata de uma adequação total entre o real e o significante.

Em seu Seminário *Problemas cruciais para a psicanálise* (12), Lacan (1964-65, p. 58) retoma algumas questões em relação a topologia e afirma que é preciso reconhecer, nisso que chamamos de estrutura, a possibilidade de uma resposta da linguagem frente ao Real. No entanto, Lacan deixa claro que não se trata de pressupor qualquer tipo de adequação absoluta da linguagem com o Real, mas antes, a introdução de elementos operatórios no real por meio da linguagem – é isto que, para Lacan, cria a estrutura, na qual somos incluídos e implicados em sua “topologia rigorosa e coerente”.

Ainda nesse seminário Lacan (1964-65, p. 91) nos diz que o único suporte válido para tocarmos em algo de apreensível do inconsciente, alheio a qualquer tipo de desenvolvimento ou progressão, se dá ao reconhecermos que sua natureza advém do corte, de um traço do discurso topologizado. Trata-se, para o autor, de localizar neste véu “o sujeito da palavra, o sujeito enquanto ele é determinado pela linguagem”. É nesse sentido que adiante encontramos uma assertiva fundamental, na qual podemos notar como a questão do corte enquanto o que engendra a própria estrutura é importante:

Se o desejo é algo com que lidamos no inconsciente freudiano, é na medida em que ele é uma coisa totalmente diferente do que se chamou até agora de tendência desconhecida, mistério animal. Se o inconsciente é o que é, essa abertura que fala, o desejo está para ser formulado por nós em algum lugar no corte característico da escansão dessa linguagem, e é isso que nossa referência topológica tenta exprimir (Lacan, 1964-65, p. 144).

Em seguida Lacan (1964-65, p. 146) levanta uma outra questão sobre a topologia em análise: “Estaria, portanto, aí a função desse famoso desejo do analista, nessa superfície cósmica, de ser aquele que sabe talhar algumas figuras?”. Logo em seguida o psicanalista discorre sobre um livro de Thomas Carlyle, denominado *Sartor Resartus* (*O retalhador retalhado*), que é uma novela a respeito da história da vestimenta narrada por um filósofo alemão fictício chamado Diógenes Teufelsdröckh. Lacan se vale de tal referência para nos apontar que desde Freud o sujeito se encontra submetido a esta malha da linguagem, com a qual o analista deve operar. É nesse sentido que o autor prossegue:

Tudo reside, no campo da análise, certamente na eficácia do bom corte, mas também, ao tecer considerações sobre o modo pelo qual, feito o corte, ela, a vestimenta, nos permite, a vestimenta atrás da qual não há senão, talvez, nada, não se trata de outra coisa que de uma vestimenta, revira-la de um outro modo. O *sartor resartus* de que se trata é, pois, e sobre o qual eu quero falar a vocês hoje, eu o aponto, não é o paciente, não é o sujeito, é o analista (Lacan, 1964-65, p. 146).

É curioso notar como tal afirmativa já aparecia de outra forma em seu seminário anterior, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (11), quando o autor nos diz que “essa topologia visa fazê-los conceber onde fica o ponto de disjunção e de conjunção, de união e de fronteira, que só pode ser ocupado pelo desejo do analista” (Lacan, 1964b, p. 153). Com efeito, para operar com este desejo do analista, trata-se de reconhecer que desde que o homem fala ele se orienta na complexa topologia fundamental da linguagem, estritamente distinta de um realismo simplista usualmente empregado por “quem crê estar à vontade no domínio da ciência” (Lacan, 1964b, p. 232).

Retomando o seminário *Problemas cruciais*, Lacan (1964-65) nos lembra mais uma vez que a essência da superfície de Moebius é a sua característica de continuidade. Ou seja, podemos retirar-lhe quantos pedaços quisermos, mas, se tal continuidade é mantida, a superfície ainda pode ser considerada como moebiana. Este ponto é importante pois é um dos fundamentos que o leva a afirmar que, no limite, esta superfície não é nada além do corte mediano que efetivamente pode transforma-la. Esse tipo de corte não separa a faixa em outras duas, mas modifica a sua estrutura para uma simples argola (*boucle*). O que vimos de interessante aqui é que esta faixa, esta argola, pode recobrir a si mesma, retornando à sua forma anterior moebiana. Todas essas reviravoltas e inversões, todos esses cortes e colagens, todas essas formas e deformações, afinal, alguém pode se perguntar: “por quê de tudo isso dentro da psicanálise?”. É exatamente com este enigma

que Lacan está preocupado, sobre o qual tentamos seguir as consequências de seus tricotes.

Este tecido, esta superfície, que é aquela onde eu tento desenhar para vocês a topologia do significante, se dou ela, este ano, a forma de, na história do pensamento matemático, portanto lógico, esta nova forma, e que não por acaso que ela veio tão tarde, se Platão não a tinha, apesar de tão simples, esta faixa de Moebius [...] qual o enigma de que se trata aí? (Lacan, 1964-65, p. 290).

Em uma passagem da exposição que Jacques Alain-Miller realiza durante este mesmo Seminário encontramos algumas indicações para a questão. Miller nos adverte que o objetivo de Lacan, ao trabalhar com a topologia, era o de situar, nessa própria articulação, as relações entre os campos da lógica, da linguística e da psicanálise na medida em que tais âmbitos circunscrevem uma partilha no espaço da linguagem. É nesse sentido que o autor acrescenta que “a pertinência de cada um desses discursos é a posição em que se sustenta o sujeito com relação ao representado que o produz, que o institui” (Lacan, 1964-65, p. 175). Temos aqui uma referência às propriedades da lógica significante, como vimos na Parte I, que consiste na (i) ação de representar o sujeito em um movimento intervalar e também na (ii) possibilidade de produzir significado. Toda essa relação do sujeito com o significante é tomada por Miller como matricial, ou seja, o sujeito é reflexo dessa lógica, é gerado por ela, ou ainda, como já mencionamos, é colocado em cena pela máquina da linguagem.

Lacan parece estar de acordo com tais indicações ao nos dizer que todo e qualquer desenvolvimento lógico, inclusive o da abordagem estrutural da linguística, supõe a linguagem em sua origem, tornando-se assim dependente, secundário e destacado de um uso primeiro da linguagem. Esta asserção conflui com a insistência do autor de não se distanciar do campo da linguagem já que “se não nos prendermos firmes a esse ponto de vista, tudo o que nós nos colocamos como questão aqui, toda a topologia que tentamos desenvolver é perfeitamente vã e fútil” (Lacan, 1964-65, p. 36). Ou seja, o que está em jogo aqui é reconhecer que toda essa formalização lógica e topológica feita por Lacan não se encontra de maneira alguma desatrelada dos fundamentos do campo da linguagem. Não é sem razão que o autor vem nos dizer que “o significado se apresenta na relação do avesso com o direito”, ou ainda, que “o significante é essencialmente alguma coisa estruturada sobre o modelo da dita superfície de Moebius” (Lacan, 1964-65, p. 46-48). Além disso, é interessante notar que todo o material estruturado neste modelo, todas as palavras constituídas por oposições fonemáticas, suportam uma experiência

(psicanalítica) que modifica o alcance do discurso na medida em que é “marcada em relação ao [...] uso da linguagem por alguma coisa ou por alguém, sujeito, agente, paciente que aí são tomados” (p. 48).

Neste momento, o acento que Lacan coloca aqui vai em direção ao emissor, ao agente, ao sujeito que é representado por um significante para outro significante. É com os efeitos da enunciação enquanto o que cinde o ser que o autor busca fazer uma topologia de tais torções, seja pela via da causação, do reviramento ou da negatividade, características que podemos muito bem atribuir ao inconsciente.

Ora, o que é que queremos dizer quando falamos do inconsciente? Se o inconsciente é o que eu ensino a vocês porque está em Freud, lá onde isso fala, o sujeito deve ser colocado atrás do significante que se anuncia. E vocês, que recebem essa mensagem do inconsciente, vocês estão no lugar do Outro, do surpreendido. [...] o que isto quer dizer, que vocês estão diante desta mensagem? Bem, aí está um ponto importante a precisar, porque isto aí trata de clínica, quero dizer, de abertura onde levar a interrogação (Lacan, 1964-65, p. 294).

Como vemos, mesmo ao seguir pelos caminhos da articulação topológica de Lacan, somos levados a todo o momento ao que há de mais fundamental (de matricial, como apontou Miller) em tal articulação, que é a lógica significante da estrutura da linguagem. Ao realizarmos todos esses giros, cortes, retornos e retalhos, mostramos como a topologia está do mesmo lado que a subversão da linguística feita por Lacan, ao propor o inconsciente como o lugar de onde isso fala. Trata-se, agora, de fazer um fecho no corte, no qual, por sua abertura, levamos a nossa interrogação.

3.0 Considerações finais

As articulações com o saber da psicanálise se estendem de maneira indeterminada, da mesma maneira que Lacan nos diz dos desdobramentos possíveis de uma cadeia significativa, até que seja dado algum ponto de basta. Percorremos aqui por um recorte dessas possibilidades, o qual incluiu principalmente algumas relações de continuidade entre a linguística e a topologia meio a obra de Jacques Lacan.

Retomando à apropriação que Lacan faz da linguística estrutural, esperamos ter conseguido mostrar como há em sua máquina original, na lógica significativa que rege o sujeito, desde o início da obra, a implicação de uma topologia. Ao colocar em movimento a estrutura da linguagem e, como efeito desta, o sujeito, vimos que Lacan recusa qualquer tipo de realismo ou subjetivismo para fazer falar a verdade freudiana. Ao ser influenciado pelo pensamento estrutural não só por vias da linguística, mas também por vias da matemática, Lacan expõe modelos de uma lógica que extirpa qualquer pretensão de universalização – recusa à lógica esférica – e que reconhece em si mesma limites, furos e deformações que são próprias à metodologia clínica psicanalítica.

Ao adentrar o campo da topologia ou, ao menos, em alguns princípios dela, esperamos ter conseguido mostrar como o pensamento lacaniano trança caminhos por todo um jogo de combinatórias espaciais desde o momento em que a estrutura é colocada em ação. Assim, perpassamos pelo modo como Lacan se utiliza da banda de Moebius para demonstrar que a estrutura desse objeto é equivalente a estrutura do sujeito, sendo este o efeito de cortes e colagens sobre a própria estrutura, a qual em suas propriedades demonstra ser passível de diversas subversões radicais. Direcionando nosso olhar pelo ângulo do ato analítico, notamos que o *topos* em psicanálise é um elemento basal não só para a sua teoria, mas também para a ética que norteia a sua prática, uma vez notada a posição do analista de talhar com prudência a malha da linguagem.

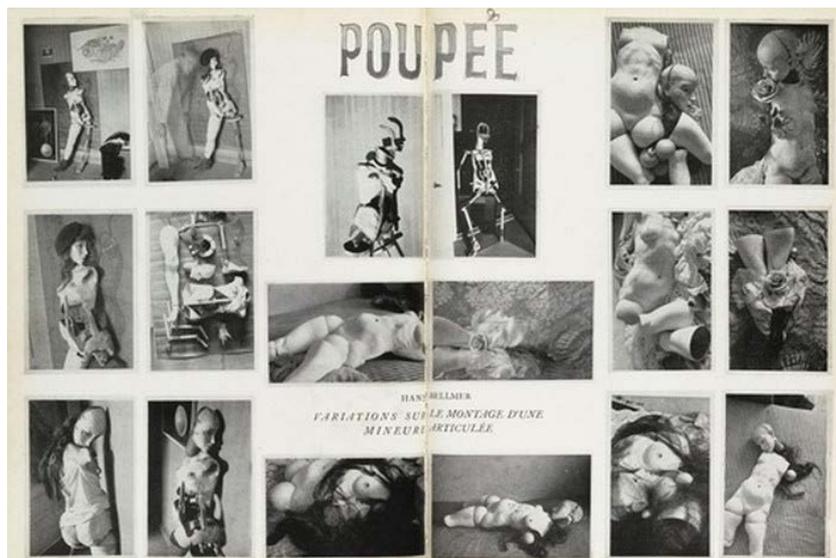
Reconhecemos que, longe de encerrar a questão a respeito da topologia na estrutura conforme propõe Lacan, muitas outras ramificações para essa discussão poderiam e ainda podem ser seguidas. Nossos desenvolvimentos aqui não fazem mais do que uma montagem possível a tal discussão que, a nosso ver, parece fundamental à clínica psicanalítica bem como às transformações permitidas por ela ligadas ao sujeito. Finalmente, recorrendo às obras de Hans Bellmer e de Lygia Clark, vejamos como a arte pode auxiliar-nos a pensar alguns dos pontos trabalhados no movimento desta pesquisa.

3.1 Bellmer para a linguística

Em 1934, no número 6 da revista *Minotaure*, surge a primeira publicação de uma série de fotos sob o título de *Variações sobre a montagem de uma menor articulada*. O criador desta série, também conhecida como *Poupée*, foi o artista alemão Hans Bellmer, que se colocava junto um movimento artístico de decomposição de figuras. Nesta obra temos bonecas que são montadas e desmontadas de diversas formas, uma vez que possuem membros intercambiáveis que podem ser combinados incessantemente, de acordo com o desejo de quem as modifica. O que vemos em tal obra, de maneira muito instigante, é a presença da lógica com a qual trabalhamos na Parte I desta pesquisa, qual seja, a de tomar os significantes, seus encadeamentos e suas deformações, fundamentalmente como parte de um livre jogo de associações (ou de associação livre) que se deixam levar por uma regência a qual acaba por produzir as formações mais informes pela via do que se chamou de inconsciente.

Para Teixeira (2017, p. 2), a respeito da obra de Bellmer, é preciso traçar antes um caminho pelo contexto em que sua criação está situada para que possamos captar melhor os motivos de suas grandes ressonâncias meio ao programa surrealista. A primeira boneca criada por Bellmer surgiu ao mesmo tempo em que o fascismo alemão chegou ao poder. Concebida como uma forma de recusa ao contexto fascista, *La Poupée* de Bellmer vêm como uma “interrupção deliberada de toda atividade socialmente útil”, uma renúncia ao progressismo autoritário aparelhado a todo um circuito utilitário e instrumental. Ainda com Teixeira (2017, p. 2-3), se o que confere o valor utilitário das coisas é a dimensão da narrativa discursiva em que elas estão inseridas, as bonecas, por sua vez, são colocadas deliberadamente fora de qualquer tipo de progressão narrativa. É nesse sentido que, caracteristicamente “sem objetivo, utilidade ou razão de ser, as desventuras da boneca de Bellmer se colocam à disposição do circuito de um desejo soberano”.

É por este motivo, continua Teixeira (2017, p. 3), que as fotomontagens da boneca publicadas na *Minotaure* não foram acrescidas de nenhum comentário, nenhuma narrativa para além do próprio título, o qual “somente sugere que ali existem articulações prováveis”.



Hans Bellmer, *Poupée*: “Variations sur le montage d'une mineure articulée”, em *Minotaure*, 6, 1934.

O jogo em que as bonecas ali se apresentam permite que o olhar circule “de uma imagem a outra, sem sequência definida, estabelecendo sua própria montagem, para em seguida a desfazer e novamente a recompor” (Teixeira, p. 3). Com efeito, uma das consequências do movimento surrealista foi a abertura de um espaço, um furo, meio às normas discursivas que tentava impor “o sentido das palavras de acordo com seu uso instrumental”, mostrando, de maneira brilhante, o “interesse estético de se extraviar as palavras de sua tarefa de significar” (p. 4).

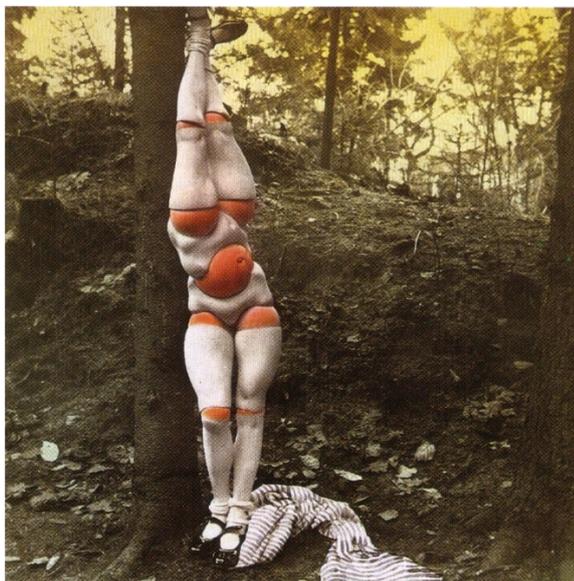
Podemos, então, concluir que se o trabalho de montagem das bonecas de Bellmer, cuja receptividade seria antes impensável, se viu acolhido e projetado na cultura pelos grandes expoentes do surrealismo [...] é porque tal solução a seu modo ilustra os efeitos dessa emancipação da linguagem que o projeto surrealista encampou. Em vez de colocar a linguagem a serviço de uma representação codificada dos objetos do mundo, ali são os objetos do mundo que se colocam a serviço do livre jogo da linguagem, na forma da boneca feminina infinitamente deformável que convida o pensamento a se guiar pelo desejo essencialmente soberano e inútil, alheio às imposições discursivas que nesse espaço já não podem modelá-lo (Teixeira, 2017, p. 5).

É curioso notar ainda que *La Poupée* provoca todo um jogo de ambivalências em sua estrutura e organização, uma vez que seus aspectos se situam na tênue fronteira entre realidade e artificialidade, mulher e criança, vida e morte, prazer e dor, etc. Esta obra, ao questionar a realidade, colocava em questão, sobretudo, as formas pelas quais tal realidade era representada. O corpo da boneca, próximo de algo comumente chamado de *Nec caput nec pedes*²⁴, traz consigo toda uma potencialidade dinâmica e transformadora

²⁴ Sem pé nem cabeça.

que não pode senão ser associada aqui à uma formação do inconsciente, que desestabiliza qualquer expectativa para situar o sujeito do lado avesso ao qual ele pensa estar.

Com *La Poupée*, vemos um corpo que se recusa adaptar à geometria algébrica de circunscrições, medidas, limites e funções precisas. Ao deixar explícito um movimento de permanentes permutações e manipulações combinatórias com suas partes, Bellmer colocava em ação toda uma reinvenção subversiva que posteriormente também seria feita por Jacques Lacan, por outras vias.



Hans Bellmer, *La Poupée*, 1936.

3.2 Clark para a topologia

Ao se tratar do sujeito em psicanálise é preciso considerar também toda a sua implicação em uma configuração espacial, indicada desde Freud por meio de sua preocupação com a tópica e posteriormente explorada por Lacan por meio de suas articulações topológicas.

Para Rivera (2008), quando Freud afirma que “o eu não é mais senhor em sua própria casa”, usualmente é sublinhado o aspecto de que o inconsciente desaloja a razão, de que o consciente não é mais senhor, sendo deixada de lado a questão “de que *casa* se trata?”. Tal questão, que vem destacar toda uma referência arquitetônica e espacial no trabalho de Freud com o inconsciente, pode levar nosso olhar à importância do lugar e do espaço na formalização do aparelho psíquico. O que observamos, principalmente com as posteriores contribuições de Lacan, é que esse descentramento do sujeito, realizado por Freud, é acompanhado de uma subversão do espaço, a qual também foi “explorada

culturalmente, ao longo do século XX, por produções de arte moderna e contemporânea” (Rivera, 2008, p. 219).

Dentre essas produções, podemos citar algumas obras da artista brasileira Lygia Clark. Como nos indica Rivera (2008), em 1963, apenas um ano após Lacan trabalhar com a banda de Moebius em seu Seminário, Clark a apresenta em suas obras artísticas. Mais notadamente em *Caminhando* (apresentada ao final de nossa Parte I), temos a imagem de uma fita moebiana sendo cortada por sua mediana. Este corte, que curiosamente produz um outro tipo de fita (bilátera), é o que permite a Lacan demonstrar a estrutura do sujeito como divisível, sendo que, às últimas consequências, ela se reduz ao próprio corte, ao próprio ato. Este ponto é completamente congruente com a arte de Clark uma vez que, para Rivera (2008, p. 226), a obra *Caminhando* “permite abandonar a distinção sujeito/objeto, e, portanto, recusar radicalmente a noção de objeto de arte, em prol de uma primazia do ato”.

Em uma outra obra anterior, denominada *Bichos*, de 1960, temos uma escultura em alumínio cheia de articulações que podem ser movimentadas ao sabor do desejo do espectador, o qual era convidado pela artista para ali se tornar um coautor da obra. O que achamos interessante nesse “*Bicho* que não tem avesso” (Clark apud Rivera, p. 227, 2008) proposto por Clark, é que se denota um “contato “orgânico” entre o homem e o objeto, fazendo da obra o que se dá entre os dois, como gesto de um, gerando em resposta movimento do outro” (Rivera, 2008, p. 227).



Lygia Clark, *Bichos*, 1960.

Finalmente, recorrendo à obra *O dentro é o fora*, de 1963, temos propriamente uma forma alterada da banda de Moebius, feita em lata. Aqui não podemos senão reproduzir uma passagem capital a respeito do sujeito, fornecida pela própria artista:

[...] o sujeito atuante reencontra sua própria precariedade [...] Ele descobre o efêmero por oposição a toda espécie de cristalização. Agora o espaço pertence ao tempo continuamente

metamorfoseado pela ação. Sujeito-objeto se identificam essencialmente no ato (Clark apud Rivera, 2008, p. 228).

Nessa passagem localizamos as relações tênues mais precisas de uma conjugação entre sujeito e ato. Destacamos, especialmente, a oposição deste sujeito frente a qualquer tipo de cristalização – afinal, sua própria estrutura recusa qualquer tipo de estática, uma vez alojada, por Lacan, nesse espaço de contínua metamorfose pela ação. No limite, Clark abandona os termos “obra” e “objeto” para cunhar a palavra “proposição”, destacando sobretudo “o seu caráter de apelo ao sujeito” (Rivera, 2008, p. 227). O que observamos, tanto na arte de Clark quanto nas conjugações topológicas da psicanálise lacaniana, é que, em ambas as obras, a questão colocada em primeiro plano é, de longe, a dos efeitos de sujeito e suas deformações.

Enfim, realizamos aqui um corte nesta pesquisa, por meio da qual esperamos poder contribuir de alguma maneira ao movimento, aos espaços, aos atos e ao talhar contínuo da psicanálise lacaniana e seu discurso.



Lygia Clark, *O dentro é o fora*, 1963.

4.0 REFERÊNCIAS

Affonso, P. H. B. (2019). O estatuto da formalização na psicanálise lacaniana e seus desdobramentos. *Modernos & Contemporâneos*, 3 (6), p. 224-261.

Almeida, Mauro W. B. (1999). Simetria e entropia: sobre a noção de estrutura de Lévi-Strauss. *Revista Antropologia*, São Paulo, v. 42, n. 1-2, p. 163-197.

Arrivé, M. (1994) *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros*. Edusp.

Bairrão, José F. M. H. (1996). O impossível sujeito: implicações do tratamento do inconsciente por Lacan. 444 p. (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas).

Blümle, C. (2016). Secret Topology. In: *Psychoanalysis: Topological Perspectives: New Conceptions of Geometry and Space in Freud and Lacan*. Alemanha: Transcript Verlag, p. 127-152, 2016.

Carroll, L. (1872). *Through the Looking-Glass*. North California: Raleigh, 2010.

Chapuis, J.; Cevasco, R. (2019). Guia topológico para “O Aturdito”, um abuso imaginário e seu além

Darmon, M. (1994). *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas Editora.

Deleuze, G. (1972). *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*. In: *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras.

Foucault, M. (2002). Lacan, o “Liberatore” da psicanálise. In: *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 329-330.

Granon-Lafont, J. (1990). A topologia de Jacques Lacan. (Miranda, L. C., Cardoso, E., Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Granon-Lafont, J. (2016). Topology and Efficiency. In: *Lacan: topologically speaking*. Ragland, E.; Milovanovic, D. (Eds.), New York: Other Press, 2004, p. 3-27.

Iannini, G. (2013). *Estilo e verdade em Jacques Lacan*. 2ª ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora.

Kaufmann, Pierre. (1996) *Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Korman, Victor. (2004). *El espacio psicoanalítico: Freud-Lacan-Möbius*. Buenos Aires: Síntesis.

Lévi-Strauss, C. (2004). *O cru e o cozido: Mitológicas 1*. São Paulo: Cosac Naify.

Lacan, J. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 238-324, (1998).

Lacan, J. (1953-54). A verdade surge da equivocação. In: O Seminário 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, p. 339-354, (2009).

Lacan, J. (1955) A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 402-437, (1998).

Lacan, J. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 496-533, (1998).

Lacan, J. (1957-58). Seminário 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro, Zahar, (1999).

Lacan, J. (1961-1962). O Seminário, livro 9: A identificação. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, Publicação para circulação interna, outubro, 2003.

Lacan, J. (1964) Posição do inconsciente no congresso de Bonneval. In: Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 843-864, (1998).

Lacan, J. (1964b). Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

Lacan, J. (1964-65). O Seminário, livro 12: Problemas cruciais para a psicanálise. Publicação não comercial – Centro de estudos freudianos do Recife.

Lacan, J. (1970) Radiofonia. In: Outros escritos. (V. Ribeiro, Trad). Rio de Janeiro: J. Zahar, p. 400-447, (2003).

Lacan J. (1972-1973) O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Tradução de Analúcia Teixeira Ribeiro. Rio de Janeiro: Edição não comercial da Escola Letra Freudiana.

Lacan, J. (1973). O Aturdido. In: Outros escritos. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: J. Zahar, p. 448-497, 2003.

Lacan, J. (1976). Prefácio da edição inglesa do Seminário 11. In: Outros escritos. (V. Ribeiro, Trad). Rio de Janeiro: J. Zahar, p. 567-569, 2003.

Lacan, J. (1977-78). O Seminário, livro 25: Momento de concluir. Lição 10. 11 de Abril de 1978. Inédito.

Mafra, Taciana M. (2000) A estrutura na obra lacaniana. Rio de Janeiro: Cia de Freud.

Miller, J-A. (1988). Percurso de Lacan: uma introdução. (2 ed.) Jorge Zahar, Rio de Janeiro.

Miller, J. A. (1996). Matemas I. (S. Laia, Trad). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1ª Ed.

- Miller**, J-A. (2012). Progressos em psicanálise bastante lentos. *Opção Lacaniana*, n. 64, dezembro, p. 09-67, São Paulo: Edições Eolia.
- Milner**, Jean-Claude. (1980). *O amor da língua*. Artes Médicas, Porto Alegre, (1978).
- Milner**, J-C. (1996). *A obra clara*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Milner**, Jean-Claude. (2002). *Le périple structural - Figures et paradigme*. Paris: Le Seuil.
- Milner**, Jean-Claude. (2010) *Linguística e psicanálise*. *Revista Estudos Lacanianos*, 3.
- Milner**, Jean-Claude. (2012). *Da linguística à linguística*. In: *Lacan: o escrito, a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Nancy**, J-L.; **Labarthe**, P. L. (1991). *O título da letra*. São Paulo, Escuta.
- Rivera**, T. (2008). Ensaio sobre o espaço e o sujeito: Lygia Clark e a psicanálise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 11 (2), p. 219-238.
- Rona**, P. M. (2010). *A topologia na psicanálise de Jacques Lacan: o significante, o conjunto e o número* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo).
- Saussure**, F. de. (2012). *Curso de linguística geral*. (12a ed.) São Paulo: Cultrix.
- Silva**, Maria G. V. A. (2012). *Encontros e desencontros entre psicanálise e linguística : a presença de Jacques Lacan*. (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
- Simanke**, R. T. (1997). *Composição e estilo da metapsicologia lacaniana: os anos de formação (1932-1953)*. (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo).
- Skriabine**, P. (2004). *Clinic and Topology: the flaw in the universe*. In: *Lacan: topologically speaking*. Ragland, E.; Milovanovic, D. (Eds.), New York: Other Press, 2004, p. 73-97.
- Skriabine**, P. (2013). *A revolução lacaniana: a estrutura topológica da experiência humana*. *Gente: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Bahia*, 3 (1).
- Teixeira**, A. M. R. (1999). *O topos ético da psicanálise*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Teixeira**, A. M. R. (2012) *A prudência do psicanalista*. In: *De que real se trata na clínica psicanalítica? Psicanálise, ciência e discursos da ciência*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.
- Teixeira**, Antônio. M. R. (2017) *A boneca de Hans Bellmer e a recepção surrealista da invenção psicótica*. Inédito.
- Triska**, V. H. C.; **D'Agord**, M. R. L. (2013). *A topologia estrutural de Lacan*. *Psicologia Clínica*, 25 (1), 145-161.

ANEXO - Recenseamento de referências à topologia nos Escritos e Outros Escritos de J. Lacan.

Para uma verificação de referências à topologia realizadas em seus Seminários, indicamos o anexo *A1 O recurso topológico* do *Guia topológico para o Aturdido*, de Chapuis e Cevasco (2019), p. 181-187.

Escritos

Abertura desta coletânea (1966)

P. 10 - Nossa tarefa conduz essa encantadora mecha anelada ao sentido topológico que teria a palavra: nó com que um trajeto se fecha, por seu redobramento invertido – de tal maneira que recentemente o promovemos a sustentar a estrutura do sujeito.

Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953)

P. 322-23 - Essa estrutura é diferente da espacialização da circunferência ou da esfera onde nos comprazemos em esquematizar os limites do vivente e de seu meio: ela corresponde, antes, ao grupo relacional que a lógica simbólica designa topologicamente como um anel.

De um desígnio (1965-66)

P. 365 - Ao relê-los, agrada-nos encontrar ali uma certa suspensão quanto ao recalque concernente à palavra *signor*, suspensão a que vem fazer eco, até hoje, uma pergunta que nos é formulada sobre o lugar onde se situa o termo esquecido, a ser precisado nos termos de nossa topologia: será ele “o morto”, evocado mais adiante por nossa direção do tratamento, ou o discurso do Outro, tal como o fundou o relatório de Roma?

P. 368 - Mas o sujeito só tem sobre ele um controle sobredeterminado: o desejo é desejo de saber, suscitado por uma causa conexas à formação de um sujeito, mediante o que essa conexão só se rende ao sexo por um viés gauche. Expressão na qual se reconhece a topologia com que tentamos cingi-la.

P. 369 - Nosso retorno a Freud tem um sentido completamente diferente por dizer respeito à topologia do sujeito, a qual só se elucida numa segunda volta sobre si mesma.

A coisa freudiana ou o sentido de retorno a Freud em psicanálise (1955)

P. 425 - Em outras palavras, o privilégio do *eu* em relação às coisas deve ser buscado num lugar diferente dessa falsa recorrência *ad infinitum* do reflexo que constitui a miragem da consciência, e que, malgrado sua perfeita inutilidade, continua a animar tanto os que trabalham com o pensamento que eles veem nisso um pretenso progresso da interioridade, embora se trate de um fenômeno topológico cuja distribuição na natureza é tão esporádica quanto as disposições de pura exterioridade que o condicionam.

A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957)

P. 505 - Com a segunda propriedade do significante, de se compor segundo as leis de uma ordem fechada, afirma-se a necessidade do substrato topológico do qual a expressão “cadeia significante”, que costumo utilizar, fornece uma aproximação: anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis.

De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1958)

P. 547 - Tudo isso exigiria ser transposto com o máximo cuidado para um grafo, no qual tentamos, nesse mesmo ano, representar as conexões internas do significante na medida em que estruturam o sujeito.

Pois há aí uma topologia totalmente distinta daquela que poderia levar a imaginar a exigência de um paralelismo imediato entre a forma dos fenômenos e suas vias de condução no neuro-eixo.

Mas essa topologia, que está na linha inaugurada por Freud – quando ele se empenhou, depois de ter aberto com os sonhos o campo do inconsciente, em descrever sua dinâmica, sem se sentir ligado a preocupação alguma de localização cortical -, é justamente o que melhor pode preparar as perguntas com que se há de interrogar a superfície do córtex.

P. 557 - O ξ do questionamento do sujeito em sua existência tem uma estrutura combinatória que não convém confundir com seu aspecto espacial. Nessas condições, é realmente o próprio significante que deve articular-se no Outro, e especialmente em sua topologia de quaternário.

P. 560 - Quem acompanhou nossas exposições topológicas (que não se justificam pela estrutura da fantasia a ser articulada) deve saber perfeitamente que, na banda de Moebius, não há nada de mensurável a ser retido em sua estrutura, e que ela se reduz, como o real aqui em questão, ao próprio corte.

A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958)

P. 608 - Mas a ideia de que a superfície seja o nível do superficial é perigosa em si mesma. Outra topologia é necessária para não haver engano quanto ao lugar do desejo.

Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade” (1960)

P. 655 - Ora, a estrutura não é a forma, como insistimos noutra contexto, e a questão é justamente abrir o pensamento para uma topologia, exigida pela simples estrutura.

P. 660 – [...] é preciso buscar o efeito e o campo da fala e da linguagem com os níveis ótimos que poderíamos apontar num esquema topológico, vendo, de quebra, que eles só passam estatisticamente para a realidade.

P. 669 - Como se sabe, as partículas muito diferenciadas que em todas as línguas matizam a negação oferecem à lógica formal oportunidades ímpares (*oddities*) que comprovam que elas participam de uma distorção essencial, ou seja, de uma outra tradução da *Entstellung*, que é válida se a relacionarmos com a topologia do sujeito na estrutura significante.

P. 685 - Sabemos que essa mola da fala, em nossa topologia, nós a designamos pelo Outro, conotado com um A maiúsculo, e é a esse lugar que corresponde, em nosso modelo, o espaço real ao qual se superpõem as imagens virtuais “por trás do espelho”.

A significação do falo (1958)

P. 696 - Trata-se de encontrar, nas leis que regem essa outra cena (*eine andere Schauplatz*) que Freud, a propósito dos sonhos, designa como sendo a do inconsciente, os efeitos que se descobrem no nível da cadeia de elementos materialmente instáveis que constitui a linguagem: efeitos determinados pelo duplo jogo da combinação e da substituição no significante, segundo as duas vertentes geradoras de significado constituídas pela metonímia e pela metáfora; efeitos determinantes para a instituição do sujeito. Nessa experiência aparece uma topologia, no sentido matemático do termo, sem a qual logo nos apercebemos de que é impossível sequer notar a estrutura de um sintoma, no sentido analítico do termo.

Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960)

P. 819 - É portanto preciso levar muito mais longe, diante de vocês, a topologia que elaboramos para nosso ensino neste último lustro, ou seja, introduzir um certo grafo que prevenimos garantir apenas, entre outros, o emprego que faremos dele, tendo sido construído e ajustado a céu aberto para situar, em sua disposição em patamares, a estrutura mais amplamente prática dos dados de nossa experiência.

P. 820 - Mas a estrutura sincrônica é mais oculta, e é ela que nos leva à origem. É a metáfora como aquilo em que se constitui a atribuição primária, aquela que promulga o “o cachorro faz miau, o gato faz au-au”

com que a criança, de um só golpe, desvinculando a coisa de seu grito, eleva o signo à função do significante e eleva a realidade à sofística da significação, e, através do desprezo pela verossimilhança, descortina a diversidade das objetivações a serem verificadas de uma mesma coisa. Exigirá essa possibilidade a topologia de um jogo dos quatro cantos?

Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval (1960)

P. 850 - Esse suborno secundário não apenas conclui o efeito da primeira, projetando a topologia do sujeito no instante da fantasia, mas o sela, recusando ao sujeito do desejo que ele se saiba efeito de fala, ou seja, que saiba o que ele é por não ser outra coisa senão o desejo do Outro.

P. 852 - Hiância, pulsação, uma alternância de sucção, para seguirmos certas indicações de Freud: é disso que precisamos dar conta, e foi isso que tratamos de fazer fundamentando-o numa topologia.

P. 858-59 - Eis por que a transferência é uma relação essencialmente ligada ao tempo e a seu manejo. Mas o ser que, em nós operando a partir do campo da fala e da linguagem, responde do para-aquém da entrada da caverna, quem é ele? Vamos dar-lhe corpo com as próprias paredes da caverna, que viveriam, ou melhor, se animariam com uma palpitação cujo movimento de vida deve ser captado agora, isto é, depois de havermos articulado a função e o campo da fala e da linguagem em seu condicionamento.

Pois não vemos muito bem como se dar o direito de nos imputar de negligenciar o dinâmico em nossa topologia: nós o orientamos, o que é melhor do que fazer dele um lugar-comum (o mais verbal não está onde se quer dizê-lo).

A ciência e a verdade (1965)

P. 870 - Esse fio não nos guiou em vão, já que nos levou a formular, no fim do ano, nossa divisão experimentada do sujeito como divisão entre o saber e a verdade, acompanhando-a de um modelo topológico: a banda de Moebius, que leva a entender que não é de uma distinção originária que deve provir a divisão em que esses dois termos se vêm juntar.

P. 875 - Que se apreenda nisso a marca a não perder de vista do estruturalismo. Ele introduz em toda “ciência humana” – entre aspas – que conquista uma modalidade muito especial do sujeito, aquele para o qual não encontramos nenhum índice senão o topológico, digamos, o signo gerador da banda de Moebius, que chamamos de oito interior.

P. 878-79 - Que essas inscrições se misturam era algo a ser resolvido simplesmente na Topologia: estava ao alcance da mão uma superfície em que o direito e o avesso acham-se em condições de se juntar por toda parte. É muito mais, no entanto, do que num esquema intuitivo, é por encerrar o analista em seu ser, por assim dizer, que essa topologia pode captá-lo.

Há ao final dos Escritos, ainda, um *Índice ponderado dos principais conceitos*, no qual remetemos principalmente ao ponto “C. A estrutura do Sujeito” da seção “3. A topologia do sujeito (espaço simbólico)”.

Outros Escritos

Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: resumo do seminário de 1964 (1965)

P. 195 - Nossa exposição deste ano escolheu os quatro conceitos que desempenham uma função originadora nessa subversão - o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão -, para redefinir cada um deles e mostra-los atados pela topologia que os sustenta em uma função comum.

P. 196 - Da pulsão demos uma teoria que, nestes meados de 1965 em que subitamente fomos pressionados a fornecer este resumo, ainda não pôde ser demarcada. A razão de sua constância, a chamada topologia da borda, que explica o privilégio dos orifícios, o estatuto da ação retroativa, a dissociação entre o alvo e o objeto, todos apareceram aqui pela primeira vez.

Problemas cruciais para a psicanálise: resumo do seminário de 1964-65 (1966)

P. 206 - Eis o que só é lembrado para descartar qualquer “filosofia” do emprego que fizemos este ano do cogito, legítimo, segundo cremos, no que o cogito não funda a consciência, mas justamente essa cisão do sujeito. Basta escrevê-lo: Sou pensando, “Logo, sou”. Constata-se que essa enunciação, obtida de uma ascese, cinde o ser, o qual, com seus dois pedaços, só se conjuga para manifestar a torção que sofreu em seu nó. Causação? Reviramento? Negatividade? É dessa torção que se trata de fazer a topologia.

Respostas a estudantes de filosofia (1966)

P. 212 - A psicanálise não tem que prestar contas à filosofia do erro filosófico, como se, a partir daí, a filosofia devesse “dar-se conta dele”. Não pode haver nada dessa ordem, visto que imaginá-lo é precisamente o próprio erro filosófico. O sujeito não está errado em se identificar com sua consciência, como vocês me fazem dizer, sabe Deus por quê, mas em só conseguir, com isso, deixar escapar a topologia que, nessa identificação, zomba dele. Eu disse: topologia. Pois é isso que prevalece aí. Quero dizer que, sem a estrutura, é impossível apreender o que quer que seja do real da economia do investimento, como se costuma dizer, mesmo sem saber o que se está dizendo.

P. 224-25 - Fornecemos a topologia que permite restabelecer a presença do próprio *percipiens* no campo em que, no entanto, ele é perceptível, e até mesmo em demasia nos efeitos da pulsão (exibição e voyeurismo). Essa topologia, que se inscreve na geometria projetiva e nas superfícies do *analysis situs*, não deve ser tomada, como acontece com os modelos ópticos em Freud, na categoria de metáfora, mas como representando a própria estrutura.

Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967)

P. 255 - Foi para fazer frente a essa falha que produzi o oito interior e, de modo geral, a topologia com que o sujeito se sustenta.

P. 261 - Antes de lhes propor uma forma, quero indicar que, de conformidade com a topologia do plano projetivo, é no próprio horizonte da psicanálise em extensão que se ata o círculo interior que traçamos como hiância da psicanálise em intensão.

Discurso na escola Freudiana de Paris (1970)

P. 270 - É pelo que tem de fracasso, portanto, que o sucesso chega ao caminho do psicanalisante, quando é o a posteriori do desejo do psicanalista e das aporias que ele demonstra. Essas aporias são as que illustrei há pouco com uma brincadeira mais atual do que parecia, uma vez que a nebulosidade do herói permite que se ria ao escutá-lo, mas só por surpreendê-lo com o rigor da topologia construída com sua névoa.

Talvez em Vincennes... (1975)

P. 317 - Aponto aqui a convergência: (1) da gramática, na medida em que ela faz rasgo do sentido, o que me permitirão traduzir dizendo que ela faz uma sombra da presa do sentido; (2) equívoco, com o qual acabo justamente de jogar, quando nele reconheço a abordagem predileta do inconsciente para reduzir o sintoma: contradizer o sentido.

Topologia - Refiro-me à matemática, e sem que em nada por enquanto a análise possa (a meu ver) infletir-la. O nó, a trança, a fibra, as conexões, a compacidade: todas as formas com que o espaço cria falha ou acumulação estão ali feitas para fornecer ao analista aquilo que lhe falta, ou seja, outro apoio que não o metafórico, a fim de sustentar sua metonímia.

O ato psicanalítico (1969)

P. 373 - Cabe portanto afirmar que o psicanalista, na psicanálise, não é sujeito, e que, por situar seu ato pela topologia ideal do objeto a, deduz-se que é ao não pensar que ele opera.

Radiofonia (1970)

P. 406-7 - Incorpórea é a função, que faz da matemática realidade, a aplicação, de igual efeito na topologia, ou a análise, em sentido amplo, na lógica. Mas é incorporada que a estrutura faz o afeto, nem mais nem menos, afeto a ser tomado apenas a partir do que se articula do ser, só tendo ali ser de fato, por ser dito de algum lugar. No que se revela que, quanto ao corpo, é secundário que ele esteja morto ou vivo.

Quem não conhece o ponto crítico pelo qual datamos, no homem, o ser falante? - a sepultura, ou seja, o lugar onde se afirma de uma espécie que, ao contrário de qualquer outra, o cadáver preserva o que dava ao vivente o caráter: corpo. Permanece como *corpse*, não se transforma em carniça, o corpo que era habitado pela fala, que a linguagem *corpsificava*.

P. 409 - O efeito de linguagem só se produz pelo cristal linguístico. Sua universalidade é apenas a topologia reencontrada, pelo fato de um discurso deslocar-se nela. O acesso topológico é até suficientemente pregnante para que a mitologia se reduza ao extremo.

P 416-17 - Mas não seria o próprio corte interpretativo que, para aquele que titubeia na borda, constitui um problema, por criar consciência? Ele revelaria então a topologia que o comanda num *crosscap*, ou seja, numa banda de Moebius. Pois é só por esse corte que essa superfície - na qual, partindo de qualquer ponto, tem-se acesso a seu avesso, sem que se tenha que mudar de lado (que tem uma única face, portanto) - se vê, num depois, provida de uma frente e um verso. A dupla inscrição freudiana não seria, portanto, da alçada de nenhuma barreira saussuriana, mas da própria prática que formula a pergunta, isto é, do corte mediante o qual o inconsciente, ao se retirar, atesta que consistia apenas nele, ou seja, quanto mais o discurso é interpretado, mais confirma ser inconsciente. A tal ponto que somente a psicanálise descobriria que existe um avesso do discurso - sob a condição de interpretá-lo.

P. 419-20 - Aquilo que Freud, em suas palavras expressas, alegorizou no recurso a Copérnico a propósito da destituição de um centro em benefício de outro, decorreu, na verdade, da necessidade de rebaixar a soberba ligada a todo monocentrismo. E ele o fez em razão daquilo com que lidou na psicologia - não vamos dizer em sua época, porque isso continua intocado na nossa: trata-se da pretensão com que um campo se constitui como "unidade" pela qual pode recensear-se. Por bufão que seja, isso é tenaz. Não há como essa pretensão preocupar-se com a topologia que pressupõe - a saber, a da esfera -, uma vez que ela nem sequer desconfia de que sua topologia seja um problema: não se pode supor diferente aquilo que não se supõe de modo algum.

P. 428 - Isso nos dá a oportunidade de passar para o avesso (esse é o propósito de meu seminário deste ano) da psicanálise, como aquela que é o discurso de Freud, que nele está suspenso. E isso sem recorrer ao Nome-do-Pai, do qual eu disse abster-me, viés legítimo a considerar da topologia que esse discurso deixa transparecer. Topologia em que irrompe o ideal monocêntrico (o fato de ser o sol não modifica nada) com que Freud sustenta o assassinato do Pai, muito embora, por dar a perceber que ele está na contramão da experiência judaica patriarcal, o totem e o tabu do gozo mítico o abandonem. Não a figura de Aquenaton.

P. 435 - Sua instância dinâmica consiste em provocar a balança com que um discurso vira outro, por defasagem do lugar onde se produz o efeito de significante. Seguindo minha topologia feita na enxada, nela encontramos a primeira abordagem freudiana, no sentido de que o efeito de "progresso" a esperar do inconsciente é a censura.

P. 441 - Muito precisamente, só elaborei a topologia que serve de fronteira entre a verdade e o saber para mostrar que essa fronteira está em toda parte, e só fixa um campo quando passamos a amar seu mais-além.

Finalmente, em *O aturdido* temos não só diversas referências à topologia como grande parte do texto dedicada especificamente àquilo que Lacan chamou de sua "recreação". Dessa forma, prescindimos das tantas citações que viriam aqui para, assim, indicar-lhes a integralidade do próprio texto do autor.